

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

JUCÉLIA AZEVEDO DOS SANTOS SILVA

**A EXPLORAÇÃO DAS MÁXIMAS CONVERSACIONAIS DE GRICE
COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA EM CHARGES E
COMENTÁRIOS NO *INSTAGRAM***

**VITÓRIA – ES
2021**

JUCÉLIA AZEVEDO DOS SANTOS SILVA

**A EXPLORAÇÃO DAS MÁXIMAS CONVERSACIONAIS DE GRICE
COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA EM CHARGES E
COMENTÁRIOS NO *INSTAGRAM***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, na área de concentração em estudos sobre texto e discurso.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Maria da Penha Pereira Lins.

VITÓRIA – ES
2021

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

S586e Silva, Jucélia Azevedo dos Santos, 1986-
A EXPLORAÇÃO DAS MÁXIMAS CONVERSACIONAIS DE GRICE COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA EM CHARGES E COMENTÁRIOS NO INSTAGRAM / Jucélia Azevedo dos Santos Silva. - 2021.
150 f. : il.

Orientadora: Maria da Penha Pereira Lins.
Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Pragmática. 2. Máximas conversacionais. 3. Implicaturas. 4. Argumentação. 5. Interação no Instagram. I. Lins, Maria da Penha Pereira. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

Jucélia Azevedo dos Santos Silva

**“A EXPLORAÇÃO DAS MÁXIMAS CONVERSACIONAIS DE GRICE
COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA EM CHARGES E
COMENTÁRIOS NO INSTAGRAM”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 15 de outubro de 2021.

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Maria Da Penha Pereira Lins (UFES)

Orientadora e Presidente da Comissão

Prof. Dr. Luciano Novaes Vidon (UFES)

Examinador Interno

Profa. Dra. Gesieny Laurett Neves Damasceno (UFES)

Coordenadora do PPGEL

Por: **Profa. Dra. Monica Lopes Smiderle de Oliveira (UAB)**

Examinadora Externa

e



MARIA DA PENHA PEREIRA LINS - SIAPE 99992065
Departamento de Línguas e Letras - DLL/CCHN
Em 10/11/2021 à 09:06

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://ap.lepisma.ufes.br/rquivos-assinados/305208?tipoArquivo=O>



e

LUCIANO NOVAES VIDON - SIAPE 1545399
Departamento de Línguas e Letras - DLL/CCHN
Em 10/11/2021 à 09:34

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://ap.lepism.ufes.br/rquivos-assinados/305231?tipoArquivo=O>



e

GES ENY LAURETT NEVES DAMASCENO - SIAPE 3008674
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística
Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGLi/CCHN
Em 12/11/2021 às 18:34

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/307966?tipoArquivo=O>

Dedico essa conquista à minha amada família,
que sonha comigo os meus sonhos e me apoia
em todos os meus projetos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo que fez (e tem feito) por mim. Por ter me permitido seguir com força e coragem, mesmo atravessando um momento tão difícil devido à pandemia do COVID-19.

À minha família - meus pais, meus irmãos e sobrinhos, por acreditarem tanto em mim e por todo apoio, mesmo distantes geograficamente. Ao meu amado esposo, meu maior incentivador, que sempre está ao meu lado, nas angústias e nos momentos de glória, fazendo de tudo para que meu mundo fique mais leve. Aos meus filhos, Ana Beatriz e Francisco (que nasceu junto com essa dissertação), por serem minha fortaleza e minha fonte inesgotável de amor. Toda minha força emana de vocês!

À minha querida orientadora, Penha Lins, por ser mais que uma orientadora. Por abrir as portas de sua casa para me receber. Pelas orientações, acompanhadas de carinho e café da tarde (estilo colonial!). Por me passar tanta segurança, por me acalmar nos momentos de aflição e por ser tão prestativa e amável. Obrigada por tudo, Penha!

Aos professores do PPGEL por todos os ensinamentos, especialmente ao professor Rivaldo Capistrano e Luís Fernando Bulhões, que aceitaram contribuir com meu trabalho ainda na sua fase inicial, no Colóquio. Ao professor Anderson, pelas excelentes aulas e pelas ricas contribuições no Exame de Qualificação. Ao querido professor Luciano Vidon, pela disciplina ministrada, pelo estágio e por aceitar fazer a leitura do meu trabalho e contribuir nessa fase final. À professora Mônica Smiderle, por todas as considerações na Qualificação e por aceitar participar da minha Defesa.

Aos servidores da Secretaria Integrada de Pós-graduação, em especial a Antônio, Victor e Aline, que sempre se empenharam em resolver as questões burocráticas.

Aos meus amigos, que sempre me apoiam, especialmente à minha querida amiga Diana Sarcinelli, que me ajudou demais nessa caminhada, desde o processo seletivo até aqui. Obrigada por partilhar seu conhecimento, sua experiência e sua amizade!

Aos meus colegas de turma, obrigada pelas trocas e pelo companheirismo!

Ao Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), que me concedeu a licença capacitação para que eu pudesse me dedicar ao mestrado.

Enfim, a todos que contribuíram de alguma forma para que esse sonho fosse concretizado.

Gratidão!

RESUMO

A proposta desta pesquisa é observar a relação da teoria das implicaturas (Grice (1982 [1975])) com as abordagens argumentativas, com o objetivo de destacar quando as máximas conversacionais griceanas são exploradas com fins persuasivos no ambiente digital. Nota-se que, cada vez mais, as pessoas utilizam o ambiente digital como espaço de interação, seja para produzir textos ou para consumi-los. Desse modo, a fim de compreender o uso da linguagem nesse espaço, propomos, na perspectiva da pragmática, analisar as interações na rede social *Instagram*, na qual permeiam diferentes gêneros textuais como publicidade, notícia, charge, comentário, entre outros. Para tanto, investigamos dois desses gêneros, veiculados no perfil *@laertegenial*, os quais apresentam uma dimensão argumentativa: a charge e o comentário. Analisamos 9 charges políticas, publicadas entre março e setembro de 2019, e 53 comentários. Em ambos os gêneros, percebemos que a violação das máximas ocorreu com frequência e intencionalmente, para causar determinado efeito nos interlocutores por meio de implicaturas, seja para criticar, denunciar ou persuadir o outro. Argumentamos que o *Instagram* funciona, muitas vezes, como uma “arena” do debate público, já que as pessoas estão sempre interagindo e se posicionando. No espaço destinado aos comentários, é possível observar esses posicionamentos e de que forma acontece o debate entre os usuários que assumem uma postura argumentativa. Ademais, as informações são veiculadas não só de forma explícita, mas, sobretudo, implicitamente. Isso significa que, no ambiente virtual, assim como na interação face a face, as pessoas se comunicam por implicaturas e, conseqüentemente, argumentam por implícitos. Além da pragmática, a análise presente neste trabalho se sustenta nos estudos de Koch (2018), Koch e Elias (2018), Fiorin (2020) e Amossy (2020), cujas propostas de trabalho auxiliaram a compreender como o falante da língua produz sua argumentação.

Palavras-chave: Pragmática. Máximas conversacionais. Implicaturas. Argumentação. Interação no Instagram.

RESUMEN

La propuesta de esta investigación es observar la relación de la teoría de las implicaturas (Grice (1982 [1975])) con los abordajes argumentativos, con el objetivo de destacar cuando las máximas conversacionales griceanas son exploradas con fines persuasivos en el ambiente digital. Se nota que, cada vez más, las personas utilizan el ambiente digital como espacio de interacción, sea para producir textos o para consumirlo. De ese modo, a fin de comprender el uso del lenguaje en ese espacio, nos propusimos, en la perspectiva de la pragmática, analizar las interacciones en la red social *Instagram*, en la cual permean diferentes géneros textuales como la publicidad, la noticia, la caricatura, el comentario entre otros. Para tanto, investigamos dos de esos géneros, vehiculados en el perfil *@laertegenial*, los cuales presentan una dimensión argumentativa: la caricatura y el comentario. Analizamos 9 caricaturas políticas, publicadas entre marzo y septiembre de 2019, y 53 comentarios. En ambos los géneros, notamos que la violación de máximas ocurrió con frecuencia e intencionalmente, para causar determinado efecto en los interlocutores por medio de las implicaturas, sea para criticar o persuadir el otro. Argumentamos que el *Instagram* funciona, muchas veces, como una “arena” del debate público, ya que las personas están siempre interactuando y posicionándose. En el espacio destinado a los comentarios, es posible observar esos posicionamientos y de qué manera ocurre el debate entre los usuarios que asumen una postura argumentativa. Además, las informaciones son vehiculadas no solo de forma explícita, pero, sobre todo, implícitamente. Eso significa que, en el ambiente virtual, así como en la interacción cara a cara, las personas se comunican por implicaturas y, consecuentemente, argumentan por implícitos. Además de la pragmática, el análisis presente en este trabajo se sustenta en los estudios de Koch (2018), Koch e Elias (2018), Fiorin (2020) y Amossy (2020), cuyas propuestas de trabajo ayudaron a comprender como el hablante de la lengua produce su argumentación.

Palabras clave: Pragmática. Máximas conversacionales. Implicaturas. Argumentación. Interacción en Instagram.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Divisão das implicaturas.....	26
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Quadro das categorias por implicaturas	66
Quadro 2: Resumo das análises	135

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Exploração das máximas nas charges.....	140
Gráfico 2 – Exploração das máximas nos comentários.....	140

LISTA DE CHARGES

Charge 1.....	67
Charge 2.....	76
Charge 3.....	84
Charge 4.....	92
Charge 5.....	100
Charge 6.....	108
Charge 7.....	115
Charge 8.....	122
Charge 9.....	128

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	17
1. NOÇÕES DE PRAGMÁTICA.....	21
1.1 GRICE (1982 [1975]).....	23
1.1.1 Implicaturas conversacionais	26
2. TEORIAS DA ARGUMENTAÇÃO	30
2.1 A ARGUMENTAÇÃO NOS GÊNEROS.....	30
2.2 UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA.....	30
2.3 A ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA DOS ENUNCIADOS	32
2.4 A DIMENSÃO ARGUMENTATIVA NO DISCURSO	34
2.4.1 Princípios dos tipos de argumentos quase lógicos.....	36
2.4.2 Princípios dos tipos de argumentos fundamentados na estrutura da realidade	40
2.4.3 Princípios dos tipos de argumentos que fundamentam a estrutura do real.....	42
2.5 A ARGUMENTAÇÃO NO FUNCIONAMENTO DISCURSIVO	43
2.5.1 Os esquemas argumentativos no discurso.....	45
3. GÊNEROS NO <i>INSTAGRAM</i>	49
3.1 GÊNERO TEXTUAL.....	50
3.2 MULTIMODALIDADE NOS GÊNEROS	51
3.3 INTERTEXTUALIDADE.....	53
3.4. O GÊNERO CHARGE.....	55
3.5 O GÊNERO COMENTÁRIO.....	57
4. METODOLOGIA E DADOS	60
4.1 O CORPUS	60
4.2 A CARTUNISTA LAERTE COUTINHO	61
4.3 OS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	62
5. IMPLICATURAS E ARGUMENTAÇÃO NO <i>INSTAGRAM</i>.....	65
5.1 IMPLICATURA 1: A INTOLERÂNCIA POLÍTICA, SOBRETUDO NO CONTEXTO ATUAL, DISSEMINA O ÓDIO E FOMENTA A VIOLÊNCIA.....	67
5.2 IMPLICATURA 2: O GOVERNO DE BOLSONARO É UMA AMEAÇA À DEMOCRACIA.....	92

5.3 IMPLICATURA 3: O PRESIDENTE BOLSONARO NÃO TEM O DEVIDO PREPARO PARA O CARGO DE CHEFE DE ESTADO.	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
REFERÊNCIAS	146
ANEXO I	149

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Concebemos a linguagem humana, em consonância com Koch (2018), não apenas como um instrumento de comunicação ou como representação do mundo e do pensamento, mas sim como forma de “inter-ação” social. A Linguística, visando elucidar o funcionamento da linguagem, estuda a língua em seus mais variados aspectos, e a depender do propósito de cada pesquisa, a análise se dará por enfoques diferentes.

Este trabalho está centrado no uso concreto da linguagem, portanto, está situado nos estudos da pragmática que, conforme Levinson (2007), tem a preocupação de estudar a relação entre a língua e seu contexto de uso. Assim, em uma perspectiva pragmática, é oportunizado ao estudioso da linguagem desenvolver pesquisas focalizando quaisquer textos, já que representam o processo interacional.

Ademais, quando pensamos em interação, não podemos nos restringir apenas a interação face a face, uma vez que com o advento das novas tecnologias digitais, surgiram também outras formas de interação, pois “a maioria das práticas digitais é mediada por textos. A produção e utilização de textos *online* ocupam grande parte da vida das pessoas” (BARTON; LEE, 2015, p. 204-205, grifo do autor), principalmente no tocante às redes sociais, que conectam inúmeros usuários e promovem diálogos o tempo todo. Um exemplo é a rede social *Instagram*, na qual há produções textuais em abundância e a cada dia vem ganhando mais usuários.

Nessa rede social, uma postagem pode resultar em uma interação que, muitas vezes, se prolonga de forma incontrolável. Por isso, desperta nos estudiosos da linguagem um interesse de compreender como seus usuários se comportam nesse ambiente em termo de linguagem. Dessa forma, o *Instagram* viabiliza muitas possibilidades de análise a depender de como o pesquisador deseja conduzir sua pesquisa. Pensando nisso, este trabalho propõe um olhar para relações com a linguagem nessa rede social, focalizando as intenções dos seus usuários, bem como o contexto de produção. Para tanto, ancorada na teoria pragmática das implicaturas e embasada em teorias da argumentação voltada para o texto e o discurso, analisamos charges

da cartunista brasileira Laerte Coutinho, publicadas no perfil *@laertegenial*, e comentários reportados a elas.

Laerte Coutinho, segundo Theodoro (2016), tem um histórico de engajamentos e ativismos. A título de exemplificação, o autor cita a atuação dela, durante a juventude, contra a ditadura militar no Brasil. Além de política, a cartunista atua em outras frentes, como as causas relacionadas à transgeneridade, por exemplo. Essa contextualização é muito importante para compreendermos também as produções de Laerte, pois em sua obra aparece frequentemente algum tipo de engajamento, sobretudo político-social.

Assim, observamos que quando Laerte utiliza o *Instagram* para expor suas charges, ela também desvela, nesse espaço, seu posicionamento político-ideológico, sua militância, gerando uma série de embates entre os seguidores do perfil *@laertegenial*, já que muitos têm opiniões dissonantes em relação às publicações. Isso nos remete às palavras de Cabral e Lima (2016) quando afirmam que

a emergência dos espaços digitais proporcionou amplas possibilidades de divulgação de informações e de proliferação de tomadas de posição. A construção de opiniões e de identidades acontece nos espaços públicos das mídias digitais e das redes sociais (CABRAL, LIMA, 2016, p.88).

No *Instagram*, as informações são difundidas com muita rapidez e o conteúdo, dada a subjetividade de cada perfil, nem sempre é recebido com bom grado, porque, nesse espaço, há ideias convergentes e divergentes entre os seguidores dos perfis. Geralmente, quando as postagens envolvem um posicionamento ou um juízo de valor, costumam gerar confrontos entre os participantes da interação. Por essa razão, procuramos entender como funciona a comunicação na referida rede social e como os indivíduos se comportam com a linguagem nesse ambiente. Propomo-nos também a observar a relação da teoria das implicaturas com essa nova forma de interação.

No caso do perfil *@laertegenial*, as interações podem ocorrer de várias formas. Quando são publicadas charges, por exemplo, tem-se a interação entre os personagens da charge, quando houver; entre a cartunista e seu interlocutor; ou ainda entre os usuários da rede social, no espaço destinado a comentários relativos às

postagens. Com isso, observamos que os diálogos acontecem o tempo todo. Desse modo, quando se publica uma charge, os sentidos vão sendo construídos pelos usuários, muitas vezes, cooperativamente, visto que cada um tenta contribuir, de alguma forma, com o que conseguiu captar da publicação.

Considerando que no ato comunicativo pode haver falha na comunicação, o que pode gerar interpretações equivocadas, já que há vários fatores que envolvem a produção de sentido; nas charges, essa situação pode ocorrer por muitas razões, e uma delas pode ser a exigência da participação do leitor nesse processo de construção de sentido. Como as publicações nesse perfil costumam ser muito comentadas por seus seguidores, é possível observar que muitos deles extrapolam, distorcem, ou não conseguem contemplar minimamente o que a chargista intenciona transmitir, por conta, muitas vezes, da ausência de conhecimento partilhado.

Então, considerando o contexto político atual do Brasil, o engajamento político-social da chargista e a função do gênero charge, observamos que muitas vezes Laerte usa a linguagem para criticar, provocar, persuadir, defender seus posicionamentos. Assim, há questionamentos e inquietações, imbuídos em sua arte, que não estão ditos explicitamente, mas que são comunicados. No entanto, essas intenções nem sempre são captadas pelos usuários que comentam as charges, o que pode desencadear mal-entendidos e conflitos entre eles, em seus comentários.

Desse modo, por meio de elementos explícitos e implícitos, Laerte está sempre defendendo uma tese. E como o texto chargístico é muito sugestivo, ela se apropria de muitos elementos, linguísticos e não linguísticos, para marcar um posicionamento. Há, pois, argumentos ali que não estão dados, mas que, geralmente, podem ser captados por inferências. E quando essas inferências não são alcançadas, a mensagem implícita fica comprometida.

Assim, nossa hipótese é que as máximas griceanas são exploradas com propósitos argumentativos, sejam para convencer, persuadir ou desqualificar o outro, sejam para negar ou (re)afirmar uma tese. Por essa razão, propomos analisar a argumentação que reside nas charges de Laerte, publicadas no *Instagram*, por meio das implicaturas

que são disparadas quando acontece a transgressão. Também nos debruçamos sobre os comentários com os mesmos propósitos, posto que, além das curtidas e dos compartilhamentos, é por meio deles que a interação se materializa nessa rede social.

Trilhando esse caminho, esse trabalho busca analisar o que está implicado nas charges de Laerte e nos comentários dos usuários, bem como observar as ocorrências em que as máximas são violadas como estratégia argumentativa em ambos os gêneros. Analisamos charges e comentários, publicados entre os meses de março e setembro de 2019, e examinamos os processos interacionais resultantes dessas publicações. Para tanto, a teoria das implicaturas e o princípio cooperativo de Grice (1982 [1975]), sobretudo no que diz respeito à violação das máximas, foram a base dessa pesquisa. Ademais, fundamentaram nossas análises, no que tange às questões da argumentação, principalmente, Koch (2018), Koch e Elias (2018), Fiorin (2020) e Amossy (2020).

Além das considerações iniciais e finais, este trabalho está dividido em cinco capítulos: no primeiro capítulo, é feita uma exposição sobre as noções pragmáticas, focalizando a teoria das implicaturas; no segundo capítulo, percorremos alguns conceitos das teorias da argumentação até chegarmos ao nosso aporte teórico; no terceiro capítulo, falamos um pouco sobre a rede social *Instagram* e tratamos de alguns conceitos pertinentes ao nosso trabalho como gênero textual, multimodalidade e intertextualidade. Além de focar os dois gêneros que fazem parte do nosso *corpus*: charge e comentário da internet; no quarto capítulo, abordamos brevemente a biografia de Laerte Coutinho, mostramos como aconteceu a construção do *corpus* e como foram feitos os procedimentos de análise; por fim, no último capítulo, analisamos as implicaturas e a argumentação aplicadas ao nosso *corpus*.

No capítulo a seguir, abordamos algumas noções de pragmática e a teoria das implicaturas.

1. NOÇÕES DE PRAGMÁTICA

Definir pragmática não é algo unívoco nem exato, visto que há várias definições para o termo. Importa ressaltar que essas definições não são excludentes, muito pelo contrário, elas se complementam entre si. A pragmática é, define Lins (2008, p. 2), “o estudo do uso linguístico”, isto é, a língua é usada por seus usuários em contextos reais de comunicação. Dessa forma, quando pensamos em analisar os fenômenos da linguagem à luz da pragmática, precisamos, antes de tudo, considerá-los para além da sua estrutura linguística, pois a pragmática

se ocupa de estudar o significado linguístico, mas não o significado das palavras isoladas de contexto, nem das orações isoladas de contexto, mas sim o significado das palavras (ou orações, ou fragmentos de orações) usadas em atos de comunicação (REYES, 2007, p. 8, tradução nossa)¹.

Uma das preocupações da pragmática, portanto, é essa relação entre o significado linguístico e seu contexto de produção. Há também um cuidado de se voltar para o usuário da língua, uma vez que este é quem faz uso efetivo da linguagem, dito de outro modo, a pragmática “analisa as significações dos enunciados produzidos, buscando compreender o que as pessoas querem realmente dizer, indo muito além do que foi dito” (LINS, 2016, p. 41). Podemos, então, compreender nossas ações linguísticas como ações intencionais, já que quando dizemos alguma coisa, intencionamos; e quando o fazemos, esperamos que nosso interlocutor perceba, ao menos em parte, essas intenções. Para Oliveira e Basso (2014), o objetivo da pragmática é justamente explicar como ocorrem, a partir do significado veiculado pelas sentenças proferidas, essas atribuições de intenção.

Com o intuito de delimitar o escopo da pragmática, muitos estudiosos tentam estabelecer, de certa forma, as fronteiras entre a pragmática e a semântica. Levinson (2007, p.14), por exemplo, traz uma definição interessante quando diz que a pragmática “é o estudo de todos os aspectos do significado não capturados em uma teoria semântica”, porque ressalta a importância da pragmática para apreender os significados que transcendem o significado da sentença.

¹La pragmática se ocupa de estudiar el significado lingüístico, pero no el significado de la palabra aislado de contexto, ni de las oraciones aisladas de contexto, sino el significado de las palabras (u oraciones, o fragmentos de oraciones) usadas en actos de comunicación.

Nessa direção, Oliveira e Basso (2014) pontuam que uma disciplina difere da outra não por se tratar de olhares diferentes sobre um mesmo objeto, mas por serem olhares diferentes sobre objetos diferentes. Assim, embora a pragmática não despreze o significado da sentença para suas análises, tem-se uma outra perspectiva de análise, posto que o usuário da língua e o contexto são indispensáveis nas produções de sentido, e o foco é dado ao significado do falante, ou seja, ao que significamos quando produzimos enunciados.

Reyes (2007) esclarece que essas distinções nem sempre são nítidas, apesar de também distinguir o significado semântico (o linguístico) do significado pragmático (o do falante). Dessa maneira, podemos compreender este último significado como o mais completo, visto que engloba além da informação explícita (o dito), a informação implicada (o não dito). Considerar isso é muito importante porque, em muitos casos, o significado linguístico sozinho não é suficiente para compreender plenamente uma dada informação. Além disso, um mesmo enunciado pode produzir efeitos de sentidos diferentes a depender daquilo que o falante quer atribuir aos seus proferimentos.

Por isso, é preciso buscar o que quer significar o falante, ir além do que está dito explicitamente. Como pontuam Oliveira e Basso (2014, p.30), “talvez a característica mais marcada das conversas seja o fato de interpretarmos e conversarmos para além daquilo que é explicitamente dito”. Isso corrobora a tese de que o significado da sentença por si só pode não ser suficiente na produção de sentidos. E interpretar os enunciados perpassando as formas linguísticas, baseando-se nos elementos não linguísticos e voltando-se para as pessoas, que é quem faz uso da língua, é, pois, competência da pragmática.

Considerando que estamos inseridos em uma época em que os textos e as interações vêm sofrendo mudanças devido às novas tecnologias digitais, poderíamos ampliar ainda mais essa noção pragmática, já que nas redes sociais, por exemplo, as pessoas se relacionam diferentemente de uma comunicação face a face, pois nesses ambientes existem outras formas de linguagens disponíveis para auxiliar o usuário na construção de seus enunciados e, conseqüentemente, nos efeitos de sentidos dos interlocutores. Dessa forma, a pragmática vai estudar também o uso dessas outras

linguagens disponíveis nessas interações, observando, portanto, os fenômenos multimodais.

Nos subcapítulos seguintes, abordamos noções de implicaturas e tecemos considerações sobre um dos principais teóricos da pragmática, Hebert Paul Grice.

1.1 GRICE (1982 [1975])

Situada no âmbito da filosofia analítica da década de 1950, a obra de Grice (1982 [1975]) contribui muito para os estudos pragmáticos. A ideia dele é tentar explicar como funciona nossa comunicação e, para tanto, desenvolveu um conjunto de noções teóricas que fundamentam o modelo inferencial proposto por ele. Isso está evidenciado em seu texto *Lógica e Conversação*, no qual formula um princípio geral que governa nossa conversação e seu desdobramento em máximas conversacionais, que tentam explicar de que modo somos cooperativos nas nossas conversas.

Segundo o filósofo, no processo conversacional os enunciados não podem ser entendidos como frases desconectadas. Existe uma relação de cooperação entre os interlocutores, isto é, quando um indivíduo profere um enunciado, ele o faz com um objetivo, e o receptor coopera para que esse objetivo seja atendido. Dito de outro modo, no processo de interação há um contrato que rege o diálogo, no qual os participantes fazem esforços cooperativos para que a conversação seja bem-sucedida. Para Grice, se esse acordo tácito não existisse, a comunicação não poderia ser efetivada. A partir dessa tese, então, o autor formulou o Princípio da Cooperação.

Podemos formular, então, um princípio muito geral que se esperaria que os participantes observassem: Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que está engajado (GRICE, 1982 [1975], p. 86).

Juntamente com este princípio geral, o filósofo elaborou as máximas conversacionais, que estabelecem o que normalmente acontece com os indivíduos nas interações, ou seja, de acordo com as máximas, seguimos involuntariamente alguns pressupostos em nossos diálogos. Essas máximas foram organizadas em quatro categorias:

quantidade, qualidade, relação e modo. As três primeiras correspondem ao que é dito; a última, por sua vez, corresponde à maneira de como é produzido o enunciado.

No que diz respeito à categoria da quantidade, que como o nome já revela, tem relação com a quantidade de informação a ser fornecida, o autor afirma “faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerida (para o propósito corrente da conversação); não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido”. Essa máxima requer que, no processo comunicativo, o interlocutor dê apenas a informação necessária, isto é, espera-se que ele não dê mais nem menos informação do que está sendo requisitado.

Em relação à categoria da qualidade, o filósofo explica que nela encontra-se uma supermáxima: “trate de fazer uma contribuição que seja verdadeira” Grice (1982 [1975]), além das duas máximas específicas: “não diga o que você acredita ser falso; não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência adequada”. Dessa maneira, esta categoria está relacionada à veracidade da informação. Como no processo interacional os interlocutores tendem a ser cooperativos e dizer sempre a verdade, toda interação está pautada nessa máxima.

A outra categoria, a da relação, para qual Grice (1982 [1975]) esclarece uma única máxima: “seja relevante”, refere-se à relevância da informação, isto é, solicita ao locutor que contribua com informações pertinentes à conversação. Muitas vezes uma informação pode aparentar não ter relação direta com o conteúdo da conversa, no entanto a pertinência pode ser constatada com inferências a partir do conhecimento compartilhado pelos interlocutores.

Já a categoria do modo, diferentemente das categorias anteriores, está relacionada a como está formulada a informação. Além da supermáxima: “seja claro”, Grice (1982 [1975]) subdividiu essa categoria em quatro máximas específicas: “evite obscuridade de expressão; evite ambiguidade; seja breve (evite prolixidade desnecessária); seja ordenado”.

Como pôde ser observado, o autor especificou algumas regras que governam inconscientemente nossas trocas de informações e, como essas regras são naturalmente seguidas, somos cooperativos o tempo todo em nossas conversas. É importante pontuar que qualquer uma dessas máximas pode sofrer violação em um ato comunicativo, posto que no curso da conversação, por diversas razões, nem sempre elas são obedecidas.

Grice nos apresenta algumas situações em que isso ocorre:

- i) uma máxima pode ser violada de forma não proposital. Nesse caso, corremos o risco de provocar mal-entendidos;
- ii) podemos rejeitar uma máxima para indicar que estamos impedidos de cumpri-la, quando não queremos ou não podemos cooperar com o interlocutor;
- iii) quando há um conflito de máximas, podemos desrespeitar uma para preservar outra;
- iv) abandonar uma máxima propositalmente.

Esta última é uma situação característica que faz surgir uma implicatura conversacional. E quando ela emerge desses casos, dizemos que a máxima não foi violada, mas sim explorada. Entendemos que esse seja o caso do nosso *corpus*, dado que nas análises percebemos que a transgressão ocorreu intencionalmente.

Vale ressaltar que o falante pode explorar uma máxima para sinalizar ao interlocutor o desejo de maximizar aquilo que foi dito. Mesmo fazendo isso, ele ainda está sendo colaborativo na interação, pois como bem observam Oliveira e Basso (2014), quando abandonamos o PC, esse abandono é apenas aparente, porque, na verdade, tiramos proveito dele por acreditar que nossos intérpretes conseguem realizar determinados raciocínios. E por meio desses raciocínios somos capazes de interpretar e responder às implicaturas.

1.1.1 Implicaturas conversacionais

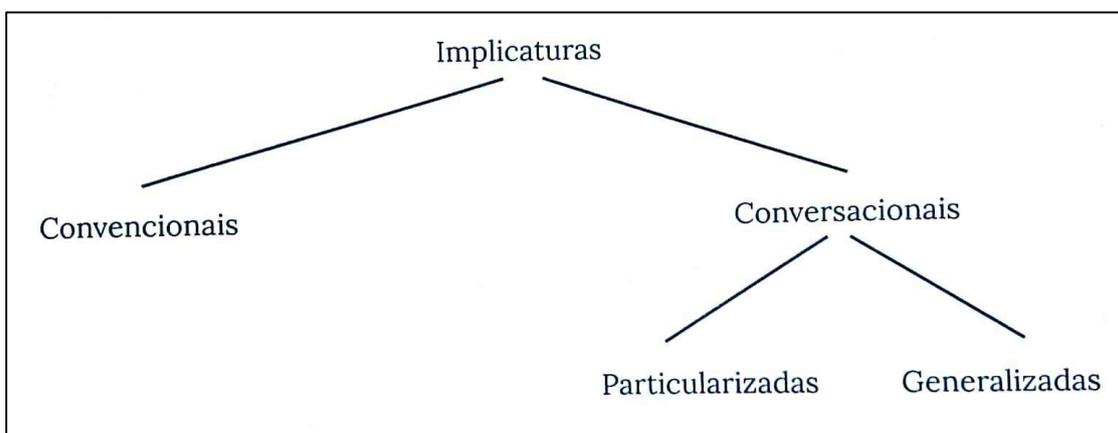
Em nossas interações comunicamos mais do que dizemos explicitamente, isso porque por trás do que proferimos há informações implícitas que precisam ser capturados por nossos interlocutores, já que

nenhum texto apresenta de forma explícita *toda* a informação necessária à sua compreensão: há sempre elementos implícitos que necessitam ser recuperados pelo ouvinte/leitor por ocasião da atividade de produção do sentido (Koch, 2018, p. 25, grifo da autora).

Essa informação não dita é um tipo de inferência que Grice (1982 [1975]) chamou de implicatura. Segundo Oliveira e Basso (2014, p.34), “as implicaturas são disparadas quando o falante abandona explicitamente o princípio [cooperativo] e assim ele quer que seu intérprete perceba que ele está sendo cooperativo em outro nível”. Mais uma vez, os autores chamam a atenção para o aparente abandono do PC, já que deixar de seguir o princípio sinaliza que o conteúdo da sentença precisa ser ampliado, o que exige do interlocutor um esforço para capturar o que o falante está querendo significar.

Segundo Grice (1982 [1975]), há dois tipos de implicaturas: aquelas em que a inferência resulta do significado convencional das palavras - as *convencionais*; e aquelas que não dependem do significado linguístico isoladamente, mas sim do contexto da interação – as *conversacionais*. Estas últimas são separadas em *generalizadas* e *particularizadas*, conforme o esquema abaixo:

Figura1: Divisão das implicaturas



Fonte: Oliveira e Basso, 2014, p. 39

As implicaturas convencionais estão fortemente atreladas ao código linguístico. Dessa forma, elas são disparadas por um item linguístico específico como, por exemplo, a conjunção adversativa “mas”, que indica em uma sentença uma oposição em relação a outra. Como pode ser observado no exemplo abaixo:

- 1) a. Juliana é casada e feliz.
- b. Juliana é casada, mas feliz.

Se compararmos as duas sentenças acima, observaremos que (1b) diz mais do que (1a). Isso porque o item linguístico “mas” dispara a implicatura convencional de adversidade. Compreendemos em (b) que o fato de estar casado é motivo de infelicidade, o que não acontece na sentença (a) com a conjunção e. No nível do dito, temos duas informações sendo veiculadas em (1b), que Juliana é casada e que é feliz. No entanto, há uma informação adicional que não faz parte desse conteúdo, porém está implicada convencionalmente pela conjunção adversativa, a ideia de que pessoas casadas em geral não são felizes, e Juliana é uma exceção.

As implicaturas conversacionais receberam maior atenção de Grice e foram categorizadas por ele em particularizadas e generalizadas. Essas implicaturas apresentam algumas características importantes que não aparecem nas convencionais, a saber, *cancelabilidade* (são passíveis de cancelamento), *destacabilidade* (nas expressões que possuam o mesmo conteúdo ocorrem as mesmas implicaturas), *não convencionalidade* (não estão ligadas a um item lexical específico) e *indeterminabilidade* (o que é implicado se altera conforme o contexto).

As implicaturas conversacionais generalizadas, assim como as implicaturas convencionais, têm uma tendência de se manterem constantes na maioria dos contextos, isso porque não dependem de um contexto particular para ser disparada, ou seja, a implicatura generalizada ocorre mesmo sem o apoio da situação de comunicação. Sua dependência é mais do contexto gramatical, como pode ser observado no exemplo abaixo:

2. a. Alguns candidatos passaram no concurso

No enunciado acima, por conta do termo “alguns”, está sendo veiculada a implicatura de que nem todos os candidatos foram aprovados no concurso, já que o elemento linguístico “alguns” implica normalmente “nem todos”. Esse tipo de implicatura pode ser confundido com uma implicatura convencional, no entanto não é o caso já que as implicaturas generalizadas podem ser canceladas (em contextos especiais), característica ausente nas convencionais. Podemos supor que nesse proferimento o falante usa “alguns” por não saber ou não acreditar que todos tenham passado no concurso. Então, ele está sendo cooperativo, pois fornece o máximo de informação de que dispõe.

Já as implicaturas conversacionais particularizadas emergem de contextos específicos, dependendo fundamentalmente das situações de fala. Por isso, um mesmo enunciado pode gerar implicaturas diferentes a depender da situação. Nesse tipo de implicatura existe um hiato entre o que é dito e o que é comunicado pelo falante, e as inferências pelo ouvinte são possíveis graças ao acordo de cooperação entre os interlocutores, uma vez que as implicaturas estão condicionadas aos princípios que governam a conversação. Tanto o contexto situacional quanto o conteúdo não dito fazem parte do que está sendo comunicado pelo falante, posto que o interlocutor parte da informação dita explicitamente para compreender o significado do falante, isto é, o conteúdo pragmático.

Grice deu especial importância para as implicaturas conversacionais particularizadas. Para ele, por trás do que falamos há sempre uma intenção que pode ser desvelada por meio das percepções de implicaturas.

Tendo em vista o conjunto de noções teóricas proposto por Grice, focamos para este trabalho as implicaturas conversacionais particularizadas, por considerá-las mais relevantes para compreender o funcionamento das interações no nosso *corpus*, visto que nosso propósito é, principalmente, compreender e analisar como acontecem as produções de sentido no ambiente do *Instagram* e explicar como as implicaturas emergem.

Para reconhecer essas implicaturas, consideramos além do conteúdo linguístico, o contexto situacional, o significado do falante, bem como as possíveis intenções dos agentes envolvidos no processo comunicativo, pois observamos que Laerte utiliza, em suas charges, várias estratégias argumentativas para defender seu ponto de vista. Com isso, a maneira como ela formula a informação pode resultar, propositalmente, na violação das máximas de Grice e, conseqüentemente, na origem de implicaturas.

Essas estratégias também aparecem nos comentários que tencionam contra-argumentar, seja aquilo que se apresenta nas charges ou em outros comentários. São essas estratégias que interessam a nossa pesquisa, pois exigirá do leitor um esforço maior, já que este precisará captar além das intenções dos locutores, as informações implicadas na mensagem.

No capítulo seguinte, apresentamos algumas considerações sobre a argumentação.

2. TEORIAS DA ARGUMENTAÇÃO

2.1 A ARGUMENTAÇÃO NOS GÊNEROS

Em conformidade com Amossy (2020, p.41), entendemos que “a argumentação se inscreve sempre num tipo e num gênero do discurso”. Em alguns textos a argumentatividade aparecerá de forma mais evidente, ao passo que em outros revelar-se-á de forma velada.

No caso da charge, por se tratar de um texto opinativo, já traz na sua essência a argumentatividade. Nela, o chargista tende a condensar informação, humor e crítica em uma multiplicidade de linguagens. Por isso, é muito importante considerar a multimodalidade na análise de textos dessa natureza. Em um processo de persuasão, as opiniões, as crenças, as convicções vão sendo apresentadas pelo chargista. Há, pois, uma força argumentativa que emerge do texto chargístico. O gênero comentário, por sua vez, também tem uma carga argumentativa muito forte, pois é por meio dele que são produzidas análises, ponderações e opiniões.

Considerando a natureza do nosso *corpus* e compreendendo que há várias teorias que tratam da argumentação, concebemos, para essa pesquisa, a argumentação com finalidade persuasiva, com o intuito de convencimento ou adesão à determinada tese. Faremos, a seguir, uma breve contextualização sobre algumas teorias da argumentação antes das considerações do nosso aporte teórico.

2.2 UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

A retórica de Aristóteles (329 e 323 a.C.), entendida como arte de persuadir, grosso modo, preocupava-se com o convencimento sobre determinada coisa, isto é, por meio da palavra, destinada a um auditório, tentava-se influenciá-lo sobre tomada de decisões. Situava-se em um espaço político e institucional, já que as decisões públicas convocavam as pessoas para o debate, que era feito por meio da prática da palavra pública. Para que um discurso fosse bem construído, era preciso considerar o *ethos* (imagem que o orador constrói de si); o *pathos* (emoção que o orador procura

provocar no auditório) e o *logos* (organização textual do discurso). Em suma, a retórica aristotélica estuda os meios de persuasão.

A Nova Retórica, teoria muito importante para os estudos da argumentação, reflete sobre a dimensão comunicacional em toda argumentação, estuda as técnicas argumentativas buscando, sobretudo, sistematizar regras para obter a adesão do auditório. O enfoque é dado aos interlocutores dos textos, dada a influência recíproca que orador e auditório exercem um sobre o outro. Alia os principais elementos da Retórica de Aristóteles a um olhar atualizado, uma vez que a argumentação aqui não se desenvolve no campo do raciocínio puramente lógico. O *Tratado da argumentação* (Perelman, 1996) define então a argumentação como a *adesão dos espíritos*. Nesse sentido, consideram as condições psíquicas e sociais dos sujeitos, pois sem elas a argumentação ficaria sem efeito. Por isso, na sua perspectiva argumentativa, há pouca preocupação com a linguagem, pois, segundo Plantin (2008, p.3), “na busca da *adesão dos espíritos*, a mediação linguística tende a desaparecer”.

Para a Teoria da Argumentação na Língua (TAL), a língua é fundamentalmente argumentativa, ou seja, a argumentação é inerente à língua. Essa teoria se distancia da concepção de Aristóteles, na medida em que retórico para Ducrot (1994) – sentido do enunciado em contexto- é entendido como sinônimo de pragmática. Nessa teoria, argumentação é entendida como o encadeamento de enunciados que visa determinada conclusão, então, argumentar é orientar o discurso para provocar determinados efeitos de sentido. Não é intenção de Ducrot (1994) analisar estratégias de persuasão, tampouco olhar para o discurso. Há uma rejeição desta teoria à retórica, pois para ela a argumentação está na língua e não na lógica.

Essa contextualização nos permite mostrar que não há apenas uma teoria que trata da argumentação, pelo contrário são muitas perspectivas teóricas que tratam do tema, cada qual ao seu modo. No entanto, como para essa dissertação a argumentação foi concebida como uma atividade de persuasão e convencimento, ou seja, tem uma intenção de aderir a determinada tese, encontramos suporte teórico em Koch (2018), que se situa dentro do pensamento de Ducrot (1994); Fiorin (2020), que revisita as contribuições de Perelman (1996); e Amossy (2020), que também se ampara na Nova

Retórica, ampliando a definição de argumentação. Embora oriundas de perspectivas diferentes, essas teorias se complementam para contemplar nossas análises. As propostas desenvolvidas por Koch (2018), Koch e Elias (2018), Amossy (2020) e Fiorin (2020) convergem, na medida em que enfatizam que o discurso argumentativo visa persuadir o interlocutor, isto é, modificar seu olhar para uma determinada orientação. No subcapítulo que segue, abordamos com mais detalhes as propostas desses autores.

2.3 A ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA DOS ENUNCIADOS

Em nossas interações verbais estamos constantemente suscetíveis a julgar ou sermos julgados, criticar ou sermos criticados, influenciar ou sermos influenciados, convencer ou sermos convencidos, e assim por diante, ou seja, constantemente pretendemos agir sobre o outro de alguma forma. Para tanto, usamos a linguagem. Segundo Koch (2018):

quando interagimos através da linguagem (quando nos propomos a jogar o “jogo”), temos sempre objetivos, fins a serem atingidos; há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos *atuar* sobre o(s) outro(s) de determinada maneira, obter dele(s) determinadas reações (verbais ou não verbais). É por isso que se pode afirmar que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo: pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusão de outras) (KOCH, 2018, p. 29, grifo da autora).

Assim, o tempo todo intencionamos influenciar o outro em seu comportamento e fazemos isso por meio de determinada força argumentativa em nossos enunciados. Dito de outro modo, ao proferir determinado enunciado fazemos escolhas, que não são neutras, e é nessas escolhas, dotadas de argumentatividade, que orientamos nosso interlocutor para uma conclusão e não para outra. Usamos, pois, a linguagem para argumentar. Argumentar para Koch e Elias (2018)

é tentar influenciar o nosso interlocutor por meio de argumentos cuja constituição demanda apresentação e organização de ideias, bem como estruturação do raciocínio que será orientado em defesa da tese ou ponto de vista, visando à adesão do interlocutor. (KOCH e ELIAS, 2018, p. 34)

Então, argumentar pressupõe a intenção do falante e a aceitabilidade do interlocutor, já que existem pontos de vistas em conflito. É nas relações divergentes que reside a

argumentação, pois de um lado, há um enunciador que, intencionalmente, quer influenciar o outro a aderir sua tese; e, do outro, aquele que recebe os argumentos de defesa e decide se os valida ou os refuta, a depender de como a argumentação é conduzida. A argumentatividade, portanto,

permeia todo o uso da linguagem humana, fazendo-se presente em qualquer tipo de texto e não apenas naqueles tradicionalmente classificados como argumentativos. [...] *Não há* texto neutro, objetivo, imparcial: os índices de subjetividade se introjetam no discurso, permitindo que se capte a sua orientação argumentativa (KOCH, 2018, p.65, grifo da autora).

Desse modo, mesmo que não se admita, todo discurso é dotado de carga argumentativa, seja direta ou indiretamente. Usamos estratégias persuasivas que orientam nossos enunciados para um caminho em detrimento de outros. Há textos em que a intenção argumentativa aparece de forma mais explícita que em outros, ainda assim a força argumentativa não desaparece.

Para Koch e Elias (2018), a língua possui determinados elementos que têm a função de indicar a força argumentativa dos enunciados. E os operadores argumentativos são elementos linguísticos que permitem essa orientação. Por essa razão, elas compreendem, baseadas em Ducrot (1994), que a argumentação está inscrita na própria língua.

Nas nossas interações usamos quase sempre esses operadores, tendo em vista que eles são responsáveis, na estrutura textual, pelos encadeamentos dos enunciados. Há vários tipos de marcadores argumentativos: aqueles que somam argumentos de uma mesma conclusão (e, também, nem, além de etc.); os que indicam um argumento mais forte de uma escala a favor de certa conclusão (até, até mesmo, inclusive); aqueles que deixam a existência de uma escala com argumentos mais fortes subentendida (ao menos, pelo menos, no mínimo); os operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões opostas (mas, porém, todavia, no entanto etc).

Nesses últimos operadores, as autoras fazem uma distinção entre o “mas” e o “porém” do ponto de vista da estratégia argumentativa, posto que aquele conector é usado como uma estratégia de suspense, já este, como estratégia de antecipação;

operadores que introduzem uma conclusão (logo, portanto, pois, por isso etc.); aqueles operadores que estabelecem uma relação de comparação (mais...(do) que, menos... (do) que, tão ... quanto); operadores que introduzem argumentos alternativos (ou...ou, quer...quer, seja...seja); aqueles operadores que introduzem conteúdos pressupostos no enunciado (já, ainda, agora, etc.); e os que funcionam numa escala que orienta para a afirmação (um pouco, quase) ou negação(pouco, apenas) da totalidade.

Pelo exposto, percebe-se a influência da Teoria da Argumentação na Língua, cujo interesse recai sobre os conectores, no desenvolvimento dos estudos sobre argumentação da autora. No entanto, percebemos que, embora a autora tenha sua base em Ducrot (1994), ela vai além, pois ademais desses marcadores, apresenta outros fatores da argumentatividade como os articuladores textuais, seleção lexical, relações intertextuais, os implícitos.

Apesar de os estudos de Koch (2018) estarem mais no âmbito textual, ainda assim contribuem muito para esta pesquisa na medida em que nas relações pragmáticas consideramos também o texto, além dos demais elementos que envolve uma interação como situação, intenção do falante. Principalmente no que diz respeito às relações de intertextualidade, que podem funcionar como estratégia argumentativa nas charges e/ou comentários, bem como no uso dos implícitos com força argumentativa.

2.4 A DIMENSÃO ARGUMENTATIVA NO DISCURSO

Para Fiorin (2020) todo discurso tem como característica básica a argumentação, ou seja, “todo discurso tem uma dimensão argumentativa”. O autor exemplifica a argumentação em duas perspectivas. Na primeira, na direção de Bakhtin (1997), entende que o funcionamento de todo discurso é dialógico, porque qualquer discurso pode ou não concordar com discursos anteriores. Já na segunda, a argumentação é concebida no intuito de ganhar adesão, isto é, o enunciador visa o acolhimento de suas posições. Nesse sentido, têm-se os discursos argumentativos prototípicos (a publicidade, o manifesto, o editorial, o discurso político, o discurso religioso), e aqueles

que não se apresentam explicitamente como argumentativos, mas que por sua reação responsiva a outros discursos também são considerados como tal.

Em consonância com o linguista brasileiro, compreendemos o argumento como proposições que se destinam a fazer admitir determinada tese. Então, “argumentar é, pois, construir um discurso que tem a finalidade de persuadir” (Fiorin, 2020, p. 69). Como dito anteriormente, é esse o sentido de argumentação que interessa a nossa pesquisa, visto que tanto charges como comentários são gêneros carregados de carga argumentativa, haja vista a natureza do próprio gênero em que o locutor materializa um posicionamento ou uma opinião. A argumentação é, portanto, “uma questão de linguagem”. Operamos o tempo todo com estratégias argumentativas, pois estamos em constantes tentativas de ganhar adesão dos nossos interlocutores.

Uma dessas estratégias com a qual operamos o tempo todo é o uso de implícitos, muito pertinente ao nosso *corpus*, dada abundância desse tipo informação. Como argumentamos por meio da linguagem e ela pressupõe além dos explícitos, os implícitos, entendemos que as inferências têm um papel importante no processo argumentativo. Aliás, essa pode ser uma estratégia perspicaz do locutor, porque muitas vezes optamos por marcar determinado posicionamento de forma indireta, ou seja, implicitamente, e “deixar implícitas posições que se prefere não proclamar explicitamente é uma forma de persuasão encoberta” (Fiorin, 2020, p. 209). Por isso, nosso interesse é observar como acontece a argumentatividade por meio de inferências.

Fiorin (2020) ratifica ainda que no processo argumentativo são usadas as inferências, sejam de ordem lógica (decorrentes das relações entre proposições), semântica (decorrente do significado de palavras/expressões) ou pragmática (derivada do uso da linguagem). Na visão dele, são elas que fazem progredir o discurso. Para essa pesquisa, interessa-nos inferências de ordem pragmática, aquelas resultantes da utilização dos princípios que governam o uso da linguagem nas trocas verbais e cuja abordagem será feita na análise do *corpus*.

Em nossas interações cotidianas precisamos constantemente argumentar, seja para alcançar um desejo, seja para tentar se livrar de uma situação embaraçosa, seja em outra circunstância qualquer. Estamos a todo instante lançando mão de argumentos, que para Fiorin (2020) são razões contra ou a favor de determinada tese, com vistas a persuadir o outro de que ela é moral ou imoral, justa ou injusta, benéfica ou não.

Dialogando com Perelman (1996), Fiorin (2020) elenca ainda três tipos de argumentos que, embora não sejam o foco desta pesquisa, auxiliaram na condução das nossas análises, a saber: i) argumentos quase lógicos; ii) argumentos fundamentados na estrutura da realidade; e iii) argumentos que fundamentam a estrutura do real. De fato, os usuários da língua operam com esses tipos de argumentos. São, pois, construídos com base em alguns princípios.

2.4.1 Princípios dos tipos de argumentos quase lógicos

Como o próprio nome sugere, são argumentos aparentemente lógicos, ou melhor, que lembram a estrutura de um raciocínio lógico, no entanto não são conclusões logicamente necessárias. Então, quando afirmamos “*os amigos de meus amigos são meus amigos*”, estamos diante de uma afirmação aparentemente lógica, pois não é necessariamente verdadeiro que os amigos dos meus amigos sejam meus amigos também. Conforme Fiorin (2020, p.116), esse “é um argumento de que nos valem todos quando falamos de coisas possíveis, plausíveis, prováveis, mas que não são necessárias do ponto de vista lógico”. Todos nós operamos com esse tipo de argumento.

Assim, o autor apresenta algumas categorias no interior dos argumentos quase lógicos, dividindo-os em argumentos fundados no princípio da identidade, argumentos fundados no princípio da não contradição e, finalmente, argumentos fundados no princípio do terceiro excluído. Vejamos:

Os argumentos fundados no princípio da identidade:

- **Tautologia:** é um juízo cujo predicado é falsamente significativo, ou seja, não adiciona nenhuma informação ao sujeito. Entretanto, quando se utiliza uma

tautologia para argumentar, considera-se uma falsa tautologia, tendo em vista que sujeito e predicado têm significados diferentes. Assim, em um processo argumentativo onde é dada a afirmação *mãe é mãe*, por exemplo, o termo repetido não significa “mulher que tem filho”, mas sim “aquela que oferece cuidado”.

- **Definição:** é um argumento que estabelece uma identidade entre dois segmentos do discurso. O modo de definir um objeto não é unívoco, depende das finalidades argumentativas, já que as definições impõem determinada carga de sentido.
- **Comparação:** é um argumento que visa aproximar ou diferenciar um objeto de outros. Ao fazer uma comparação, escolhe-se um objeto mais conhecido como referência para realizar as aproximações. “As comparações têm um papel pedagógico forte, pois dão concretude àquilo que é uma abstração” (Fiorin, 2020, p. 124).
- **Reciprocidade:** é um argumento que se baseia em uma identidade mútua. Assim, todos os argumentos que levam o interlocutor a se colocar no lugar de outrem dizem respeito a este princípio.
- **Transitividade:** é um argumento baseado na relação matemática transitiva: se a é igual a b e b é igual a c , então a é igual a c . Aqui a consequência é necessária. Todavia, em se tratando de argumentação, essa consequência é provável, mas não necessária. O autor usa o seguinte exemplo: *se o Clio é mais econômico do que o Volkswagen Up e este é mais econômico do que o Nissan March, então o Clio é mais econômico do que o Nissan*. Esta conclusão está no campo do provável, pois não se está levando em conta as demais condições que envolvem um automóvel (condições de tráfego, potência do motor, entre outros).
- **Inclusão e divisão:** são argumentos originários da transferência de propriedades do todo para as partes (inclusão) e das partes para o todo (divisão). Por exemplo: *Os políticos são corruptos; logo, a política não presta*. “*Ser corrupto*” seria uma propriedade da parte que foi estendida ao todo.
- **Argumentum a pari:** é um argumento por semelhança que postula que casos semelhantes sejam tratados de forma semelhante. Opera, pois, com a identificação de situações.

- **Regra do precedente:** semelhante ao argumento anterior, neste argumento supõe-se a identidade de duas situações, sendo que uma precede a outra. Um exemplo desse tipo de argumento é a jurisprudência (codificação de precedentes na esfera jurídica).
- **Argumentum a contrario:** é o argumento pela oposição. Se uma situação é vista de certa forma, a situação oposta não deve ser considerada da mesma forma. Este raciocínio é o inverso do *argumentum a pari*.
- **Argumento dos inseparáveis:** neste tipo de argumento é feita uma associação indissociável indevida entre duas situações. O autor usa o seguinte exemplo: *Se alguém é evangélico, então é contra o casamento de pessoas do mesmo sexo*. Essa é uma tática argumentativa que visa deixar o adversário sem possibilidade de manobra.

Argumentos fundados no princípio da não contradição:

- **Autofagia e retorsão:** é um argumento que trata da incompatibilidade entre uma proposição e suas condições de enunciação, suas consequências ou suas condições de aplicação. Assim, como o significado do termo autofagia (“que se devora a si mesmo”), o argumento se autodestrói por fazer surgir uma incoerência. Já a retorsão (do verbo *retorquir*) coloca em evidência uma autofagia, fazendo com que o argumento se volte para quem o enunciou.
- **Reductio ad absurdum:** também chamado de redução ao absurdo, este tipo de argumento consiste em tomar como verdade uma proposição, a fim de tirar conclusões absurdas e, dessa forma, mostrar sua falsidade. Fiorin (2020) exemplifica da seguinte forma: *Fumar não pode ser um mal. Hitler não fumava*.
- **Argumento probabilístico:** é um argumento que considera a proposição sustentada pela maioria como verdadeira, avaliando como falso o que é defendido pela minoria, ou seja, está fundado em uma lógica quantitativa.

Argumentos fundados no princípio do terceiro excluído:

- **Argumento do terceiro excluído:** é o argumento que apresenta duas posições como as únicas possibilidades possíveis, não admitindo uma terceira

posição. “Esse é o argumento do quem não está conosco está contra nós” (Fiorin, 2020, p.146).

- **O dilema:** é um argumento que apresenta uma disjunção entre duas teses, um desdobramento remetendo a cada uma delas e uma conclusão idêntica, independente de qual alternativa for escolhida.

Como pode ser observado, o linguista faz um detalhamento dos tipos de raciocínios lógicos para explicar por que os argumentos são considerados quase lógicos. Segundo o autor, esses raciocínios se baseiam em alguns princípios, como mostra o quadro acima.

Os argumentos fundados no princípio da identidade, que em lógica enuncia-se a proposição sob a forma lógica “A é A”, ou seja, estabelece que tudo é igual. A tautologia, a definição, a comparação, a reciprocidade, a transitividade, a inclusão, a divisão, o *argumentum a pari*, a regra do precedente, o *argumentum a contrario* e o argumento dos inseparáveis se sustentam por esse princípio.

Já os argumentos fundados no princípio da não contradição, que basicamente diz que uma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo, tratam além da oposição de ideias, da incompatibilidade das proposições. “Todos os argumentos que se baseiam no conflito de interesse estão fundados no princípio da não contradição” (Fiorin, 2020, p. 139). É esse princípio que sustenta os argumentos de autofagia e retorsão, bem como o *reductio ad absurdum*.

O princípio do terceiro excluído, aquele que admite apenas a verdade ou a falsidade, excluindo uma posição intermediária, sustenta o argumento do terceiro excluído, muito usado nos discursos políticos; e o dilema, que é um poderoso argumento, uma vez que deixa o adversário sem saída.

Além dos argumentos quase lógicos, o linguista também apresenta os argumentos fundamentados na estrutura da realidade, “aqueles baseados em relações que nosso sistema de significação considera existentes no mundo objetivo” Fiorin (2020, p. 149),

ou seja, fundamentam-se na ligação que existe entre os diversos elementos da realidade.

2.4.2 Princípios dos tipos de argumentos fundamentados na estrutura da realidade

- **Causalidade:** apresentar as causas dos fatos é uma das formas de se argumentar. A argumentação por causalidade pressupõe um encadeamento dos fatos cujo acontecimento antecedente produz determinado efeito. Os argumentos desse tipo se organizam em dois grandes esquemas: a *implicação* (se *a*, então *b*), que trabalha com o que é da ordem do possível; e a *concessão* (*a*, embora *b*), que opera com o domínio da impossibilidade.
- **Causalidade e sucessão:** nesse tipo de argumento existe um raciocínio aparentemente causal, pois é atribuído aos fatos uma relação de causa, quando na realidade o que existe é uma relação temporal (antecedente e consequente) entre eles. É um forte argumento, porque um fato antecedente pode ser facilmente apresentado como causa de um consequente.
- **Os fatos:** Fiorin (2020) usa o famoso provérbio “contra fatos não há argumentos” para discordar que os fatos são incontestáveis. Embora existam aqueles menos significativos, que de fato o são, como *choveu ontem*, por exemplo, há fatos que são suscetíveis à interpretação (aqueles que se referem a realidades mais complexas) e, por isso, podem ser contestados. Os números são exemplos disso, pois aparentam uma objetividade à argumentação, contudo podem ser usados estrategicamente para argumentar conforme as necessidades. A narração e a descrição dos fatos também servem aos propósitos argumentativos.
- **Argumento do sacrifício:** é um argumento que procura “comprovar a veracidade de uma tese pelo sacrifício de alguém que tem seja uma convicção absoluta nela ou uma grande pureza de propósito” (Fiorin, 2020, p.164). Então, o sacrifício serve para provar as qualidades morais seja de uma pessoa, seja de um ato.
- **Argumentum ad consequentiam:** também chamado de argumento pragmático ou por consequência, este argumento considera os efeitos

produzidos por determinada ação para defendê-la. É o raciocínio de que os fins justificam os meios.

- **Argumentos fundados nas relações de sucessão:** são três os argumentos baseados na relação de sucessão: o argumento do *desperdício*, que propõe a continuidade de alguma coisa evitando o desperdício dos esforços já realizados, ou seja, é voltado para o passado; o argumento da *direção*, que propõe a rejeição a alguma coisa por entender que desencadeará uma consequência indesejada. Ao contrário do argumento anterior, é voltado para o futuro; já o argumento da *ultrapassagem*, também voltado para o futuro, considera como uma etapa aquilo que se conseguiu.
- **Argumentos de coexistência:** São os argumentos que relacionam um ato com a pessoa ou um atributo com a essência da pessoa. Eles se dividem em: *argumentum ad hominem*, argumento dirigido à pessoa e não ao ponto de vista ou à dúvida do adversário; *argumentum tu quoque*, argumento que consiste em rebater uma crítica com ataques ao adversário, no qual se mostra inconsistência entre afirmações diferentes feitas em épocas diversas; *argumento de autoridade*, argumento que objetiva levar o público a aceitar um ponto de vista com base na autoridade, no conhecimento especializado, na credibilidade ou na integridade pessoal de quem enuncia; *argumentum ad ignorantiam*, argumento que apela para a ignorância, já que força a “vitória” de um argumento sobre o outro para encerrar uma discussão; e *argumentos a fortiori* (=por causa de uma razão mais forte), que se apresentam de duas formas: do menor para o maior (*a minore ad maius*), quando colocadas duas ordens de grandeza em paralelo, o que se admitir para a menor, com muito mais razão se admitirá para a maior; e do maior para o menor (*a maiore ad minus*), o que vale para o maior, também é válido para o menor.

Já os argumentos que fundamentam a estrutura do real são caracterizados por generalizar aquilo que é aceito em um caso particular (o exemplo, a ilustração ou o modelo) ou por transpor para outro domínio o que é aceito em um campo particular (*argumentum a simili*), ou seja, são argumentos indutivos ou analógicos.

2.4.3 Princípios dos tipos de argumentos que fundamentam a estrutura do real

○ Os argumentos indutivos

- **Exemplo:** nesse tipo de argumento um princípio geral é formulado a partir de casos particulares ou da probabilidade da repetição de casos idênticos, ou seja, o caso específico servirá para comprovar uma tese.
- **Ilustração:** o argumento por ilustração pode ser confundido com o exemplo dada a diferença sutil entre ambos. A ilustração não fundamenta uma tese, diferentemente do exemplo, ela reforça a adesão a uma tese tida como aceita. Dito de outro modo, enquanto o exemplo parte do particular para o geral, a ilustração parte do geral para o particular.
- **Modelo e antimodelo:** este tipo de argumento preconiza um comportamento particular que merece ser imitado (modelo) ou que deve ser evitado (antimodelo). Muitos chefes de Estado foram, em um dado momento, considerados modelos e passaram a ser vistos como antimodelos, como Hitler e Stalin.
- **Argumentum a simili:** também conhecido como argumento por analogia, este argumento é baseado na experiência. Assemelha-se ao argumento por comparação, contudo enquanto a comparação apresenta as identidades ou diferenças entre dois seres, a analogia compara relações que levam em conta o raciocínio: *a* está para *b*, assim como *c* está para *d*. Ou seja, passa-se de um domínio de sentido para outro diferente.

Como pode ser observado até aqui, Fiorin (2020) classifica os tipos de argumentos baseado em Perelman (1996). Elenca ainda outras formas de argumentação, como a *dissociação de noções*, que separam ideias que aparecem em pares hierarquizados (particular/geral, teoria/prática, individual/universal etc.); *as perguntas capciosas*; *o argumento do espantinho*, distorção do ponto de vista do adversário; *a ironia*; *os paradoxos*; *o silêncio*; *os implícitos*.

No entanto, ressaltamos que não é nosso intuito nos aprofundar nas técnicas argumentativas descritas pelo autor, dado o objetivo desta pesquisa que focaliza os argumentos por inferências pragmáticas. Ainda assim, no momento das análises,

aqueles argumentos pertinentes ao nosso *corpus* serão explanados, a fim de auxiliar na compreensão de como o processo argumentativo foi construído, quer nas charges, quer nos comentários dos usuários.

2.5 A ARGUMENTAÇÃO NO FUNCIONAMENTO DISCURSIVO

Assim como no paradigma clássico, a argumentação para Amossy (2011) é tomada como sinônimo de retórica, arte de persuadir. Segundo ela, a argumentação é “entendida como a tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas por parte do alocutário” (Amossy, 2011, p. 130). De forma mais ampliada, essa definição dialoga com a da nova retórica, na medida em que há uma preocupação em conseguir a adesão a uma tese, mas não só, porque também há uma tentativa de aderir a modos de ver, de sentir, de pensar. Com essa ampliação é possível legitimar a argumentação no espaço das ciências da linguagem, sem a necessidade de recorrer, para isso, à psicologia. A argumentação, portanto, não está restrita nem a operações lógicas, nem a processos mentais. Ela acontece por meio da linguagem. Sendo assim, não é possível dissociar a argumentação do funcionamento discursivo.

Amossy (2020), assim como Fiorin (2020), menciona a argumentatividade na perspectiva do dialogismo, haja vista a relação dialógica inerente ao discurso, conforme defendia Bakhtin. Então, nesse pensamento todo discurso refuta ou confirma discursos anteriores. No entanto, a análise argumentativa do discurso concebe a argumentação em seu domínio persuasivo.

Globalmente, pode-se dizer que há argumentação quando uma tomada de posição, um ponto de vista, um modo de perceber o mundo se expressa sobre um fundo de posições e visões antagônicas, ou tão somente divergentes, tentando prevalecer ou fazer-se aceitar. Assim, não pode haver dimensão argumentativa dos discursos fora de uma situação em que duas opções, ao menos, sejam previstas (Amossy, 2020, p. 42).

Nessa abordagem, há uma preocupação em analisar o discurso em sua visada e/ou dimensão persuasiva. Amossy (2020) diferencia *visada* argumentativa (que caracteriza apenas alguns discursos) e *dimensão* argumentativa (inerente a muitos discursos). Ou seja, alguns discursos têm uma intenção persuasiva consciente e,

portanto, lança mão de estratégias para este fim. Com isso, há um esforço por parte do locutor para conseguir a adesão de uma dada tese. Deste modo, uma pregação, um anúncio publicitário, uma defesa no tribunal, um manifesto, entre outros têm uma visada persuasiva. Por outro lado, na dimensão argumentativa seu objetivo não é argumentar, embora haja estratégia persuasiva indireta (não admitida), comporta apenas uma dimensão e não uma finalidade persuasiva. São exemplos de discursos dessa natureza a conversa familiar, a reportagem, a narrativa de ficção, o artigo científico.

Nesse sentido, todo discurso tem um caráter argumentativo, quer explícito ou não. Todavia, nem todo discurso tem propósitos argumentativos, por isso que alguns se apropriam de estratégias de persuasão programadas e outros não. A depender do gênero textual no qual o texto está materializado, a argumentatividade aparecerá de forma mais ou menos nítida, pois segundo a autora, a transmissão de uma mesma tese se reveste de maneiras diferentes quando “se molda em um formato de comunicação e em um dispositivo de enunciação particular” (Amossy, 2011, p.139). Desse modo, uma charge e uma notícia, por exemplo, podem transmitir uma mesma tese, contudo, dadas as características particulares de cada gênero, o mesmo assunto pode adquirir um sentido diferente, bem como impactar o interlocutor de forma diferente. A argumentação varia, portanto, em função do gênero.

A proposta da autora é que a argumentação seja estudada pelo viés tanto linguístico, quanto discursivo. Compartilhamos com sua ideia de que

o discurso argumentativo não se desenrola no espaço abstrato da lógica pura, mas em uma situação de comunicação em que o locutor apresenta seu ponto de vista na língua natural com todos os seus recursos, que compreendem tanto o uso de conectores ou de dêiticos, quanto a pressuposição e o implícito, as marcas de estereotipia, a ambiguidade, a polissemia, a metáfora, a repetição, o ritmo. É na espessura da língua que se forma e se transmite a argumentação, e é através de seu uso que ela se instala: a argumentação, é preciso não esquecer, não é o emprego de um raciocínio que se basta por si só, mas uma troca atual ou virtual - entre dois ou mais parceiros que pretendem influenciar um ao outro (Amossy, 2011, p. 132-133).

Isso ratifica que argumentação não pode ser compreendida apenas no domínio da lógica, pois a língua natural não funciona dessa forma dada sua complexidade. É

preciso considerá-la em seu modo de funcionamento real, que é onde surgem as divergências de ponto de vista, alicerce da argumentação. Para tanto, os processos lógicos por si só são insuficientes para influenciar ou persuadir o outro. Logo, é a organização do texto que determinará o emprego da argumentação, visto que por meio da linguagem são oferecidos ao locutor escolhas em vários níveis (lexicais, das modalidades de enunciação, dos encadeamentos dos enunciativos, das marcas do implícito etc.).

Para Amossy (2020) a argumentação não se reduz a operações lógicas e a processos mentais, tendo em vista que se argumenta pela linguagem (abordagem linguageira); não se dissocia da situação de comunicação e é desenvolvida dentro de uma relação de interlocução (abordagem comunicacional); deve-se adaptar ao auditório, visto que há uma pretensão de agir sobre ele (abordagem dialógica); inscreve-se sempre em um gênero discursivo (abordagem genérica); recorre às figuras e aos efeitos de estilo, haja vista seus impactos sobre o alocutário (abordagem figural); e deve ser estudada no nível de construção do texto (abordagem textual). Ou seja, a análise argumentativa do discurso leva em conta os estudos de várias teorias (retóricas, pragmáticas, lógicas) para definir seu próprio domínio (visada e/ou dimensão persuasiva) no qual analisa a argumentação em abordagens de várias ordens.

A autora também elenca alguns esquemas argumentativos no discurso. A saber:

2.5.1 Os esquemas argumentativos no discurso

- **Silogismo:** é um discurso no qual, colocadas algumas coisas, outras seguem necessariamente, ou seja, é um raciocínio dedutivo.
- **Entimema:** é um silogismo sem a presença de todos os elementos. Segundo Amossy (2020), o entimema é mais recorrente no discurso que o silogismo.
- **Exemplo:** estabelece uma relação de semelhança, onde o fato novo é colocado em perspectiva e esclarecido pelo antigo e familiar. Esse tipo de argumento pressupõe certas regularidades. Por meio de um raciocínio indutivo, é possível concluir que eventos precedentes podem servir de parâmetro para coroar outros eventos. Contudo, ela faz uma observação sobre o exemplo

histórico indicando que este pode ser problemático, na medida em que é suscetível a tratamentos diversos e a interpretações conflitantes, ou seja, é um argumento que suscita incertezas.

- **Analogia:** seu esquema global é: *c* é para *d* o que *a* é para *b*. Por ser pouco conclusivo, geralmente é considerado pelas teorias da argumentação um argumento fraco, assim como o exemplo histórico.
- **Paralogismo:** também conhecido como argumento falacioso, é um argumento que aparenta ser válido, mas não o é. A autora destaca os mais frequentes:
 - **Equívoco:** é um paralogismo que repousa na ambiguidade.
 - **Círculo vicioso:** apresenta como premissas aquilo que é, na verdade, a conclusão. Exemplo: Deus existe porque a Bíblia o afirma, e deve-se acreditar na Bíblia porque é a palavra de Deus.
 - **Questão complexa:** na pergunta já se pressupõe uma resposta. Exemplo: Quando você decidiu matar a sua mulher?
 - **Falsa dicotomia:** é um argumento disjuntivo (ou...ou) em que as duas opções aparecem como sendo únicas elegíveis.
 - **Não pertinência:** consiste na distração do auditório a fim de afastá-lo do ponto discutido.
 - **Espantelho:** é uma forma de ataque ao adversário acerca de um argumento mal compreendido ou mal reconstruído por quem o refuta.
 - **Divisão:** transfere uma propriedade (não transferível) do todo para um elemento desse todo.
 - **Ad hominem:** é um argumento que incide sobre a pessoa, ou seja, em lugar de atacar contra as proposições discutidas, ataca-se o adversário. Portanto, recai sobre o *ethos*.
 - **Ad verecundiam:** é aquele que apela para o argumento de autoridade ou para o respeito que se tem por uma pessoa importante.
 - **Ad ignorantium:** consiste na pretensão que uma coisa seja verdadeira pelo fato de ela não ter sido demonstrada que é falsa.
 - **Ad populum:** é aquele que apela para a multidão para validar um argumento que não foi estabelecido de forma sólida.
 - **Ad misericordiam:** é aquele que apela para piedade para que uma conclusão seja aceita.

- **Ad bacalum:** é aquele que apela para a ameaça visando a aceitação de uma conclusão.

Assim como Fiorin (2020), Amossy (2020) apresenta algumas categorias que fundamentam a argumentação e, como pode ser observado, muitas delas conciliam com aquelas elencadas pelo linguista brasileiro. Nossa pretensão foi apresentar essas classificações, de ambos os autores, de forma mais simplificada não abrangendo, portanto, toda a complexidade de suas propostas. Entendemos que esses argumentos são estratégias que usamos em nossos processos de argumentação e, por essa razão, consideramos pertinentes abordá-los, visto que ajudarão no processo de análise do nosso *corpus*.

Embora a argumentação na perspectiva de Amossy (2020) esteja voltada para a Análise do Discurso, muito tem a contribuir para esta pesquisa, pois concordamos com a autora que não se pode separar a argumentação do funcionamento global do discurso e entendemos também que a organização textual determina o emprego da argumentação, ou seja, a argumentatividade é construída nos enunciados.

Pensando no nosso *corpus*, entendemos que para uma análise argumentativa é preciso observar as escolhas (verbais e não verbais) feitas pela cartunista Laerte, escolhas estas que modelam e orientam o discurso das charges para uma dimensão argumentativa, além de todos os aspectos que envolvem o processo comunicativo, sobretudo no que diz respeito às inferências, que têm uma força argumentativa muito forte.

Como a argumentação se alimenta tanto do que é dito explicitamente quanto daquilo que está colocado de forma indireta, nos comentários, assim como nas charges, os implícitos reforçam a argumentação, na medida em que apresentam de forma encoberta as opiniões e as crenças dos interlocutores. E essas informações não ditas serão interpretadas/capturadas pelos interlocutores por meio do princípio da cooperação de Grice (1982 [1975]).

Deste modo, guardadas as devidas proporções de cada proposta, Kock (2018), Fiorin (2020) e Amossy (2020) dialogam em certa medida, posto que concebem a argumentação como atividade persuasiva, isto é, a tentativa de adesão a uma determinada tese. E é essa a noção que acolhemos para este trabalho. Além do mais, os autores também dão importância aos implícitos como recurso argumentativo, o que é muito positivo para nosso trabalho, uma vez que o foco desta pesquisa é examinar as inferências como estratégia argumentativa no âmbito da pragmática.

No próximo capítulo, discorreremos sobre a noção de gênero textual, enfatizando os que compõem nosso *corpus* (charge e comentário); abordamos também o conceito de multimodalidade e intertextualidade.

3. GÊNEROS NO *INSTAGRAM*

O *Instagram* é uma rede social que tem se popularizado bastante. Foi lançada em 2010 e desde 2012 pertence à rede social *Facebook*. O logotipo em formato de câmera revela seu objetivo principal: compartilhamento de fotos e vídeos, que também podem ser compartilhadas em outras redes sociais como *Facebook*, *Twitter* e *Tumblr*.

Os conteúdos publicados podem aparecer tanto no *Feed*, espaço destinado para postagem de conteúdo na página inicial, quanto nos *Stories*, recurso que permite compartilhar fotos e vídeos (de até 15 segundos), que ficam disponíveis no perfil por 24 horas. Os vídeos de longa duração (até 60 minutos) são compartilhados por um aplicativo integrado ao *Instagram* chamado IGTV.

Nas publicações, os usuários podem inserir suas localizações, marcar outros usuários nos *posts*, bem como adicionar *hashtags*, que são uma espécie de etiquetas que separam os conteúdos colocando-os em categorias. Uma *hashtag* pode ser composta por uma palavra ou uma frase escrita tudo junto e iniciada pelo sinal tipográfico cerquilha (#).

Quando as postagens são alimentadas, os usuários podem curtir-la (acionando o ícone do coração) demonstrando que o conteúdo agradou, comentá-la ou ver os comentários reportados a ela (ícone do balão), salvá-la ou compartilhá-la pelo *direct* - recurso de mensagem instantânea onde as mensagens são trocadas de forma privada, seja com seguidores do perfil ou não.

Ao criar uma conta nessa rede social, o usuário opta por gerenciar sua conta em pública ou privada (que só pode ser visualizada por seguidores). Cada perfil pode ser seguido por outros perfis, bem como escolher aqueles que deseja seguir.

Na interface do *Instagram* circulam vários gêneros textuais como notícia, receita, anúncio publicitário, cartaz, convite, tira cômica, charge, comentário. Para esta pesquisa, focaremos os gêneros charge e comentário, que serão abordados mais adiante. Antes disso, discutiremos, no subcapítulo que segue, o conceito de gênero textual.

3.1 GÊNERO TEXTUAL

A noção de gênero textual (para alguns autores gênero discursivo) tem relação inerente com as práticas sociais. Não é incomum que alguns gêneros venham a desaparecer, dando lugar a outros conforme a necessidade da sociedade. Isso acontece porque os gêneros “são padrões sociocomunicativos que se manifestam por meio de textos de acordo com necessidades enunciativas específicas. Trata-se de artefatos constituídos sociocognitivamente para atender aos objetivos de situações sociais diversas” (Cavalcante, 2013, p. 44). Podemos tomar como exemplo a carta pessoal que agora é substituída, quase absolutamente, pelo *e-mail*.

Para Marcuschi (2008), “a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual”, o que ratifica a afirmação de que os gêneros são intrínsecos às situações comunicativas.

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

A todo o momento, as pessoas estão lidando com algum gênero textual em suas práticas comunicativas, pois o usuário da língua recorre a ele para realizar ações linguísticas em situações reais de comunicação. Portanto, “toda interação se dá por algum gênero discursivo que se realiza por algum texto” (Cavalcante, 2013, p. 44).

Nas produções textuais no ambiente virtual não é diferente, pois com o avanço das novas tecnologias digitais emergiram também novas formas de textos e, conseqüentemente, novos gêneros. Deste modo, concordamos com Cavalcante (2013, p.51) quando afirma que “os gêneros podem sofrer transformações, em virtude das mudanças nos propósitos comunicativos e/ou no contexto sociocultural.” Tomemos como exemplo a conversa telefônica que vai cedendo espaço, cada vez mais, para os aplicativos de mensagem instantânea. Certamente pelo fato de as mensagens poderem ser respondidas a qualquer hora, diferentemente da conversa telefônica que demanda maior disponibilidade do interlocutor.

Por essa característica sociointerativa, os gêneros são inúmeros, o que pode demonstrar certa fragilidade na sua classificação. No entanto, vale ressaltar que, embora sejam, institucionalmente, marcados e possuam uma identidade, não devemos considerá-los como modelos estanques ou estruturas rígidas. Pois, em conformidade com Cavalcante (2013, p.49), “os gêneros discursivos são, simultaneamente, formas estabilizadas (ou seja, regulares, passíveis de estruturação) e instáveis (ou seja, passíveis de sofrerem mudanças)”. Estáveis na medida em que há determinados propósitos comunicativos que se repetem e, por isso, acabam consagrando certas formas de comunicação; instáveis porque passam por modificações em suas características, seja no conteúdo, no suporte, na estrutura. Dito de outro modo, novas necessidades comunicativas podem exigir adaptações ou modificações em determinados gêneros, mesmo naqueles que conservam uma estrutura mais cristalizada, como no exemplo da conversa telefônica.

Além desse caráter dinâmico dos gêneros textuais, vale pontuar que sua materialidade textual é constituída por signos de diversos modos. Dessa forma, podemos pensar esses vários modos de representação da linguagem como uma característica inerente aos textos a que chamamos de multimodalidade. É importante salientar que em alguns gêneros a multimodalidade é menos evidente, já em outros, como nos quadrinhos e nos hipertextos em geral, é mais explorada.

No subcapítulo que segue, discorreremos acerca desse tema, dada sua importância para os estudos da linguagem, sobretudo, em se tratando do *corpus* desta pesquisa no qual o texto multimodal é bem evidenciado.

3.2 MULTIMODALIDADE NOS GÊNEROS

Segundo Dionísio (2005), as ações sociais são fenômenos multimodais. Como as nossas ações são materializadas em textos, conseqüentemente, os gêneros textuais, orais ou escritos, são também multimodais, já que, a todo momento, estamos construindo textos em nossas práticas interacionais e, quando o fazemos, usamos no mínimo dois modos de representação da linguagem.

Assim, compreendemos a multimodalidade como a ocorrência de diversos modos de apresentação da informação, modos estes que se integram na construção de sentido do texto. Nessa construção textual, o produtor pode lançar mão de vários recursos, que podem auxiliá-lo na comunicação. Entendemos que esses recursos não são utilizados arbitrariamente nos textos, mas sim com determinadas finalidades, como observa Dionísio (2005, p. 159-160), quando diz que “todos os recursos utilizados na construção dos gêneros textuais exercem uma função retórica na construção de sentido dos textos”.

Isso pode ser observado nas charges, por exemplo, visto que os chargistas se apropriam dos vários recursos que a linguagem dispõe para cumprir com a função do gênero, fazer uma crítica político-social. Assim, há uma preocupação, por parte do artista, com a organização espacial; as cores; as imagens; os contornos das formas/letras; as fontes das letras; a organização dos elementos verbais, entre outros. O que confirma que esses recursos têm uma finalidade na elaboração do texto e contribuem significativamente para a construção da mensagem.

Cavalcanti (2008), pautada em Kress e Leeuwen, chama atenção para as estratégias de composição das charges, que podem funcionar como componente argumentativo. As informações das charges podem estar organizadas em um eixo horizontal, onde a leitura linear é feita da direita para a esquerda. À esquerda tem-se a informação conhecida do interlocutor (o Dado); à direita tem-se a informação desconhecida ou algo que o interlocutor não concorda (o Novo). Nos textos organizados no eixo vertical, as informações são lidas de cima para baixo. Na parte superior é apresentado aquilo que poderia ser real, mas não é (o Ideal); já na parte inferior, de forma mais prática, aparece o que de fato é a informação real (o Real). As informações também podem estar organizadas do centro, com informação nuclear, para a margem. Além disso, nos textos podem aparecer graus de saliência como tamanho, cor, sombra, foco, nitidez.

Todos esses elementos que o texto chargístico pode contemplar podem funcionar como estratégias, conscientes ou não, para uma orientação argumentativa. Por essa razão, observar a multimodalidade nesse gênero é muito relevante. Outro ponto

importante a ser considerado nas charges são as relações intertextuais, que são relevantes no processo argumentativo. Por isso, no próximo subcapítulo abordaremos brevemente a noção de intertextualidade que adotamos para nossa pesquisa.

3.3 INTERTEXTUALIDADE

Em uma perspectiva bakhtiniana, nenhum discurso é puro, pois tudo aquilo que é dito por um enunciador não pertence apenas a ele, isto é, quando um *eu* se enuncia em uma interação, seu discurso já está marcado pelo *outro*. Assim, as relações de sentido entre os enunciados são construídas a partir do dialogismo.

Segundo Marcuschi, “há hoje um consenso quanto ao fato de se admitir que todos os textos comungam com outros textos, ou seja, não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, pois nenhum texto se acha isolado e solitário” (MARCUSCHI, 2008, p. 129). Dessa forma, o autor nos apresenta a noção de intertextualidade nesse sentido mais amplo; e sob um ponto de vista mais restrito, que é quando remetemos a outros textos efetivamente já produzidos.

É neste sentido que nos interessa a noção de intertextualidade, pois além de colaborar para estabelecer a coerência textual, também funciona como um recurso argumentativo já que “fazer remissão a textos que fazem parte da memória social dos leitores é uma importante estratégia na construção de argumentos” (KOCH; ELIAS, 2018, p. 54). Essas construções de estratégias argumentativas por intertextualidade também serão observadas na análise do *corpus*.

No processo argumentativo, as relações de intertextualidade podem aparecer de forma explícita, isto é, na forma de citação direta. Nesse caso, normalmente costuma vir assinalada pelas aspas para indicar a fala do autor. Quando o texto for apenas imagético, essa menção explícita pode aparecer na própria imagem. Segundo Koch e Elias (2018), esse tipo de intertextualidade funciona como uma estratégia argumentativa muito eficiente, pois usamos a citação direta para dar credibilidade ao que dizemos, para responsabilizar o outro pelo que foi dito e, por consequência, nos livrar de uma eventual responsabilidade, e por outros motivos.

Já na relação intertextual implícita, pode acontecer uma adaptação das ideias do outro, ou seja, podemos dizer com nossas palavras aquilo que está dito no texto fonte. É esperado do leitor ou ouvinte, portanto, que seja resgatado da sua memória discursiva o texto fonte. Do contrário, haverá um prejuízo na compreensão. Isso demandará um esforço ainda maior, por parte dos interlocutores, para a construção dos significados.

A intertextualidade temática, por sua vez, diz respeito à manutenção de um tema previamente explorado entre gêneros textuais diferentes ou o mesmo gênero explorando o mesmo assunto por diferentes autores. Um bom exemplo dessa relação de intertextualidade apareceu em um protesto feito por diversos chargistas brasileiros, em 2020, em favor do também chargista Renato Aroeira, que foi intimado pelo Ministério da Justiça a explicar uma charge que desenhou (anexo I), onde constava a figura do presidente da república, Jair Bolsonaro, com uma suástica (símbolo associado ao nazismo). Em protesto, os chargistas repetiram o mesmo desenho e, portanto, o mesmo assunto em suas charges. Os textos chargísticos, de modo geral, baseiam-se em um fato noticiado por jornais ou revistas, o que exemplifica quando um mesmo assunto é preservado em gêneros textuais distintos.

As relações de intertextualidade também podem ocorrer entre gêneros textuais diferentes. Com a hibridização dos gêneros, um pode assumir a forma/função do outro para atender a propósitos comunicativos.

A intertextualidade estilística, com o próprio nome já indica, está relacionada ao estilo de texto ou de discurso. Ela acontece quando na produção textual são utilizados variados estilos a fim de cumprir determinados propósitos comunicativos. A paródia é um exemplo dessa relação intertextual.

Outra relação intertextual muito pertinente é o *détournement* que, de acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2007), é um tipo especial de paródia que, normalmente, ocorre em textos mais curtos como provérbios, frases feitas, entre outros. Diferentemente do que acontece com a paródia, aqui o novo texto não chega a se

transformar integralmente em outro. Há, portanto, uma derivação textual na qual o novo texto ressignifica aquele preexistente. A intenção comunicativa desse tipo de intertextualidade é levar o interlocutor a ativar o texto original e, a partir dele, orientá-lo para outros sentidos, seja para ironizar, ridicularizar, argumentar. Para as autoras, o *détournement* tem, pois, um valor claramente subversivo.

Pelo exposto, vimos que a intertextualidade é inerente ao gênero charge e ela pode ocorrer nos mais variados tipos, embora nos pareça mais recorrente o *détournement*, visto que este é um tipo de relação intertextual implícita, e o texto chargístico é rico em inferências, com forte valor argumentativo.

3.4. O GÊNERO CHARGE

Podemos compreender a charge como um gênero textual, primeiramente, jornalístico, embora tenha ganhado bastante espaço na internet, inclusive nas redes sociais. Para Ramos (2007),

a charge é geralmente feita numa única cena narrativa. Circula muito pela internet e nos vários salões de humor existentes no país. Mas tem nos jornais o principal veículo transmissor, principalmente por abordar um assunto recente, às vezes do próprio noticiário do dia (RAMOS, 2007, parte II, p.95).

Normalmente, há nos jornais um espaço destinado para os textos de caráter opinativo. É nesse espaço que as charges são publicadas, já que esse gênero é um texto crítico/opinativo que visa representar graficamente um assunto atual do ponto de vista do chargista. Como “o objetivo dela é abordar, com humor e crítica, algum tema jornalístico da realidade atual” (Ramos, 2007, parte II, p. 95), o quadrinista vai retratar questões relevantes, social ou política, da atualidade.

No que diz respeito à sua composição, apresenta-se em um quadro único, onde é comum combinar a linguagem verbal e não verbal, que se somam para auxiliar na produção de sentidos. Como nos mostra Flôres (2002):

a ilustração mostra os pormenores caracterizadores de personagens, situações, ambientes, objetos. Os comentários relativos à situação representada aparecem por escrito. Escrita/ilustração integram-se de tal

modo que por vezes fica difícil, senão impossível, ler uma charge e compreendê-la, sem considerar os dois códigos complementarmente, associando-se à consideração do **interdiscurso** que se faz presente como memória, dando uma orientação ao sentido num contexto dado – aquele e não outro qualquer (Flôres, 2002, p. 14, grifo da autora).

O componente imagético é, portanto, fundamental para sua compreensão, pois o personagem, a situação e o ambiente ali retratados são peças importantes para identificar a quem se destina a crítica. A imagem também pode se apresentar sem o componente verbal, embora seja mais comum usar os dois códigos linguísticos. A charge é, pois, um texto mais visual que verbal, haja vista a intensidades de recursos visuais explorados nesse tipo de texto.

Outra característica essencial desse gênero é a intertextualidade. Por estar vinculada aos acontecimentos do noticiário, é natural que estes sejam retomados pelo artista. Desse modo, essa relação intertextual pode aparecer tanto na parte verbal, quanto na imagética. Concordamos com Cavalcanti (2008, p.1) quando coloca que “a charge tem o poder de condensar várias informações, inclusive procedentes de contextos extremamente diferentes, num processo de intertextualidade”.

Por isso, caso o leitor não esteja acompanhando as discussões que estão circulando nos noticiários, poderá apresentar dificuldade na compreensão, porque quando fazemos a leitura de uma charge, precisamos mobilizar o nosso conhecimento de mundo, mas principalmente os textos mais recentes. Assim, a construção de sentido a partir dessas produções exige do leitor um esforço que perpassa os aspectos linguístico, pois o fato de estar associada a um assunto recente exige que o leitor recupere essa informação para compreender o texto.

É nesse sentido que Ramos (2007) compreende que a intertextualidade é um dos elementos integrantes do texto chargístico, haja vista a relação entre o assunto que aborda e as notícias das quais ele originou, ou seja, para o autor “o tema abordado na charge é fruto de uma relação de intertextualidade”. Esse conhecimento compartilhado, que o chargista espera que seu interlocutor possua, será fundamental para que a mensagem seja compreendida.

Flôres (2002, p.8, grifo nosso) pontua que “a charge se caracteriza pela linguagem polêmica, pelo grande **número de implícitos** que introduz no texto e pelo tanto de atenção que exige do leitor”. Há informações que estão dadas, no entanto aquilo que não está dito explicitamente exigirá do leitor esforços maiores para captar o que se deseja transmitir de forma indireta. Muitas vezes, a crítica está incutida nessas inferências. “O mostrar e o dizer da charge têm lugar social bem inscrito, pressupondo um conhecimento enciclopédico considerável. Sua leitura é exigente.” (Flôres, 2002, p. 11). Como somos guiados pelo princípio da cooperação de Grice, precisamos ser cooperativos nas nossas trocas conversacionais, viabilizando a construção dos sentidos.

Ainda em consonância com Flôres (2002, p.11), entendemos que há no texto chargístico um potencial de questionamento crítico e de confronto de opiniões com relação à organização social, à disputa de poder e aos arranjos políticos. No *corpus* desta pesquisa, isso é indubitável, pois nota-se que nas charges de Laerte há um posicionamento ideológico bem marcado, materializado nos desenhos, onde são feitas críticas ácidas a integrantes do atual governo, sobretudo ao presidente Jair Bolsonaro e sua família.

Vale pontuar que, graças às novas tecnologias digitais, essas charges podem alcançar ainda mais gente, principalmente em se tratando de redes sociais. Com isso, percebemos que as características do gênero se preservam, ampliando apenas o suporte de veiculação, agora também no ambiente virtual. Nesse novo ambiente os interlocutores conseguem, de certa forma, chegar ao chargista e constroem, cooperativamente, com outros interlocutores os sentidos das charges.

No subcapítulo que segue, faremos uma breve explanação sobre o gênero comentário, que juntamente com o gênero charge, compõe o *corpus* desta pesquisa.

3.5 O GÊNERO COMENTÁRIO

A definição do gênero textual comentário aparece no Dicionário de gêneros textuais (Costa, 2020, p.83) como “análises, notas ou ponderações, por escrito ou orais,

críticas ou de esclarecimento, geralmente curtas, acerca de um texto, um evento, um *post* (v.) de *blog* (v.), um ato, etc”. Segundo o autor, esse conjunto de observações pode ter, além do caráter crítico e esclarecedor, um caráter expositivo e/ou argumentativo acerca de quaisquer assuntos. Dessa maneira, podemos compreender o comentário como um gênero textual de caráter opinativo que analisa e emite opinião sobre algum acontecimento ou alguma circunstância.

Quando pensamos no gênero comentário, logo nos reportamos àquele veiculado, em geral, nos suportes jornalísticos, pois é nessa esfera que estamos acostumados a ver análises e apreciações feitas, normalmente, por pessoas que têm certo conhecimento, especialistas ou alguém experiente, sobre determinado assunto como economia, esporte, política, entre outros. Essas análises podem ser feitas de forma escrita - jornal e revista - ou oralmente, TV e rádio.

No entanto, graças à internet, o comentário vem ganhando cada vez mais espaço nos ambientes virtuais. Os periódicos eletrônicos, por exemplo, oferecem ferramentas que permitem que seus leitores interajam com suas publicações, de modo que, conforme vão lendo alguma publicação, podem postar suas respostas apreciativas de forma instantânea. Nas redes sociais não é diferente, muito pelo contrário, é um ambiente frutífero para a chegada de inúmeros comentários, uma vez que há uma interação semelhante aos diálogos triviais do nosso cotidiano.

No caso do *Instagram*, por exemplo, há um espaço destinado para comentários, onde os perfis interagem das mais variadas formas. Nesse espaço são expostos textos apreciativos, críticas, elogios, provocações, argumentação, que podem se apresentar de várias maneiras. Há comentários com textos curtos e extensos; com *emojis* (imagem que representa emoções e sentimentos), *links* (endereços), *hashtag* (localizador de conteúdo), etc.

Pelo exposto, concebemos o comentário na internet como um texto de estrutura variável, embora haja uma predominância de textos curtos, que reporta para outro texto com o intuito de apreciar, criticar, elogiar, sugerir, informar. No entanto, neste espaço virtual, os comentários vêm sofrendo modificações e apresentando outras

características que não são típicas do gênero, como por exemplo, a informalidade nas ponderações e o espaço para comentar, que agora está aberto para qualquer pessoa. Podemos observar que, embora venha se modificando, o gênero comentário preserva suas características básicas de criticar, opinar, ponderar, analisar, apreciar um fato. Apesar da informalidade que se apresenta nos comentários na internet, a apreciação de especialistas será requerida quando houver a necessidade de um comentário dessa natureza, ou seja, o gênero original coexiste com essa nova adaptação. É nesse sentido que Cavalcante (2013), como dito anteriormente, caracterizou os gêneros como sendo ao mesmo tempo estáveis, pois o propósito comunicativo permanece o mesmo; e instáveis, quando sofre adaptação ou alteração.

No capítulo que segue, explicamos a metodologia que conduziu nossa pesquisa, desde a construção do *corpus* até os procedimentos analíticos.

4. METODOLOGIA E DADOS

Como o foco da nossa pesquisa é a análise textual-discursiva, adotamos a abordagem qualitativa que, conforme Gerhardart e Silveira (2009), não tem preocupação com a representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento de um grupo social, de uma organização, entre outros. Ou seja, o foco é dado à compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

Dessa forma, procuramos entender as relações entre os usuários da rede social *Instagram*, a fim de explicar, à luz da pragmática, o comportamento com a linguagem. Como esse método busca compreender determinado fenômeno com profundidade e detalhamento, analisamos os textos, categorizamos as análises para, assim, extrair os resultados.

4.1 O CORPUS

A escolha pela rede social *Instagram*, em detrimento das outras, se deu pelo fato de o perfil *@laertegenial* ser uma página autorizada pela cartunista Laerte Coutinho apenas para divulgação do seu trabalho, isto é, não se trata da página pessoal da cartunista (*@laerteminotaura*), mas sim de um perfil administrado por uma terceira pessoa. A página é destinada somente para difundir a arte da cartunista, o que favoreceu o recorte do corpus.

Escolhemos o gênero charge por entender que este tipo de texto tem tido uma boa aceitação nos ambientes digitais e pela carga informativa e argumentativa que carrega em sua natureza. Ademais, “normalmente toda charge possui uma tese, uma questão a ser discutida. Alguns leitores irão aderir à tese, outros não” (Cavalcanti, 2008, p. 78). Geralmente, a não adesão à tese proposta por Laerte, gera um embate que é materializado, no caso do *Instagram*, no espaço dos comentários que se torna a “arena do debate público”.

Refletindo sobre isso, resolvemos nos voltar tanto para charge quanto para o gênero comentário na internet, ou seja, nossa pesquisa envolve as interações que acontecem tanto na charge quanto nos comentários.

Para melhor compreender o teor das charges que compõem este *corpus*, faremos a seguir uma breve apresentação da cartunista Laerte Coutinho.

4.2 A CARTUNISTA LAERTE COUTINHO

Laerte Coutinho nasceu em São Paulo em 1951. É uma das mais importantes cartunistas brasileiras, além de roteirista e ilustradora. Participou da redação de programas da Rede Globo, como TV Pirata, TV Colosso e Sai de Baixo. É responsável pela criação de personagens conhecidos, como os Piratas do Tietê, Hugo/Muriel, entre outros. Foi uma das criadoras da revista Balão (quadrinhos).

Foi premiada no 1º Salão de Humor de Piracicaba, em 1973, marcando o início do seu engajamento político. Foi premiada também como melhor roteirista nacional no 1º HQ Mix – o Oscar dos quadrinhos- em 1989, além de premiações de outras edições. É uma das cartunistas mais premiadas nas artes gráficas no Brasil. Recentemente ganhou o prêmio de melhor arte do 42º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos com uma charge sobre Paraisópolis titulada “Infernópolis”, publicada no jornal Folha de São Paulo em 2019.

Na vida pessoal, passou por um processo reflexivo sobre sua identidade de gênero e em 2009 assumiu sua transgeneridade. Atualmente é comprometida com debates de gêneros e sexualidade, bem como com a causa LGBTQIA+. Em 2012, fundou a Associação Brasileira de Transgêneros (Abrat).

Nos anos 80, Laerte participou de revistas como *Chiclete com Banana* e *Geraldão*; colaborou com importantes periódicos como *O Pasquim*, *Revista Ovelha Negra*, *Placar*, *Gazeta Mercantil*, *Correio Braziliense*, *Zero Hora* e *Tribuna de Vitória*. Apresentou o programa *Transando com Laerte*, no Canal Brasil. Também participou

do curta *Vestido de Laerte* e do longa *Laerte-se*. Desde 2014 publica suas charges no jornal Folha de São Paulo.

Em sua obra, observa-se a exploração de temas relevantes como direitos humanos, justiça, existência humana, além das ferrenhas críticas político-sociais. Além do humor, muitas vezes ácido, em seu trabalho ficam evidenciadas preocupações com as questões políticas bem como seu engajamento com questões sociais e de gênero.

4.3 OS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Para esta pesquisa combinamos os estudos sobre argumentação de Koch (2018), Koch e Elias (2018), Fiorin (2020) e Amossy (2020) com a teoria da conversação de Paul Grice (1982 [1975]), que trata do Princípio Conversacional e suas máximas, a fim de perceber de que forma ambas as teorias se relacionam e visando a possibilidade de fazer leituras mais adequadas dos gêneros charge e comentários, veiculados no *Instagram*.

Para a construção do nosso *corpus*, selecionamos 9 charges políticas, publicadas no perfil *@laertegenial* entre março e setembro de 2019. Como são charges políticas, interessou-nos esse período por ser o ano em que os candidatos recém-eleitos assumiriam seus cargos, sobretudo o presidente da república. E por conhecer o posicionamento ideológico da cartunista, conjecturamos que haveria um posicionamento crítico contundente, que, certamente, levantaria polêmica entre os leitores das charges, o que daria margem para processos argumentativos.

Embora o perfil *@laertegenial* seja alimentado com bastante frequência, há nele outros gêneros além das charges (cartuns, tiras cômicas). Isso significa que nem toda publicação no perfil é um texto chargístico. Em 2019, por exemplo, foram 107 publicações de charges, incluindo aquelas que são republicadas em momentos diferentes.

A cada postagem no perfil emergem, por sua vez, inúmeros comentários. No entanto, nem todos os comentários interessam a nossa pesquisa, visto que muitos deles são

apenas de caráter afetivo e de reconhecimento do trabalho da cartunista e, portanto, não gera dissenso entre os usuários a ponto de promover uma interação paralela ou prolongada. Dessa forma, nem toda charge publicada serviu ao nosso propósito de análise, visto que nosso objetivo é analisar as charges juntamente com aqueles comentários em que apareça uma orientação argumentativa por meio de inferências pragmáticas.

Os textos do nosso *corpus* estão inseridos em hipertextos, ou seja, aqueles textos que têm uma continuidade constante. Dito de outro modo, os textos do *Instagram*, mesmo que publicados em data remota, podem receber curtidas ou comentários posteriormente, isto é, podem ser continuados. Por essa razão, optamos por selecionar nosso corpus até o dia 07 de novembro de 2019, por meio da captura de tela (ferramenta de recorte que permite congelar a imagem da tela).

Como selecionamos aquelas charges cujos comentários geraram uma interação paralela, ou seja, os usuários interagiram entre si, observamos que um comentário reportado à publicação do texto chargístico gerava nos demais usuários uma necessidade de resposta/interação e, conseqüentemente, abria espaço para uma discussão muitas vezes acalorada. Nas interações do nosso *corpus* (charge-comentário/comentário-comentário) verificamos em quais delas havia o uso das máximas conversacionais como estratégia no processo de argumentatividade.

Em seguida, nosso olhar se voltou então para os comentários das charges. Cuidadosamente, lemos todos os comentários de cada uma das publicações e selecionamos apenas aqueles que, de certa forma, geraram uma interação paralela à postagem inicial da charge. Isso porque no perfil *@laertegenial* há inúmeros seguidores que têm opiniões que convergem, mas também que divergem da opinião da cartunista e, por se tratar de charges políticas, essas divergências costumam ser mais evidenciadas.

É comum alguns seguidores, ao perceberem a crítica velada na charge, tentar contra-argumentar, o que gera um embate entre os próprios usuários da página, que muitas vezes defendem cartunista. O nosso foco é dado justamente a essas discussões para

poder observar quais argumentos os usuários usam para derrubar o argumento contido na charge, e como os demais usuários, que compactam com as ideias de Laerte, reforçam seu argumento e contra-argumentam aqueles usuários.

Como dito anteriormente, embora as postagens tenham um número elevado de comentários, nem todos são de nosso interesse, visto que muitos são apenas de caráter elogiosos/afetivos. Os que interessam a nossa pesquisa são aqueles em que o dissenso aparece, ou seja, que abrem, pois, espaço para uma discussão argumentativa.

A construção do *corpus* da nossa pesquisa se deu, portanto, observando as interações do *Instagram*, observando quando os usuários violam propositalmente as máximas de Grice como estratégia argumentativa, seja nas charges, seja nos comentários. Observamos também que as implicaturas disparadas a partir dessas violações conseguem ser captadas pelos interlocutores e são, muitas vezes, refutadas por aqueles que não concordam com o que está sendo exposto pela cartunista, o que gera um debate acalorado. Essas discussões geram uma interação paralela às postagens das charges de Laerte, uma vez que os usuários argumentam e contra-argumentam entre si, a fim de defender seus posicionamentos, sobretudo políticos.

No capítulo seguinte, analisamos as implicaturas e a argumentação aplicadas ao nosso *corpus*.

5. IMPLICATURAS E ARGUMENTAÇÃO NO *INSTAGRAM*

O *Instagram* é um espaço do debate público. Nessa rede social, assim como em outras, as pessoas exercem o livre arbítrio emitindo opiniões e juízos. Então é comum que discussões inflamadas apareçam no espaço destinado aos comentários, porque as pessoas nem sempre compartilham dos mesmos valores, crenças, ideologias. Não muito raro, os usuários costumam intervir na opinião e, conseqüentemente, na atitude do outro, isto é, usam a linguagem para argumentar, pois segundo Fiorin (2020, p.76), quando comunicamos agimos sobre o outro e, dessa maneira, fazemo-lo aceitar o que é transmitido, crer naquilo que se está dizendo, ou seja, não é apenas levá-lo a receber e compreender mensagens, mas, sobretudo “fazer crer e fazer fazer”. De fato, argumentamos o tempo todo, dentro ou fora das redes sociais. É importante que o debate aconteça em qualquer espaço, mas ele não pode se restringir a juízos pautados apenas em preceitos pessoais, pois argumentar carece de uma postura mais analítica, exige critérios objetivos e mensuráveis.

O fato de fazer uma postagem em uma rede social, já sinaliza uma postura argumentativa, dado que no *post* é reforçado o posicionamento do usuário, seja político, seja ideológico. Com isso, é natural que ocorram respostas que compactuam ou não com o que está sendo exposto. Normalmente, quando as ideias são divergentes é mais provável que as pessoas se sintam mais autorizadas a questionar. Esses questionamentos, todavia, nem sempre aparecem de forma clara, porque muito do que se diz é veiculado implicitamente, pois também comunicamos por meio de implicaturas. Aliás, também argumentamos por implícitos.

No nosso *corpus*, podemos observar que as implicaturas emergem o tempo todo nas interações do *Instagram*, quer no espaço das postagens (*Feed*), quer nos comentários. Na medida em que as interações vão prosseguindo, as implicaturas vão surgindo, de forma escalonada ou não. Muitas vezes, o que se está implicando pode aparecer repetidamente em outras interações. No caso das charges de Laerte, postadas no perfil *@laertegenial*, isso ocorre com muita frequência.

Nas análises, percebemos nas charges as seguintes implicaturas: i) a intolerância política, sobretudo no contexto atual, dissemina o ódio e fomenta a violência; ii) o

governo de Bolsonaro é uma ameaça à democracia; e iii) o presidente Bolsonaro não tem o devido preparo para o cargo de chefe de Estado. Observamos também que essas implicaturas se repetem em outras charges. Por isso, fizemos uma categorização por tipos de implicaturas, o que resultou em três grupos, conforme o quadro seguinte:

Quadro 1 – Quadro das categorias por implicaturas

Implicatura 1: A intolerância política, sobretudo no contexto atual, dissemina o ódio e fomenta a violência.	
Charge 1	7 comentários
Charge 2	5 comentários
Charge 3	6 comentários
Implicatura 2: O governo de Bolsonaro é uma ameaça à democracia.	
Charge 4	6 comentários
Charge 5	8 comentários
Charge 6	5 comentários
Implicatura 3: O presidente Bolsonaro não tem o devido preparo para o cargo de chefe de Estado.	
Charge 7	6 comentários
Charge 8	5 comentários
Charge 9	5 comentários

Fonte: elaborado pela autora com base no *corpus*.

No subcapítulo que segue, analisamos as charges (1, 2 e 3) que produziram a implicatura 1 e os comentários reportados a elas.

5.1 IMPLICATURA 1: A INTOLERÂNCIA POLÍTICA, SOBRETUDO NO CONTEXTO ATUAL, DISSEMINA O ÓDIO E FOMENTA A VIOLÊNCIA.

Charge 1



Fonte: *Instagram* (retirada em 16/10/19)

Esta charge foi publicada no perfil [@laertegenial](#) no dia 05 de maio de 2019. Na data em que foi retirada, 16 de outubro do mesmo ano, havia 348 respostas. É importante ressaltar que, no contexto da publicação, existia uma forte polarização política no nosso país entre pessoas consideradas, ideologicamente, de direita e pessoas de esquerda, e muitos episódios de intolerância política.

Na parte imagética, apresenta um homem, aparentemente detido, sentado de costas e com corrente nas mãos sendo interrogado. Na parte verbal, há um diálogo entre o homem e um outro personagem que não aparece, mas tudo indica que é uma autoridade policial.

A forma como a charge foi construída sugere algumas implicaturas. A fala da personagem que interroga foi elaborada em forma semelhante a um raciocínio quase lógico, fundado no princípio do terceiro excluído, sugere um falso dilema. Quando o personagem diz “ *você atacou achando que era um morador de rua ou achando que era um índio?*”, reduz as possibilidades de respostas, o que direciona para um ou outro grupo. É evidente que as duas opções oferecidas como únicas não excluem uma terceira opção. Há aqui um trabalho zeloso com a linguagem que orienta para uma

conclusão. Laerte argumenta, implicitamente, que há uma naturalização das mortes dessas pessoas.

A fala do outro personagem (*“Na verdade, achei que era o filho do Lula.”*) é o gatilho que provoca o humor na charge, já que há uma quebra de expectativa na resposta, que não é nem morador de rua nem índio, mas sim o filho do ex-presidente Lula. É nessa quebra de expectativa que a máxima da relação é explorada para implicar que, além da violência contra “índios” e “moradores de rua”, há também a intolerância política que vem incitando a violência, representada verbalmente pelo nome do filho do líder do principal partido de oposição (Partido dos Trabalhadores). Podemos compreender esse sujeito, que a charge representa, como alguém que tem aversão ao ex-presidente Lula ou até mesmo um eleitor radical antipetista. Então o “ser filho do Lula” também pode ser entendido, metaforicamente, como ser eleitor/defensor do ex-presidente.

Como é típico da charge orientar para uma argumentatividade, nesta crítica à violência gratuita e ao ódio, disseminado por determinadas pessoas que fazem isso em nome de uma ideologia, Laerte chama atenção para a banalização da vida humana e argumenta, ainda que implicitamente, que existe um ódio cabal aos direitos humanos que é legitimado em nosso país em nome de uma posição política radical.

Em seu texto, a cartunista faz com que o leitor resgate, em sua memória, episódios de violência contra essas pessoas, como o assassinato do indígena Galdino de Jesus, em 1997, queimado vivo por um grupo de cinco amigos, em Brasília; e a chacina da Candelária, que foi um massacre de um grupo de policiais contra oito meninos de rua, que dormiam próximo à Igreja da Candelária, ocorrido em 1993, no Rio de Janeiro. Tragédias como essas, que repercutiram em todo o país, servem para fundamentar o que está sendo defendido por Laerte, pois indicia que tanto os indígenas, quanto a população em situação de rua, estão vulneráveis à violência.

Pelo teor da crítica, essa publicação desencadeou uma série de comentários. Muitos concordando com o que estava colocado, outros, no entanto, divergindo da tese. Dentre eles, o comentário abaixo chamou nossa atenção, pois, além de provocar uma

interação paralela (com 19 respostas), gerou uma implicatura que, aparentemente, não se relaciona com o que está sendo abordado.

Para facilitar a compreensão da análise, trataremos os interlocutores dos comentários, em cada charge, como usuário 1, usuário 2, usuário 3, e assim sucessivamente.

Comentário 1 → Reportado à charge 1



O usuário 1 reagiu à publicação da charge com a pergunta “*nenhuma tirinha sobre o assassinato do policial em SP????*”. Essa indagação soou um pouco provocativa para alguns seguidores da página, pois “fazer perguntas embaraçosas ou provocadoras é uma técnica para desestabilizar o interlocutor” (Fiorin, 2020, p.211). Ademais, o uso repetido do sinal de interrogação demonstra a ênfase dada à pergunta. Alguns seguidores perceberam que não se tratava de um desprezioso questionamento e reagiram a esta publicação.

Olhando de modo relapso para este comentário, poderíamos pensar que o que está escrito ali não tem relação direta com o que está sendo discutido. No entanto, o usuário 1 explora também, de forma estratégica, a máxima da relação, uma vez que fez um comentário, aparentemente, irrelevante para o tema em curso. É importante pontuar que, ainda que não estejam explícitas, há outras informações que não foram ditas, mas implicadas pelo usuário. O modo como foi colocada esta indagação sugere a implicatura de que Laerte não se importou com a morte do policial de São Paulo.

Dessa forma, podemos compreender essa provocação como uma tentativa de desqualificar ou contra-argumentar o que está sendo colocado pela cartunista.

Comentário 2 → Reportado ao comentário 1



Em tom irônico, uma usuária responde ao usuário 1 sugerindo que ele fizesse então uma tira cômica para o caso do policial: “faz uma...”, o que denota um tom de desprezo pelo comentário anterior, pois “a ironia é um recurso utilizado para desestabilizar o adversário” (Fiorin, 2020, p. 221). Ora, esta usuária não sabe se seu interlocutor tem habilidade para trabalhar com tiras cômicas, no entanto explora a máxima da qualidade e a do modo, já que utilizou a ironia, na tentativa de contra-argumentar o comentário a que se refere. Este comentário pode implicar que esta pessoa tem um posicionamento político-ideológico divergente do posicionamento do usuário 1 e que não apreciou a crítica destinada à cartunista. Todavia, para refutar seu adversário, a usuária 2 lança mão do argumento *ad hominem*, argumento que, segundo Fiorin (2020, p. 171), “não se discutem os méritos intrínsecos do ponto de vista ou da dúvida do oponente, mas se desqualifica o adversário como interlocutor sério, apresentando-o como alguém incompetente, não confiável ou inconsequente”.

O usuário 1 replicou o comentário 2, alegando que houve um mal-entendido, que a colocação dele não era uma crítica, mas sim uma sugestão para a cartunista, o que indica uma tentativa de cancelamento da implicatura. Entretanto, essa tentativa não anulou o que foi implicado, porque ao realizar aquele comentário, ele não apenas fez

uma declaração, mas produziu determinada intenção, seja contra-argumentar, ironizar ou provocar o interlocutor (que no caso era a chargista). Desse modo, por mais que ele tente dizer o contrário, a implicatura gerada em seu comentário leva a crer que não se tratava apenas de uma sugestão para Laerte. Isso é ratificado pela usuária 2, no comentário a seguir.

Comentário 3 → Reportado ao comentário 1



Na tréplica, a usuária 2 demonstra não estar convencida de que o usuário 1 não quis dizer o que estava implicado no seu comentário, quando o acusa de entender de forma limitada o que estava sendo tratado na charge: “o que VOCÊ não entendeu, ‘moço’, é que o policial assassinado em São Paulo está SIM incluído nesta tira. Afinal, ele também é vítima do discurso de ódio”. Aqui é explorada a máxima da qualidade, pois mesmo sem ter evidências para acusar seu oponente, a usuária 2 faz uma afirmação contundente, inclusive destaca o pronome de tratamento “você” para enfatizar que a responsabilidade da não compreensão é do seu interlocutor. A máxima do modo também é explorada, já que há um tom irônico nessa manifestação.

Mais uma vez a tentativa de contra-argumentação está voltada a pôr em dúvida a confiabilidade da pessoa que fala. Embora argumente, por meio do exemplo, que o policial de São Paulo também esteja inserido na crítica da charge, o que faz sentido, pois o texto chargístico faz remissão aos direitos humanos, ao discurso de ódio, à

violência gratuita e disseminada. Além disso, esta pessoa implica uma insatisfação com o tratamento dirigida a ela (“moça”).

Comentário 4 → Reportado à charge 1



Este comentário também foi reportado à charge e, na ocasião, obteve 164 respostas. Lembramos, entretanto, que nem todos os comentários foram utilizados em nossa análise. Focamos, pois, aqueles em que a máxima é explorada com fins persuasivos.

No comentário acima, o usuário 3 explora a máxima da relação, dada a impertinência que sua colocação traz para a discussão porque o que está em jogo na charge não é a índole do filho do ex-presidente. Além de explorar a máxima da qualidade, uma vez que acusa Lula, de forma enfática, de ser “MAFIOSO” e julga seu filho de ser multimilionário sem apresentar evidências para isso. Há também a exploração da máxima da quantidade, visto que este usuário dá menos informação do que deveria. Todas essas aparentes rupturas às máximas de Grice são na verdade estratégias que visam desqualificar a discussão.

O usuário utiliza o argumento do espantalho que, segundo Amossy (2020, p. 161), “consiste em atacar o adversário a respeito de um argumento que, na realidade, é mal compreendido ou mal reconstruído por aquele que o refuta”, ou seja, não está se opondo a ideia que foi apresentada pela cartunista, mas sim faz uma distorção do ponto de vista da crítica. Notamos que ele destaca “filho do Lula” e depois define quem

é a pessoa. E de acordo com Fiorin (2020, p. 118), “o modo de definir depende de finalidades argumentativas”. Para este autor, as definições “estão orientadas para convencer o interlocutor de que um dado significado é aquele que deve ser levado em conta”. Isso sugere a implicatura de que, há certa aversão a Lula e sua família, também indica a defesa de um posicionamento político-ideológico deste locutor.

Comentário 5 → Reportado a outros comentários



O mesmo usuário da intervenção anterior lança mais este comentário em resposta às inúmeras reações à sua postagem. Aqui, ele insiste em colocar em xeque a idoneidade do filho de Lula, o que ratifica a implicatura de aversão ao líder petista. Há uma tentativa de desmoralizar o filho do ex-presidente.

Aqui está implicado que o filho de Lula enriqueceu de forma ilícita (“*Até os 28 anos, esse rapaz ganhava R\$ 600*”). Reafirmamos que, embora não tenha relação direta com o que está sendo criticado/denunciado por Laerte na charge, o comentário explora mais uma vez a máxima da relação na tentativa de desqualificar a discussão levantada pela cartunista. Pelo que está colocado, este usuário pode ter implicado que os demais usuários dos comentários estariam, de certa forma, defendendo o filho do ex-presidente.

Para reforçar esse posicionamento, em uma relação de intertextualidade, ele usa como argumento trechos de uma matéria jornalística, cujo foco é ascensão financeira

do filho de Lula, e o *link* que direciona para o *blog* do jornalista Reinaldo Azevedo, onde consta a matéria na íntegra. Tudo isso para mostrar que Lulinha, como é conhecido, tem o caráter duvidoso. Seu comentário é endossado pelo argumento de um importante jornalista que influencia, de alguma forma, a opinião pública. Apesar disso, vale ressaltar que a charge não está defendendo o filho de Lula, mas sim mostrando que o discurso de ódio fomenta a violência e, conseqüentemente, oferece risco aos direitos humanos.

Essas duas postagens também geraram uma discussão calorosa. Selecionamos dois comentários em que a incidência da exploração de máximas orienta para uma postura argumentativa.

Comentário 6 → Reportado ao comentário 4



Um quarto usuário questiona ao usuário 3 sobre qual filho do ex-chefe do executivo ele faz referência (“*Qual deles é multimilionário?? O q o filho morreu num hospital de classe média baixa ou a q estava vendendo ovos de páscoa pra aumentar a renda???*”). É evidente que essas perguntas não são feitas apenas com o intuito de sanar as dúvidas, mas sim de inflamar o debate ou provocar o oponente. Há um tom provocativo, que pode ser percebido também pela repetição do sinal de interrogação, pois o uso multiplicado desse sinal gráfico pode indicar que o locutor deseja expressar de forma intensa algum sentimento.

O usuário 4 explora a máxima da qualidade, não porque não esteja sendo cooperativo, mas por agir de forma estratégica para contra-argumentar o que foi exposto pelo usuário 3. Em tom de ironia, portanto violando também a máxima do modo, argumenta baseando-se em fatos que foram noticiados na mídia, a saber, o neto de Lula, que faleceu em 2019, foi atendido em um hospital de classe média; a filha de Lula vendeu ovos de páscoa nas redes sociais em 2019. Tudo isso para indicar que essas atitudes não são típicas de milionário, o que sugere a implicatura de que este usuário simpatiza com a família do ex-presidente, já que argumenta para defendê-la.

Comentário 7 → Reportado ao comentário 4



Pelo fato de o comentário 4 fazer uma referência negativa ao filho do ex-presidente Lula, o usuário 5 implicou que aquele locutor é simpatizante do presidente Jair Bolsonaro. Assim, a fim de refutá-lo, este seguidor traz em seu comentário informações que não condizem com a realidade. Por isso, de forma intencional, explora a máxima da qualidade quando, ironicamente, compara a família de Lula com a família do atual presidente. Para isso, traz dados reais, publicados em jornais de grande circulação à época, que se referem à família de Bolsonaro. Todavia, menciona à família do ex-presidente, a fim de argumentar por meio da comparação, em tom sarcástico, qual família realmente enriqueceu ilicitamente, no seu ponto de vista.

Na realidade, a informação de patrimônio aumentado em 432% refere-se ao filho do presidente Jair Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro. O ex-motorista de Flávio Bolsonaro,

Fabrcio Queiroz, foi acusado de movimentar mais de um milh3o em transa33es at3picas e depositar 24 mil na conta da primeira-dama, Michelle Bolsonaro. Em suma, h3a nesse coment3rio argumentos fortes, ainda que estrategicamente ironizados, que orientam para den3ncia. Assim sendo, entendemos que a m3xima do modo tamb3m 3 explorada, j3 que houve ironia. Esta resposta sugere, portanto, a implicatura de que o locutor se posiciona contr3rio 3 Bolsonaro e 3 sua fam3lia.

Charge 2



Fonte: *Instagram* (retirada em 12/08/19)

A charge 2 est3 constitu3da com v3rios modos de representa33o da linguagem. Na parte verbal, tem-se o di3logo entre um homem que deseja fazer uma tatuagem, com as palavras “Deus-p3tria-fam3lia”; e o tatuador, que diz que aquela tatuagem “n3o vai caber” no corpo dele. Na parte visual, por sua vez, o destaque dado ao corpo do homem, tatuado com in3meras caveiras, constitui pe3a importante para compreender a cr3tica incutida na charge, pois a quebra de expectativa se d3, justamente, pelo fato de a express3o tr3ade ser substituída por mais um desenho de caveira, que indica a implicatura de que cabe mais 3dio e morte. Esses elementos visuais e verbais se complementam para constru33o dos sentidos. No entanto, os elementos por si s3 nem sempre s3o suficientes para isso, precisando, portanto, recorrer aos significados pragm3ticos.

De acordo com os postulados de Grice (1982 [1975]), somos guiados pelo princípio cooperativo em nossas ações comunicativas. Desse modo, sempre esperamos que o outro nos apresente um texto dotado de sentido. Na charge acima, publicada no perfil *@laertegenial*, essa expectativa de compreender o sentido do texto é percebida pelos inúmeros comentários, feitos pelos seguidores do perfil, que se relacionam com a postagem. Dessa forma, é possível observar que os efeitos de sentidos vão sendo construídos na interação entre a cartunista e seus interlocutores, bem como entre os próprios usuários do perfil, que interagem entre si.

O modo como a charge foi construída demonstra que, estrategicamente, Laerte explora a máxima graciana do modo, pois a informação contida ali foi apresentada, propositalmente, de forma pouco clara, pois o verbo “caber” está colocado ambigualmente. Assim como Fiorin (2020, p.83), entendemos que “a seleção das palavras para identificar seres e denominar acontecimentos já revela um ponto de vista acerca dos ‘fatos’”. Ao desrespeitar esta máxima, a cartunista dá pistas de que aquele significado visível precisa ser ampliado. Dessa maneira, têm-se aí as informações ditas de forma explícita, e aquelas que são implicadas. Isso exige dos interlocutores um esforço cooperativo para ir além do dito.

Considerando que a função da charge é, principalmente, fazer uma crítica sociopolítica, e conhecendo o engajamento político-social de Laerte, é possível fazer uma leitura mais ampla da charge. A começar pela marca de intertextualidade que orienta para um discurso argumentativo. Laerte traz para sua charge o slogan/lema “Deus-pátria-família” do Integralismo, partido de extrema-direita surgido na década de 1930 no Brasil. “As fórmulas condensadas, como, por exemplo, o *slogan*, notadamente se se apresentam, implícita ou explicitamente, como uma definição, têm um poder argumentativo muito grande” (Fiorin, 2020, p. 122). Com isso, podemos inferir que, para a cartunista, o Brasil ruma para um caminho semelhante ao daquela época, pois os mesmos discursos fascistas estão se repetindo, e, na charge, esse discurso parece não “caber”.

Ela se apropria, então, da intertextualidade para se posicionar em relação ao contexto atual do Brasil, haja vista que suas ideias são divergentes das defendidas pelo

presidente de extrema-direita, Jair Bolsonaro. De forma irônica, Laerte aponta para dois comportamentos incompatíveis, ser conservador e não ser ao mesmo tempo, pois, geralmente, às pessoas conservadoras não lhe apetece tatuagens. No entanto, o personagem da charge quer tatuar “seu discurso conservador” e, como não cabe, aceita sem hesitar o desenho da caveira. Logo, o personagem discursa uma coisa, mas age de uma forma incompatível com o que diz acreditar. A forma como este texto chargístico está organizado, portanto, orienta para uma defesa de tese da cartunista, pois como nos afirma Amossy (2020), é a organização textual que determina a argumentatividade.

Ao postar essa charge no *Instagram*, muitos comentários foram reportados a ela, e muitas implicaturas conversacionais apareceram também nos comentários da postagem, selecionamos alguns em que há ocorrência de implicaturas combinada com orientação persuasiva.

Comentário 1 → Reportado à charge 2



No comentário em destaque: “*Mas então quem tatua caveira é bolsominion? Não entendi...*”, o usuário 1 já fez um outro tipo de implicatura, que Laerte pode estar sugerindo que pessoas que tatuam caveiras são seguidoras de Bolsonaro. Observamos que ele usou a palavra “bolsominion”, termo pejorativo para referir-se

aos seguidores fanáticos do presidente Jair Bolsonaro. Com isso, implica que não partilha do mesmo posicionamento político-ideológico do chefe do planalto, nem dos seus seguidores. No entanto, nada evidencia que a crítica esteja direcionada às pessoas que tatuam caveiras em seus corpos, portanto, há uma exploração da máxima da relação.

Na realidade, as caveiras estão empregadas em sentido metafórico e podem simbolizar, no contexto da charge, ódio ou morte. É possível ainda perceber a implicatura de que este usuário pode ter tatuagem, pois sugere um tom ofendido em sua resposta à charge. Na construção do comentário, notamos uma orientação argumentativa, já que, implicitamente, o locutor defende a tese de que nem todas as pessoas que tatuam caveiras são bolsonaristas fanáticos. Assim sendo, o comentário é construído em forma de pergunta para “cobrar” da cartunista um posicionamento.

No entanto, não se trata de uma simples indagação despreziosa, pois o usuário lança mão de duas conjunções carregadas de significação: “mas” e “então”. Para Koch (2018), o uso do “mas” opõe argumentos de perspectivas diferentes, o que orienta para conclusões contrárias. Deste modo, ao usar esse conector, este usuário contrapõe a suposta colocação da cartunista; O “então”, ainda segundo Koch (2018), introduz uma conclusão relativa a argumentos apresentados em enunciados anteriores. Ou seja, o usuário tirou conclusões a partir do que foi implicado para ele no enunciado da charge. Além disso, ele afirma, em tom de inconformismo, que não entendeu o *post*, o que é evidenciado pelo uso do *emoji* cara pensativa, que sugere dúvida. 🤔

Esse comentário gerou 35 respostas, em muitas delas os demais usuários se disponibilizavam para tentar construir, cooperativamente, os sentidos da charge. Cada um dava sua contribuição baseado naquilo que compreendeu do texto. Outros, no entanto, faziam críticas depreciativas direcionadas ao comentário 1.

No comentário que segue (comentário 2), o usuário 1 publica uma outra resposta, fazendo referência aos comentários desdenhosos, na qual é disparada uma nova implicatura.

Comentário 2 → Reportado a outros comentários



A certa altura nas interações, referindo-se aos comentários reportados ao seu *post* inicial (comentário 1), o usuário 1 faz o seguinte comentário: “[...] *Eu até entendo que pensam que quem não compreende uma charge da Laerte seja de direita.*[...] *E olha que sou de esquerda! Será que a gente vai ter que vir aqui e se identificar numa linha ideológica pra receber um bom tratamento?*”. O seguidor inferiu que o fato de ele “não ter compreendido a charge” marcou o seu posicionamento político perante os seguidores/administrador do perfil *@laertegenial*.

Seu comentário gera a implicatura de que as pessoas de direita sejam incapazes de compreender as charges de Laerte. Contudo, não há evidências de que isso seja

verdade. O usuário 1, portanto, viola a máxima griceana da qualidade. Ademais, ele implica que os seguidores/ administrador do perfil só tratam bem àqueles que têm o mesmo posicionamento ideológico de esquerda. Para contra-argumentar as possíveis réplicas, o usuário 1 já se posiciona, ideologicamente, como de esquerda, além de apelar, implicitamente, para os sentimentos daqueles que participavam da discussão (*argumentum ad populum*). Sobretudo quando encerra seu comentário com uma pergunta enfática.

No comentário que segue, um segundo usuário (denominado aqui usuário 2) capta a implicatura do usuário 1 e reage.

Comentário 3 → Reportado ao comentário 2



Este usuário captou a implicatura do comentário anterior, de que as pessoas de direita não conseguem compreender a charge de Laerte e retruca argumentando que ser de direita não implica problema cognitivo. O seu comentário “*escolhe bem a cor da tua camisa antes de sair na rua.*” explora a máxima do modo, pois está construído, estrategicamente, de forma “pouco clara”, já que não menciona que cor seria essa, justamente para argumentar que os ânimos estão inflamados na política. Então, o enunciado no imperativo adverte o interlocutor de que determinada cor pode representar perigo. Nesse caso, pode emergir a implicatura de que a cor da camisa só não pode ser vermelha, pois tem sido muito rejeitada por remeter, politicamente,

ao partido dos trabalhadores (PT) ou ao comunismo, ambos muito hostilizados no momento atual.

Comentário 4 → Reportado à charge



O comentário 4, (*Preconceito do Laerte para com quem tem tatuagens de caveira!!!!???*) reportado à charge, chamou nossa atenção, pois também gerou uma interação paralela, com 32 respostas. Aqui, o usuário inferiu da charge que Laerte poderia ter algum preconceito com pessoas que têm tatuagens de caveira. Todavia, como já foi dito, o foco da charge não é tatuagem.

Essa inferência provocou neste usuário uma inquietação, materializada no comentário, que pode implicar que ele é adepto à tatuagem ou não vê problemas nas pessoas que as têm. Neste caso, ele explora a máxima da qualidade, porque fala sobre o que não tem certeza se é verdade, quando insinua que Laerte é preconceituosa. Observamos que o locutor usa, simultaneamente e de forma múltipla, os sinais de exclamação e interrogação que indicam a pretensão de enfatizar o que está sendo colocado ou expressar um sentimento, neste caso sugere indignação. Dada a posição dos sinais gráficos, podemos entender que esta sentença é mais exclamativa que interrogativa, ou seja, não se tem aqui uma simples questão.

Além disso, há também a exploração da máxima da relação, posto que a tese em questão não tem pertinência com a tese defendida por Laerte. Assim, ele se posiciona de modo a argumentar contra esse suposto posicionamento da cartunista. Para tanto, faz uma indagação mencionando Laerte em seu comentário e atribuindo a ela, precipitadamente, o rótulo de preconceituosa. Dito de outro modo, em lugar de refutar a tese defendida na charge, este usuário desvia o foco da discussão para a cartunista, ou seja, usa o recurso argumentativo *ad hominem*. Com isso, muitos usuários reagiram a seu *post*. Para ilustrar, selecionamos o comentário abaixo.

Comentário 5 → Reportado ao comentário 4



Este outro usuário reportou ao comentário 4, afirmando que “*nem todo mundo que tatua caveira é ‘Bolsonazi’*”. Observamos na construção desse enunciado que o usuário, propositalmente, explora a máxima do modo, pois joga com a linguagem a fim de construir um argumento. Quando usa o termo “Bolsonazi” (fusão de Bolsonaro com nazismo), orienta para a conclusão de o presidente da república e seus simpatizantes convergem com as ideias nazistas.

Além disso, o usuário também explora a máxima da qualidade, pois faz afirmações mesmo sem ter evidências para tais: “*mas todo bolsonazi é chegado numa ideia de matar pobre, esquerdista, gay e ‘quilombola’*”. Este comentário leva-nos a inferir que este usuário não aprova a gestão do presidente, bem como marca seu

posicionamento político-ideológico a partir de suas escolhas linguísticas estrategicamente.

Charge 3



Fonte: *Instagram* (retirada em 31/10/2019)

Este texto chárigo, publicado no perfil no dia 30 de julho de 2019, está composto apenas da linguagem não verbal. Fazendo a leitura linear da esquerda para a direita, observamos várias caveiras espalhadas formando um caminho. Nesta charge, Laerte também usa a imagem da caveira. Ao prosseguir com a leitura, chegamos à figura de um homem com uma faixa presidencial nas cores da bandeira brasileira, o que sugere a personificação do presidente do Brasil. Este personagem carrega um saco junto a seu corpo de onde retira e espalha os ossos das caveiras, semelhante à imagem de um semeador. É nesta parte que se encontra o gatilho da charge, pois de forma metafórica a cartunista insinua que o atual presidente é responsável por cultivar o ódio e, conseqüentemente, a morte- ambos simbolizados pela caveira.

Possivelmente a quadrista supõe que seus interlocutores mobilizarão seus conhecimentos de mundo para alcançar o que está sendo criticado na charge, ou seja, serão cooperativos na construção dos sentidos. Ela explora a máxima da qualidade de Grice (1982 [1975]), além da máxima do modo, uma vez que lança mão de

metáforas para argumentar que as atitudes do presidente provocam violência. Então, por meio da comparação, Laerte aproxima características do semeador, que lança sementes na terra para germinar e depois colher os resultados no campo, com Bolsonaro, que lança caveiras (ódio) por onde passa e depois colherá os resultados “germinados” (violência e morte). É necessário, portanto, que os interlocutores façam raciocínios pragmáticos, isto é, a partir do que está dito explicitamente chegar às informações implícitas para alcançar o que está criticado e denunciado pela artista.

Esta interação obteve na ocasião 381 comentários. Dentre eles, selecionamos aqueles que ocorreram exploração de máxima, estrategicamente, para contra-argumentar a tese da charge.

Comentário 1 → reportado à charge 3

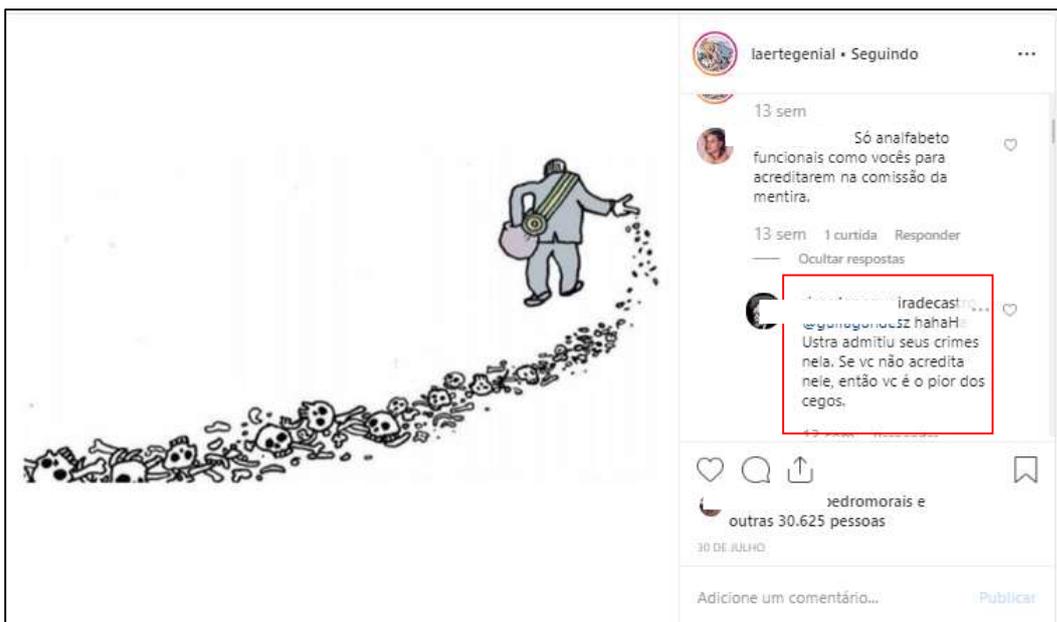


O usuário 1 reage à publicação fazendo uma referência à Comissão da Verdade, que investiga crimes cometidos por representantes do Estado no período da Ditadura Militar. No entanto, em tom de deboche e de forma irônica, ele a chama de “comissão da mentira”. Por isso, na construção dessa resposta, este usuário viola a máxima da qualidade, pois troca a palavra “verdade” por “mentira”, fazendo uma analogia, de forma proposital, a fim de implicar seu posicionamento contrário ao que está sendo colocado na charge e ao que propõem essas comissões. Também explora a máxima do modo, uma vez que se apropria da ironia para construir a resposta.

Na tentativa de contra-argumentar a crítica implícita na charge, o usuário 1 não refuta a tese diretamente, mas, a partir da sua leitura, infere que o locutor, assim como os demais usuários que curtiram ou felicitaram a postagem acreditam na Comissão da Verdade. Por conta disso os desqualifica de analfabetos funcionais.

Com isso, é possível observar que este usuário desvia o foco da tese em questão para outro tópico, pois não se está discutindo a credibilidade ou não da Comissão da Verdade. Dessa maneira, explora a máxima da relação, pois aparentemente faz uma colocação impertinente. Além disso, com o intento de desmerecer os argumentos da cartunista, apela para o ataque pessoal, o que inferioriza a discussão.

Comentário 2 → reportado ao comentário 1

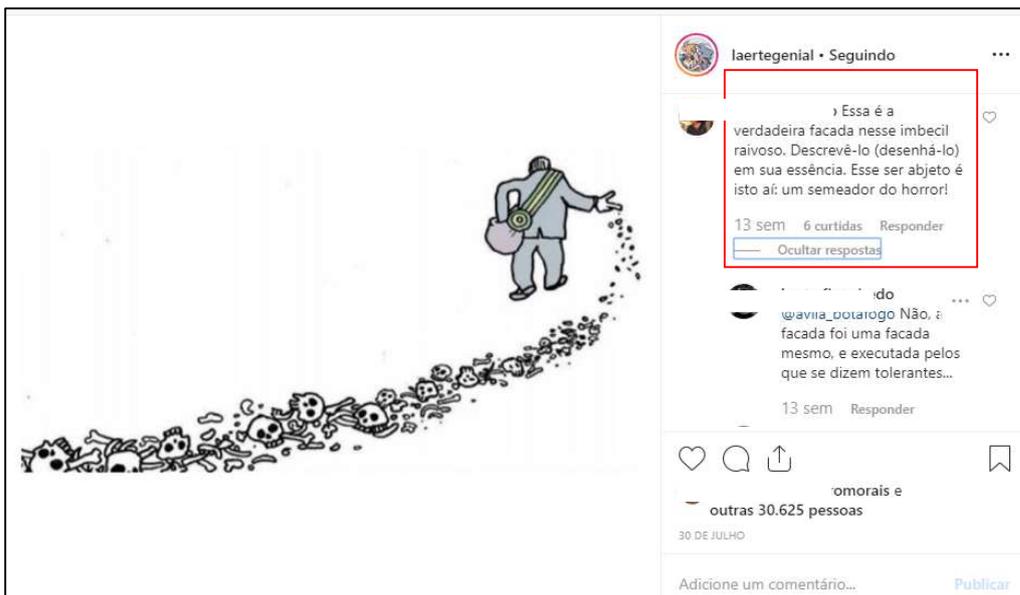


O segundo usuário refuta o usuário 1, na tentativa de defender a credibilidade da Comissão da Verdade e para tanto usa como argumento o exemplo do coronel reformado do Exército Brasileiro, Brilhante Ustra, que atuou em centro de repressão durante a Ditadura Militar brasileira. Então quando ele diz “*Ustra admitiu seus crimes nela*”, infere que seu interlocutor, por divergir do seu posicionamento (que também aparece por implicatura), compactua com o posicionamento do coronel. No entanto, faz uma afirmação que não condiz com a realidade, ferindo, portanto, a máxima da

qualidade, já que Ustra não admitiu seus crimes na Comissão da Verdade, muito pelo contrário, negou com contundência as acusações de torturas direcionadas a ele. Entendemos, portanto, que este seguidor conduz sua tese por meio de um argumento falacioso que, para Amossy (2020, p.160), “é um argumento logicamente defeituoso que se passa por válido”, isto é, dar a impressão de ser verdadeiro, mas não o é, embora tenha grande força persuasiva.

Observamos que usuário 2 já inicia sua resposta com uma onomatopeia (*hahaha*), que normalmente indica risos, mas que também pode sugerir, como nesse contexto, um tom sarcástico. E termina apelando para o ataque pessoal, ou seja, para o argumento *ad hominem*, na medida em que joga para o usuário 1 a responsabilidade de acreditar ou não em uma autoridade que, supostamente, teria um posicionamento político-ideológico convergente ao dele (“*Se vc não acredita nele, então você é o pior dos cegos*”).

Comentário 3 —→ reportado à charge

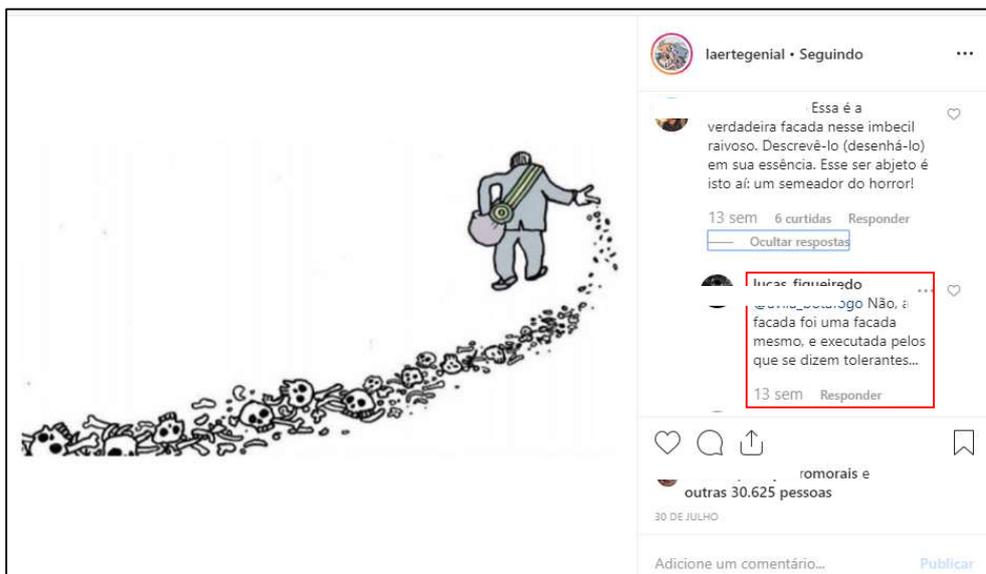


Neste comentário, o usuário 3 faz referência ao atentado sofrido pelo presidente Jair Bolsonaro, quando ainda concorria à eleição para presidente em 2018. Essa informação precisa ser recuperada pelos interlocutores para compreender o que está sendo colocado pelo locutor do comentário em questão. Quando escreve “*essa é a verdadeira facada nesse imbecil. Descrevê-lo (desenhá-lo) em sua essência*”, implica

dúvida em relação ao atentado contra o presidente, usando o termo “facada” metaforicamente.

Além disso, esse seguidor associa a índole do mandatário brasileiro ao ódio, ao pavor e à crueldade, quando usa a metáfora do “semeador do horror”. Desse modo, explora a máxima qualidade e do modo, já que usa metáforas para argumentar que Bolsonaro é um sujeito desprezível. Dessa maneira, este usuário se posiciona contrário ao presidente, bem como consente com a crítica da charge. Além de implicar que a facada foi uma farsa.

Comentário 4 → reportado ao comentário 3



Este comentário é uma resposta à intervenção anterior. Este usuário discorda do usuário 1 no que diz respeito ao episódio da facada. Para aquele, foi uma mentira; para este, aconteceu de verdade. Ele complementa sua resposta afirmando que a facada foi “*executada pelos que se dizem tolerantes...*”, fazendo referência implicitamente ao acusado Adélio Bispo, que já foi filiado ao partido PSOL (Partido Socialismo e Liberdade). Observamos que, mesmo sabendo que o responsável pelo crime foi Adélio, o usuário usa o plural, o que orienta para a conclusão de que o acusado não agiu individualmente, aludindo aos partidos opositores, especialmente de esquerda ou centro-esquerda.

Entendemos que, nesse ponto, o seguidor explora tanto a máxima da qualidade, porque afirma algo sem apresentar provas; quanto a máxima da quantidade, pois a quantidade de informação oferecida por ele não é suficiente para afirmar quem são os “intolerantes”. Dessa forma, notamos uma crítica incutida tanto a esses partidos, quanto àqueles com os quais simpatizam. As marcas linguísticas, portanto, orientam para uma postura argumentativa, na tentativa de minimizar a posição do seu interlocutor, desmerecendo seus argumentos. O seguidor constrói sua contra-argumentação por meio de um raciocínio quase silogístico: o executor da facada é intolerante; ele foi filiado a um partido de esquerda; logo, a esquerda é intolerante.

Comentário 5 → reportado ao comentário 4

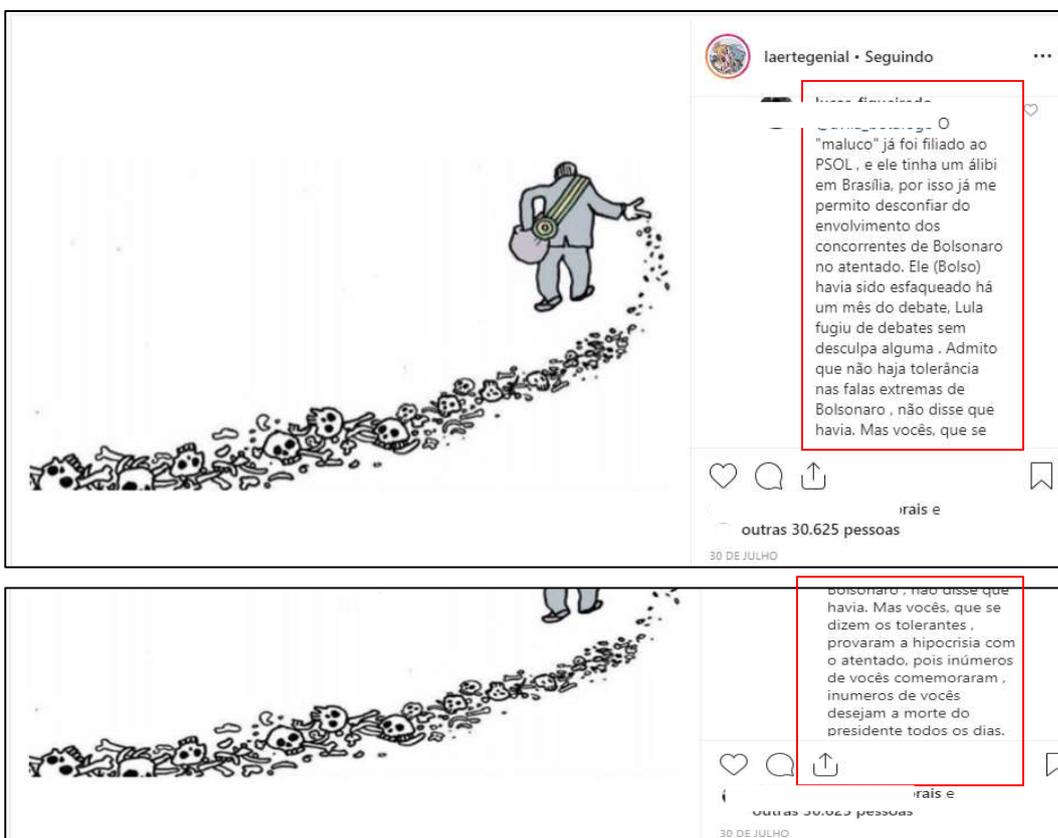


O comentário acima é uma tréplica ao comentário 3, em que usuário 3 contra-argumenta o usuário 4 com uma série de perguntas. Como já foi dito, as perguntas também têm um papel argumentativo. No caso desta resposta, o locutor pede evidências da tese defendida pelo seguidor 4, refutando que o episódio da facada foi pouco esclarecido (“...se foi tudo envolto em mistérios e pouquíssimo esclarecimentos?”). Então a tese da “facada falsa” é reforçada aqui. A máxima da qualidade é, propositalmente, violada, com o intuito de argumentar contra a tese do adversário.

Ele ainda insinua que o episódio foi uma jogada para o então candidato escapar do debate presidencial (“Por que na época dos debates o esfaqueado se esquivou

covardemente? Ou espertamente?). Este trecho permite fazer uma inferência pragmática de que, para este usuário, Bolsonaro não teria condições de enfrentar um debate com os demais candidatos, e se esquivar dele seria a melhor saída para o então presidenciável. Para contra-argumentar a acusação de intolerância, faz uma comparação com a figura do presidente da república, acusando-o de intolerante. Tudo isso, reforça o posicionamento político-ideológico do usuário 3, embora não tenha sido dito explicitamente.

Comentário 6 → reportado ao comentário 5



O usuário 4 não desiste do debate e continua a confrontar seu adversário. Aqui, ele tenta sustentar sua tese de que há alguma relação entre o atentado ao presidente e seus adversários políticos. Ele se refere ao agressor de Bolsonaro chamando-o de “maluco”, o que implica que, possivelmente, está ironizando o laudo apresentado pela Polícia Federal que apontou uma doença mental em Adélio Bispo. Este usuário faz uso das aspas para, justamente, se posicionar que não aceita esta alegação e volta a se referir aos opositores políticos, quando argumenta que Adélio teria sido filiado ao

PSOL (O ‘maluco’ já foi filiado ao PSOL”) e também teria um álibi em Brasília (“*ele tinha um álibi em Brasília, por isso já me permito desconfiar do envolvimento dos concorrentes de Bolsonaro no atentado*”). Desse modo, viola a máxima da qualidade, uma vez que insinua, mesmo sem ter evidências do álibi (que depois foi descartado pelas investigações), que os opositores de Bolsonaro teriam envolvimento com o atentado.

Observamos que embora este seguidor faça referência aos concorrentes do presidente, alude mais precisamente ao PSOL e ao PT (Lula), o que ratifica a implicatura de um posicionamento político-ideológico antiesquerdista. Ele ainda tenta sustentar seu argumento e, portanto, legitimar a ausência de Bolsonaro nos debates alegando também sem apresentar provas/evidências que “*Lula fugiu dos debates sem desculpa alguma*”, fazendo referência às eleições de 2006.

O seguidor 4 usa ainda uma estratégia de discussão (argumento *tu quoque*), que consiste em rebater a crítica do seu interlocutor de modo a desqualificá-lo apontando incoerência na sua posição. Faz isso ao indicar que há inconsistência entre o que o interlocutor (e aqueles que pensam como ele) fala e o que pratica (“*Mas vocês, que se dizem os tolerantes, provaram a hipocrisia com o atentado, pois inúmeros de vocês comemoraram, inúmeros de vocês desejam a morte do presidente todos os dias*”). Mais uma vez a máxima da qualidade é explorada, com o intuito de menosprezar as questões levantadas pelo usuário 3, pois mesmo sem ter certeza da postura do seu interlocutor, o usuário 4 julga, de forma generalizada, aqueles que têm um posicionamento divergente.

Como pode ser observado, as três charges analisadas produziram o mesmo tipo de implicatura: a intolerância política, sobretudo no contexto atual, dissemina o ódio e fomenta a violência. No subcapítulo seguinte, analisamos três charges (4, 5 e 6) que provocaram a implicatura 2 e os comentários dirigidos a elas.

5.2 IMPLICATURA 2: O GOVERNO DE BOLSONARO É UMA AMEAÇA À DEMOCRACIA.

Charge 4



Fonte: Instagram (retirada em 11/10/2019)

A charge 4, publicada em 16 de março de 2019 no perfil [@laertegenial](#), registrava 244 comentários na ocasião em que foi feita a captura de tela. Realizando sua leitura da esquerda para direita, observa-se na imagem uma mulher discursando para um público, no qual um homem com a mão levantada pede a palavra. Na parte verbal, tem-se a fala da personagem que discursa (“*Precisamos evitar o pensamento único.*”), a fala do personagem que solicita a palavra (“*Como assim, ‘pensamento’?*”) e, alinhado à imagem do público e em saliência, a palavra Bolsonaro, o que sugere uma plateia composta por simpatizantes do presidente brasileiro. Observar esses elementos multimodais é muito importante, pois permite que compreendamos com mais clareza os sentidos do texto e saber o que se está argumentando, pois, segundo Amossy (2020, p. 133), “é na espessura da língua que se forma e se transmite a argumentação”.

Na fala da primeira personagem, aparece uma relação intertextual de forma implícita, visto que quando Laerte usa a expressão “pensamento único”, remete-nos ao pensamento neoliberal difundido ao longo da década de 1990, em que o neoliberalismo era tido como única possibilidade de orientação às políticas econômicas e sociais. Dessa maneira, críticas a essa forma de governo não eram

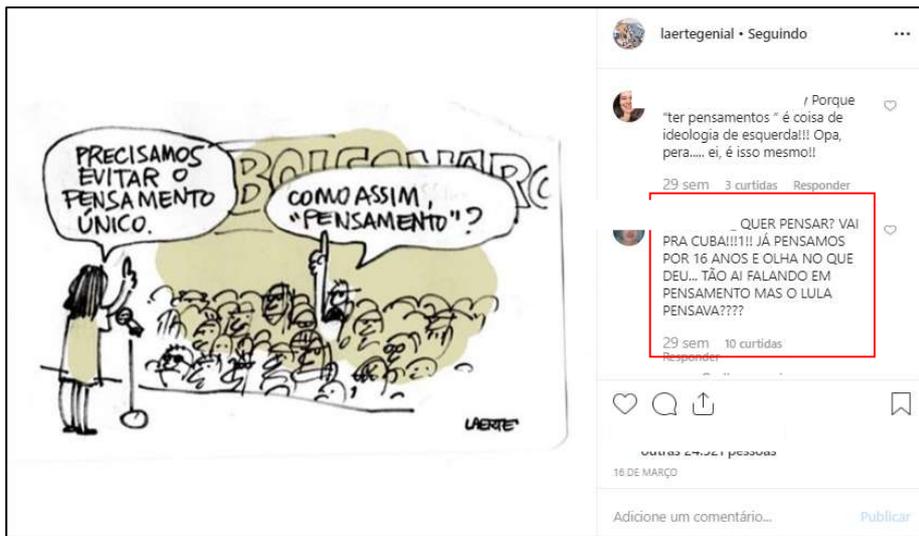
aceitas. Em vista disso, é possível inferir que a cartunista critica, ainda que veladamente, o modo como o governo federal vem administrando o país, dado que a agenda neoliberalista vem sendo assumida por Jair Bolsonaro. Além disso, a cartunista implica que o presidente e seus apoiadores assumem um único modo de perceber as coisas, rechaçando ideias diferentes. E isso fragiliza o processo democrático. Então, fica implicado na charge que o governo de Bolsonaro é uma ameaça à democracia.

A fala do homem é o gatilho que provoca o humor da charge e endossa a crítica posta pela cartunista. Dessa vez, ela julga a incapacidade de dialogar com os apoiadores bolsonaristas, sugerindo uma alienação por parte deles. De forma exagerada e proposital, Laerte apresenta a personagem como alguém que desconhece o significado da palavra “pensamento”, ou seja, explora a máxima do modo, pois faz uso da hipérbole. Com isso, orienta para uma generalização daquele público.

Conseqüentemente a máxima da qualidade também é explorada aqui, porque não há uma preocupação com a verdade, mas sim com o que está sendo veiculado e com os efeitos que se deseja provocar nos interlocutores. Dito de outro modo, o que está implicado é que não há como discutir pluralidade de pensamento com quem não sabe sequer o que significa pensamento, quanto mais pensamento único. Para tanto, Laerte usa um argumento que Fiorin (2020) e Amossy (2020) chamam de divisão, pois transfere propriedades que a charge sugere ser de parte dos eleitores de Bolsonaro (incapacidade de uma pessoa compreender a realidade à sua volta) para o todo, fazendo, como dito anteriormente, uma generalização.

Muitos comentários foram reportados a esta publicação. A seguir, analisaremos um comentário cuja interação gerou 60 respostas, algumas delas também serão objeto de análise.

Comentário 1 → Reportado à charge 4



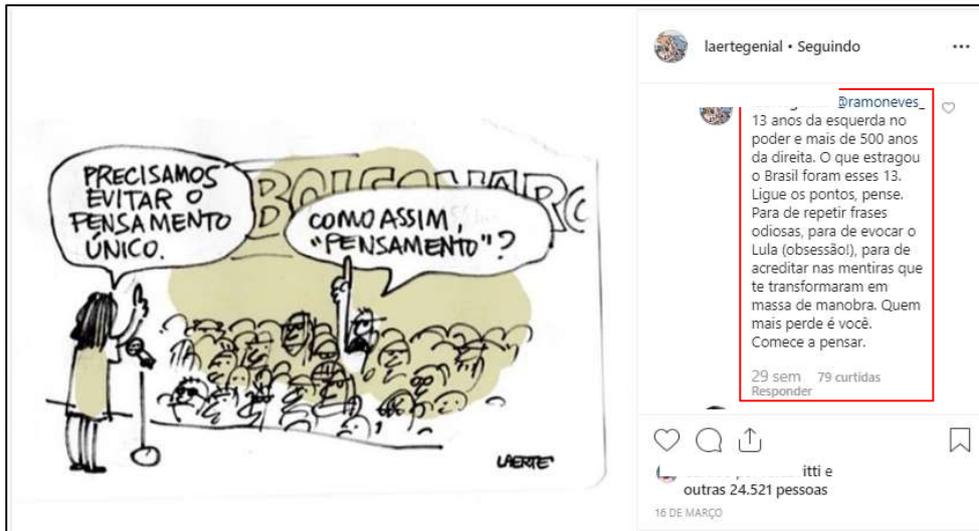
O usuário 1 faz uma intervenção em tom de ironia, explorando, portanto, a máxima do modo. Ele inicia o comentário com uma pergunta (“*QUER PENSAR?*”) para a qual já fornece a resposta (“*VAI PRA CUBA!*”), o que garante que não se trata de um mero questionamento, mas sim de uma provocação. Aliás, tem um intertexto nesse enunciado, pois “vai para Cuba” é uma frase que tem sido muito utilizada com tom pejorativo contra aqueles que se posicionam ideologicamente como de esquerda. Dessa maneira, nessa primeira parte, por meio de uma implicatura, é possível inferir que o posicionamento político-ideológico desta pessoa difere do da cartunista, pois percebemos que o usuário captou a implicatura da charge e reconheceu a crítica contida nela. Por essa razão, logo reagiu contrariando o que está sendo argumentado na charge.

Embora não esteja dito explicitamente, o modo como foi colocado ponto de vista do usuário sugere uma crítica ao governo anterior, o que é endossado na continuidade da fala: “*JÁ PENSAMOS POR 16 ANOS E OLHA NO QUE DEU...*”. Aqui é feita uma menção clara aos mandatos anteriores dos presidentes petistas Lula (2003-2010) e Dilma (2011-2018), também é insinuado que seus governos acabaram mal.

O comentário é finalizado com uma provocação: “*TÃO AÍ FALANDO EM PENSAMENTO MAS O LULA PENSAVA?????*”, que ratifica a implicatura mencionada anteriormente. Notamos uma tentativa de argumentação por meio da

comparação, visto que o usuário em questão implicou que a autora da charge tem afinidade com o posicionamento político do ex-presidente Lula e, do qual sugere discordar, por esse motivo, na sua visão, a cartunista não estaria legitimada a reclamar do governo atual.

Comentário 2 → Reportado ao comentário 1



O comentário 2 foi feito pelo administrador do perfil [@laertegenial](#), que inicia sua intervenção contra-argumentando o usuário 1 por meio da comparação, já que o faz refletir sobre o tempo que a esquerda esteve no poder (13 anos) e os mais de 500 anos que o Brasil esteve sob o domínio da direita. De forma irônica, ele afirma que foi esse curto período da esquerda que “estragou” o país. Dessa maneira, além da máxima do modo, é explorada aqui também a máxima da qualidade, posto que foi dito o contrário do que se queria dizer e, assim, não houve uma preocupação em trazer a verdade. Por meio dessas palavras, é possível inferir também o posicionamento político-ideológico deste usuário.

Ademais, este usuário também argumenta, por meio do *argumentum ad hominem*, pois faz um ataque que recai sobre a pessoa que realizou o comentário anterior e não mais sobre a tese em questão, colocando em xeque o senso crítico do adversário (“*Ligue os pontos, pense. Para de repetir frases odiosas, para de evocar o Lula (obsessão!), para de acreditar nas mentiras que te transformam em massa de manobra. Quem mais perde é você. Comece a pensar.*”). Nesse ponto, é insinuado

que ele não tem a capacidade de pensar criticamente, nem de filtrar informações, consideradas, pelo autor do comentário, mentirosas. Ou seja, há uma tentativa de desqualificar o locutor e, conseqüentemente, sua visão sobre a realidade.

Comentário 3 —> Reportado ao comentário 2



O comentário 3 chamou nossa atenção pelo fato de o usuário 1 cancelar as implicaturas que emergiram do seu comentário anterior, alegando que estava sendo irônico (“*FUI IRÔNICO.*”). Na realidade, nada garante que o usuário 1 desejou dizer o contrário do que disse. Isso porque as ironias exigem um contexto e, geralmente, aparecem acompanhadas de outros recursos; seja um gesto ou um tom de voz, no texto oral; seja um sinal gráfico (aspas), no texto escrito. Tudo isso permite ao interlocutor compreender que se trata de um texto irônico.

Nas interações no ambiente digital nem sempre perceber uma ironia é uma tarefa fácil, por isso existe uma gíria que é própria das redes sociais (SQN = “Só que não”), justamente para sinalizar que ali se quis dizer o contrário do que foi colocado, o que não aconteceu com este usuário. Embora sua justificativa tenha sido acolhida pelo usuário 2 (“*nossa, que alívio!!!!*”), muitos não aceitaram aquilo que foi dito como ironia, o que acalorou ainda mais a discussão. A máxima da quantidade foi violada nesse enunciado, que parece carecer de mais argumentos que justifiquem sua colação anterior. Seu argumento se assemelha ao que Amossy (2020) chama de argumento

da não pertinência, pois nos parece que o intuito deste usuário aqui é se afastar do ponto que provocou a polêmica.

Comentário 4 → Reportado ao comentário 1



O comentário 4 explora a máxima do modo, pois se apropria das próprias palavras do usuário 1 para mostrar que há uma incoerência na sua fala, pois aparece, em termos de Fiorin (2020), um argumento por autofagia, ou seja, que se autodestrói por apresentar uma inconsistência. Nesse sentido, o usuário 1 implicou que há problemas nos governos esquerdistas anteriores, ao mesmo tempo sugeriu que o lugar onde se é permitido pensar é em Cuba (*“Quer pensar? Vai pra Cuba?”*), país que funciona sob modelo de república socialista. Certamente, esse quarto usuário captou a implicatura que sugere o posicionamento político-ideológico do outro usuário e, ao se manifestar contrariamente, implica também o seu. No comentário em questão há ainda um ataque pessoal ao adversário, visto que ele é alcunhado de “bozominion”, embora nada indique explicitamente que ele seja eleitor/defensor de Bolsonaro.

Comentário 5 → Reportado a outros comentários



No comentário 5, o usuário 1 volta a se posicionar. Dessa vez, com um tom agressivo direcionado a outros usuários que não aceitaram como irônico seu texto inicial. Ele ataca dois seguidores do perfil, chamando-os de ignorantes (“*Vocês são tão ignorantes e tão preocupados em MILITAR que nem se preocupam em ler os comentários anteriores.*”), ou seja, mais uma vez a tese é abandonada e o argumento *ad hominem* é utilizado para desqualificar os adversários.

Observamos também o destaque em caixa alta dado a palavra “militar”, pois na internet, há um uso convencionalizado da caixa alta para sinalizar que se está gritando, o que implica uma irritabilidade por não ter sido compreendido. Ademais, o seguidor acusa-os de extremismo (“*Sejam menos extremos e tentem compreender as coisas.*”). A máxima da qualidade é explorada de forma proposital, porque faz acusações contra o oponente sem se preocupar com a verdade, a fim de afrontá-los em uma tentativa de contra-argumentação, embora apresente argumentos frágeis.

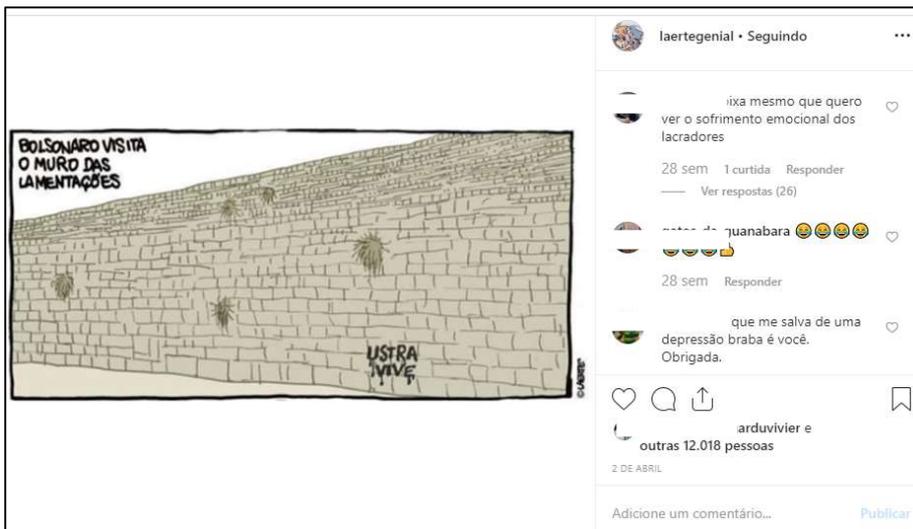
Comentário 6 → Reportado ao comentário 1



O comentário 6 começa com alguns intertextos muito utilizados por opositores de partido de esquerda para rechaçar o diálogo (“*Vai pra Cuba... Vai pra Venezuela... Lula tá preso...*”). Essa relação intertextual é dotada de carga argumentativa, na medida em que implica que os defensores do atual governo não têm argumentos contundentes, apenas repetem frases prontas. Ele implica também, por meio da ironia, que aqueles que condenam o governo anterior não estão preocupados com programa de governo (“*PROGRAMA DE GOVERNO QUE É BOM NADA, NÉ...*”), colocado em caixa alta, o que indica uma alteração no tom de voz.

Como pode ser percebido, o usuário explora a máxima do modo com a função de argumentar contra o comentário anterior. Por meio de implícitos, este usuário argumenta ainda que a reforma trabalhista, na sua visão, subtrai direitos, e que a previdência representa injustiça. Essas implicaturas orientam para as causas que este usuário defende. Ademais, recorre à violência verbal, uma vez que insulta o adversário chamando-o de “*babaca*”.

Charge 5



Fonte: Instagram (retirada em 22/10/2019)

A charge 5 foi publicada no dia 02 de abril de 2019 e, na ocasião em que foi retirada, registrava 223 comentários. O contexto desse texto foi a viagem do presidente Jair Bolsonaro à Jerusalém, em 1º de abril de 2019, na qual um dos compromissos era a visita ao Muro das Lamentações, local sagrado para o judaísmo.

O texto chargístico está composto basicamente pela imagem de um muro e, verbalmente, por duas frases: uma contextualiza a charge (“*Bolsonaro visita o Muro das Lamentações*”) e a outra é o gatilho da crítica (“*Ustra vive*”), porque conduz o leitor para a compreensão metafórica de que o presidente, em lugar de depositar nas reentrâncias do muro o papel com seu pedido, como é comum aos que visitam o monumento sagrado, “picha” o muro.

Em uma das entradas do verbo “pichar”, no dicionário online *dicio.com.br*, o verbete aparece como “*pintar frases de protesto ou de cunho político em muros, paredes, fachadas etc*”. Levar esse significado em conta é importante na análise, porque corrobora para a crítica direcionada ao presidente brasileiro, pois é sugerido, de forma metafórica, que a atitude mais provável do chefe do executivo seria fazer uma manifestação de cunho político, homenageando o coronel Brilhante Ustra, como já o homenageou em outras situações, a exemplo da votação do impeachment da ex-presidente Dilma em 2016. Ademais, Laerte argumenta por meio da intertextualidade,

dado que o filho do presidente, Eduardo Bolsonaro, apareceu em 2018 com uma camisa estampada com a imagem do coronel e a frase “Ustra vive”.

Percebemos, portanto, que Laerte explora a máxima da qualidade, pois propositalmente coloca algo que sabe que não aconteceu. Ela faz isso para implicar que há uma incoerência no comportamento do presidente, que defende alguém que para muitos é tido como torturador e visita um local considerado sagrado para os fiéis judeus. Além de explorar a máxima do modo, posto que não deixa claro, embora implique, que aquela frase está sendo atribuída ao chefe do planalto.

Implicitamente é possível perceber que a quadrinista denuncia que o presidente é uma ameaça à democracia, uma vez que exalta alguém que esteve na linha de frente da repressão política no período da Ditadura Militar no Brasil, o que indica um consentimento com o regime ditatorial. Ela faz isso por meio de um raciocínio dedutivo, ou seja, se, de acordo com a charge, Ustra é um antidemocrático e Bolsonaro o exalta; logo, Bolsonaro é um antidemocrático.

O comentário abaixo gerou uma interação paralela com 26 respostas, das quais algumas serão analisadas a seguir.

Comentário 1 → Reportado à charge 5



The cartoon depicts a long, grey stone wall stretching across the frame. In the top left corner, the text reads "BOLSONARO VISITA O MURO DAS LAMENTAÇÕES". In the bottom right corner, it says "USTRA VIVE". The wall has some small plants growing from it. The artist's signature "LAERTE" is visible in the bottom right corner.

laertegenial • Seguindo

32 pixa mesmo que quero ver o sofrimento emocional dos lacradores
28 sem 1 curtida Responder

la_guanabara 🤔🤔🤔🤔
28 sem Responder

que me salva de uma depressão braba é você. Obrigada.

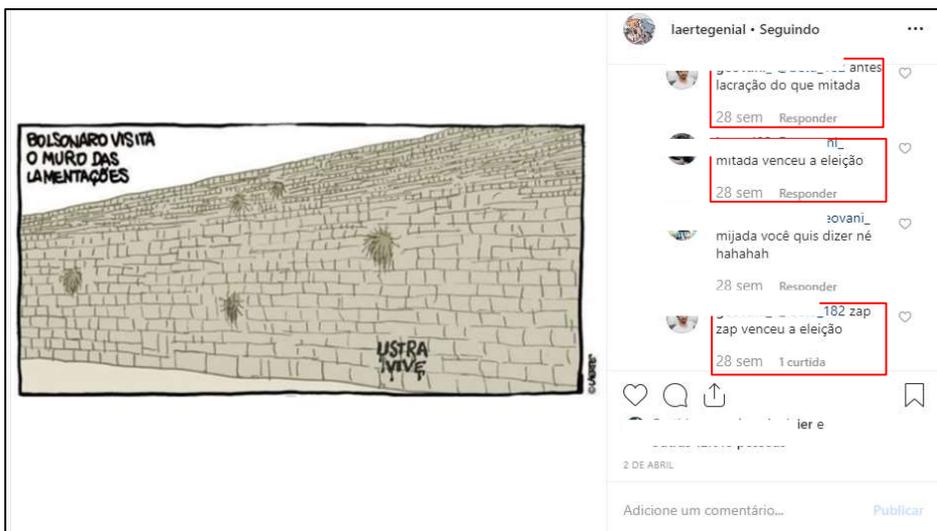
garduivivier e outras 12.018 pessoas
2 DE ABRIL

Adicione um comentário... Publicar

No comentário 1, o usuário percebeu que a cartunista atribuiu a frase a Bolsonaro, com o intuito de criticá-lo, e retruca se posicionando a favor do presidente (“*pixa (sic) mesmo*”). O interlocutor dessa intervenção seria o próprio presidente, que recebe o aval deste usuário para continuar “pichando”. Essa fala, além de demonstrar que o locutor concordar com as atitudes do chefe do executivo, implica também, por meio de um raciocínio silogístico, que ele defende o coronel, na medida em que a frase metafórica no muro indica que Ustra continua vivo.

O usuário continua: “*quero ver o sofrimento emocional dos lacradores*”. Ele sugere que essa manifestação política, denotada pela charge, causa sofrimento emocional em alguém, denominado por ele de lacradores. De acordo com o dicionário *online dicio.com.br*, o termo *lacrador* é uma gíria para designar aquele que obteve êxito naquilo que se propôs fazer. É muito usada na internet, que teve seu significado ampliado, podendo também fazer referência a algo negativo como um modo de criticar ironicamente. Esta última acepção é a que melhor se encaixa no contexto da fala, pois tudo indica que os “lacradores” aqui seriam aqueles que divergem do posicionamento político-ideológico de Bolsonaro, por um viés mais esquerdista, e daqueles que compactuam com ele. Este usuário explora, portanto, a máxima do modo para se apresentar contrário ao que está sendo colocado na charge.

Comentário 2 —> Reportado ao comentário 1



Na intervenção acima (“*antes lacração do que mitada*”), o usuário 2 rebate o comentário anterior colocando o que Amossy (2020) chama de falsa dicotomia, pois coloca duas opções como sendo as únicas elegíveis. Para tanto usa dois substantivos muitos usados no universo da internet. Com isso reforça a polarização política instaurada em nosso país colocando de um lado a “*lacrção*”, atitude com a qual esse interlocutor parece se identificar, e recusando a “*mitada*”, fazendo referência a Bolsonaro, tendo em vista que ele é chamado de mito por muitos de seus eleitores. Então, implica que prefere ser oposição a ser eleitor de Bolsonaro.

O usuário 1 assegura que entendeu a implicatura quando replica o comentário “*mitada venceu a eleição*”. O usuário 2 contesta argumentando que “*zap zap venceu a eleição*”, ou seja, por meio do *détournement* ele ressignificou o comentário anterior a fim de ironizá-lo. “*Mitada*” é substituída por “*zap zap*”, fazendo referência ao aplicativo de mensagem Whatsapp. Dessa maneira, o usuário argumenta implicitamente que o que fez Bolsonaro se eleger foram as informações circuladas pelo aplicativo, fazendo forte menção às notícias falsas (*fake news*). Além de explorar a máxima do modo, explora também a máxima da qualidade, pois não apresenta evidência para aquilo que afirma.

Comentário 3 → Reportado ao comentário anterior



O usuário 1 volta a argumentar, agora por meio de um argumento que Amossy (2020) denomina de questão complexa, posto que é um questionamento no qual já pressupõe

a resposta. Então explora a máxima do modo para contra-argumentar. Mais uma vez é reforçada a polarização política mencionada anteriormente, dando a entender que só há dois lados possíveis no ambiente político-ideológico brasileiro: Bolsonaro e o Partido dos Trabalhadores, representado na ocasião por Fernando Haddad. Essa fala implica que há um rechaço por parte deste usuário ao PT. Ademais, ele traz um argumento fundamentado na estrutura da realidade que é o fato de Haddad ter sido julgado por *fake news*, o que corrobora com a implicatura antipetista.

Comentário 4 → Reportado aos comentários anteriores



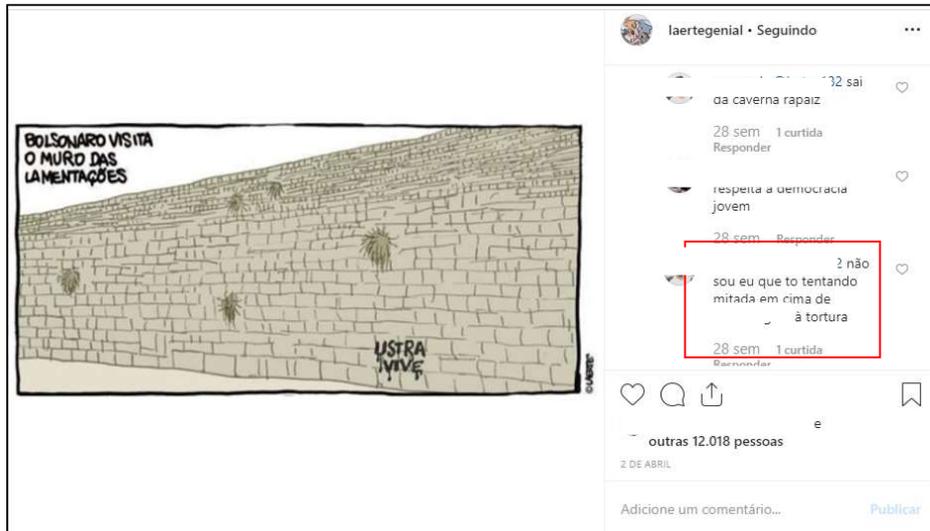
Nesse comentário, o usuário 2 faz uma declaração provocativa ao usuário 1: “*sai da caverna rapaiz* (sic)”. Explorando a máxima da qualidade e do modo, ele usa a metáfora da caverna para implicar que há uma alienação por parte do seu interlocutor. Notamos um enfraquecimento argumentativo nessa colocação, pois em lugar de refutar a tese defendida pelo usuário 1, o argumento se volta para pessoa que o emitiu (*ad hominem*). Esse tipo de argumento, Amossy (2020) considera como falacioso, isto é, um paralogismo.

Comentário 5 → Reportado ao comentário 4



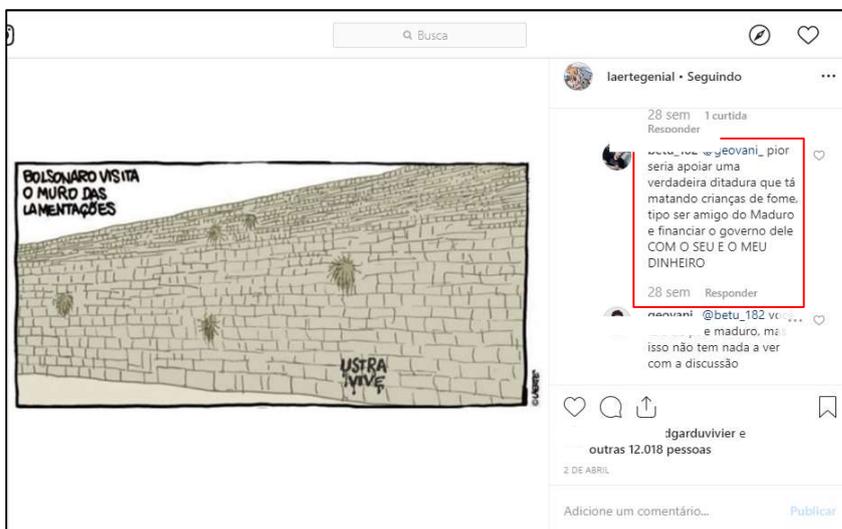
Na tréplica, o usuário 1 também usa o *argumentum ad hominem*, quando pede a seu interlocutor que respeite a democracia (“*respeita a democracia jovem*”), referindo-se a ele como “jovem”, o que demonstra falta de maturidade para se expressar. Esse comportamento pode ser entendido como uma forma de desqualificá-lo. Por meio de inferências, ele julga atitudes antidemocráticas no seu interlocutor, ou seja, a incidência argumentativa mais uma vez recai à pessoa que discute e não às suas proposições. No entanto, observando essa interação, nada evidencia que essa seja a realidade, portanto, a máxima da qualidade é explorada. Notamos também, nessa fala, uma incongruência, dado que este usuário parece consentir com a atitude autoritária do presidente, sugerida pela charge, ao mesmo tempo que exige do seu adversário respeito à democracia.

Comentário 6 → Reportado ao comentário 5



No comentário 6, o usuário 2 mais uma vez usa o argumento *ad hominem* para contrargumentar seu adversário. Quando acusado de ameaçar a democracia, implicitamente este usuário alega que quem está fazendo isso é seu interlocutor (“*não sou eu que to tentando mitada em cima de homenagem à tortura*”). Em outras palavras, esta pessoa sugere que o usuário 1 está querendo obter grande êxito no comentário (“mitar”) homenageando tortura (referência a Ustra). Este usuário explora a máxima do modo, pois preferiu não mencionar diretamente quem, na sua visão, tem admiração por torturadores. Ele faz isso, para implicar que seu interlocutor está sendo incoerente no seu posicionamento.

Comentário 7 → Reportado ao comentário 6



No comentário 7, o usuário 1 não rechaça diretamente o que lhe foi colocado pelo usuário 2, ou seja, não houve uma negação clara de que ele apoia a tortura. Conforme Koch e Elias (2018), há elementos na língua que têm a função de indicar a força argumentativa nos enunciados, e este usuário inicia sua fala pressupondo que seu posicionamento é superior ao do seu adversário (“*pior seria apoiar uma verdadeira ditadura*”). Aliás, nesse ponto ele explora a máxima da qualidade, pois ostensivamente acusa, ainda que veladamente, que a forma de governo da oposição (aludindo ao PT) é que funcionam como verdadeira ditadura.

Ademais, ele faz acusações para as quais não apresenta provas ou indícios de veracidade quando acusa, provavelmente Lula, Dilma ou Haddad, de ter uma relação afetuosa com o presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, e de financiar o governo venezuelano com o dinheiro do povo brasileiro (“*ser amigo de Maduro e financiar o governo dele COM O SEU E O MEU DINHEIRO*”). Com isso, é possível implicar que o usuário 1 não considera as ideias radicais defendidas por Bolsonaro ou o apoio ao Coronel Ustra como atitudes antidemocráticas.

Comentário 8 → Reportado ao comentário 7



O usuário 2 rebate o adversário argumentando que não citou nenhum dos nomes implicados pelo usuário 1 em suas intervenções. O comentário foi construído por meio de uma pergunta exclamativa, o que sugere uma carga emotiva no seu enunciado.

Em tom pejorativo, o autor do comentário em questão critica um segmento de apoiadores de Bolsonaro, inclusive o usuário 1, chamando-os de *bolsominions* (em sua forma reduzida), de terem fixação pela esquerda (“*vocês, minions, tem uma fixação pela esquerda*”).

Ele segue argumentando por meio do questionamento, a fim de provocar uma reflexão no seu oponente (“*Percebe o quanto ela ocupa a narrativa desse lado?*”). Este argumento, parece-nos uma estratégia argumentativa interessante, pois convida o interlocutor a fazer uma autocrítica sobre como a discussão é conduzida. O seguidor reconhece que ambos falam de lugares diferente, no entanto, indica que seu adversário, bem como os apoiadores do presidente, insiste em repetir um argumento que parece não caber mais nos debates políticos. Este usuário implica ainda que há outras possibilidades possíveis além da polarização Bolsonaro versus esquerda. Entendemos que a máxima do modo é explorada nesse comentário, porque a forma como o usuário conduz seu argumento visa persuadir seu oponente.

Charge 6



Fonte: Instagram (retirada em 18/10/2019)

O texto chagístico está constituído de elementos multimodais que são primordiais para construir os sentidos do texto. No que tange aos elementos imagéticos, percebemos diferentes informações em sua composição, como a luz, a sombra, a cor azul em destaque, sugerindo um espaço confinado, o foco da luz que recai sobre um homem,

que está sentado desnudo em uma espécie de cadeira elétrica. Sua postura demonstra sofrimento, que é corroborado pelo desenho abaixo da cadeira simbolizando seus dejetos. Dois personagens encapuzados ajudam a compor a imagem, representando a figura do torturador.

No texto verbal (“*Desta vez nós fomos eleitos pra isso*”) reside o gatilho da crítica. Laerte faz uma associação implícita entre o governo eleito, dando destaque ao vocábulo “eleitos”, e o período ditatorial, haja vista a cena de tortura colocada na charge. É sabido que a Cadeira do Dragão, cadeira elétrica revestida de zinco e conectada a terminais elétricos com o intuito de dar choques no corpo da pessoa detida, era um instrumento usado na ditadura militar como forma de tortura. Então, quando os personagens dizem “*fomos eleitos pra isso*”, o pronome demonstrativo, nesse contexto, remete à tortura. Dito de outro modo, a fala implicada seria: “fomos eleitos para torturar”. Laerte explora a máxima do modo, pois não coloca de forma direta o que seria “isso” mencionado na charge. Ela trabalha com a linguagem, deliberadamente, para implicar que o governo federal eleito, ou seja, o presidente Bolsonaro, é uma ameaça ao processo democrático.

A quadrinista introduz seu ponto de vista por meio de uma pressuposição que, em conformidade com Fiorin (2020, p. 37), é um forte recurso argumentativo já que conduz a aceitar certas ideias do enunciador. A marca linguística “desta vez” é o pressuposto de que houve outra ocasião em que se torturavam pessoas. Há uma menção direta à Ditadura Militar. “Introduzir um ponto de vista, sob a forma de pressuposto, torna o interlocutor cúmplice da perspectiva do enunciador, pois o que é pressuposto não está em discussão, é apresentado como algo certo” (FIORIN, 2020, p. 37). Assim sendo, na ótica da charge, a existência da tortura, naquele período, é inquestionável.

Laerte também explora a máxima da qualidade, posto que, para construir sua crítica, tem a liberdade de jogar com a linguagem para apresentar seu ponto de vista. Assim sendo, mesmo que não haja evidências concretas para afirmar que o governo de Bolsonaro foi legitimado para promover a tortura, o gênero charge permite que essa colocação seja feita, já que sua função é emitir o posicionamento ou a crítica da

chargista. Laerte defende que há um perigo iminente no atual governo federal, no que diz respeito à democracia e aos direitos humanos. Nesse contexto, é importante recuperar uma fala de Bolsonaro, quando ainda não era presidente, em que se colocava a favor da tortura (“Eu sou favorável à tortura”).

É muito importante considerar na leitura da charge os elementos multimodais, pois, neste caso, se olhássemos apenas para a imagem, talvez não alcançaríamos a crítica da cartunista que está colocada principalmente na parte verbal, onde é possível inferir o alvo da crítica.

Esta charge foi publicada no perfil *@laertegenial* em 26 de março de 2019, pouco menos de três meses da posse do presidente eleito Jair Bolsonaro, o que ratifica a quem a crítica é direcionada. Na data em que foi retirada esta publicação, havia mais de quatrocentos comentários, e algumas dessas interações se prolongaram a ponto de estender o diálogo. A seguir, analisaremos alguns desses comentários.

Comentário 1 → reportado à charge 6



O usuário 1 explora a máxima do modo em seu comentário, pois, de forma irônica, desdenha daqueles que associaram a forma de governo do presidente Bolsonaro a práticas de tortura (“*Esperando desde o começo do ano a famosa tortura que ia dizimar/torturar milhares, como os LGBTs, negro e minorias...*”). Os elementos linguísticos “famosa tortura” pressupõem que se falava muito do tema, no entanto, o

enunciado orienta para a conclusão de que não houve/haverá esse tipo de violência. Como bem nos trouxe Koch (2018), essa orientação do enunciado para certas conclusões em detrimento de outras nos permite afirmar que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo. Assim sendo, é possível compreender que este usuário percebeu a crítica implicada pela cartunista e se posicionou desfavorável a ela.

Comentário 2 → reportado ao comentário 1



O usuário 2, na intenção de contra-argumentar o usuário 1, lança mão de um provérbio muito conhecido (“*o pior cego é aquele que não quer ver!*”), que é usado para definir que uma pessoa ignora ou finge não vê aquilo que todos enxergam claramente. Conforme Oliveira e Basso (2014, p. 63), “não há um significado fixo para essas expressões e o falante parece antes convidar seu interlocutor a fazer uma analogia entre uma dada situação presente no contexto de fala e a situação descrita pelo provérbio”. Essa pessoa usa, pois, a intertextualidade como recurso argumentativo, já que remete a um texto que faz parte (ao menos se espera) da memória social do seu interlocutor.

Esse provérbio traz algumas informações que não estão colocadas de forma explícita, então, percebemos que este usuário explora a máxima do modo, uma vez que traz um texto que não está totalmente dado, no nível informacional, ou seja, para compreendê-lo, é necessário ativar o conhecimento enciclopédico do que é e como funciona um provérbio para então aplicá-lo ao contexto. Neste caso, ele implica que

seu adversário sabe dos riscos que o governo de Bolsonaro oferece, mas prefere ignorá-los. Neste ponto, portanto, também usa o *argumentum ad hominem*, posto que ataca a pessoa que argumenta no lugar de debater a tese em questão.

Comentário 3 → reportado ao comentário 2



O usuário 1 reage ao comentário 2 usando também o *argumentum ad hominem* em seu processo argumentativo, pois implica, metaforicamente, que quem não está enxergando a realidade é seu adversário, ou seja, a tese continua sendo desprezada e a crítica destinada ao autor da proposição. Com o uso da metáfora (“tire a viseira vermelha do rosto então”), este usuário explora tanto a máxima do modo, quanto a da qualidade. Aliás, de acordo com Amossy (2020, p.41), a argumentação também recorre às figuras de linguagem, já que elas exercem um impacto no alocutário.

Ademais, o uso do adjetivo “vermelha” possui uma força argumentativa nesse enunciado, pois alude ao Partido dos Trabalhadores, o que sugere, implicitamente, alienação político-ideológica por parte do adversário. Há também o uso do “então” que, em conformidade com Koch e Elias (2018), é um operador argumentativo que introduz uma conclusão. Nesse caso, o usuário 1 faz um raciocínio silogístico para reforçar seu argumento, ainda que direcionado à pessoa e não à tese. Dito de outro modo, ele fez o seguinte raciocínio dedutivo: se o pior cego é aquele que não quer ver, e você é cego, pois tem uma “viseira” no rosto; logo, tire-a do rosto para conseguir enxergar.

Como pode ser visto, as escolhas linguísticas conduzem para a argumentatividade, o que ratifica que não há neutralidade em qualquer construção linguística, pois, como nos coloca Fiorin (2020, p.83), “a linguagem está sempre carregada dos pontos de vista, da ideologia, das crenças de quem produz o texto”, que podem ser percebidos por processos inferenciais, como aconteceu nessa interação.

O usuário 2 continua sua intervenção solicitando ao seu adversário provas que justifiquem a existência de tortura (“*prove...Cadê as mortes?*”).

Comentário 4 → reportado ao comentário 3



Um terceiro usuário, respondendo ao questionamento anterior, cita a morte da vereadora Marielle Franco (PSOL-RJ), assassinada em 14 de março de 2018 (“*podemos começar pela de Marielle Franco*”). O usuário 3 traz um argumento para a discussão, que é um fato conhecido dos brasileiros. Ou seja, ele argumenta pelo exemplo que, em consonância com Fiorin (2020), é um argumento que parte de um caso específico para fundamentar uma tese. Nessa direção, este caso serviria para fundamentar a tese de que já está acontecendo a violência.

No entanto, como o inquérito da morte da vereadora ainda não foi concluído, não é possível asseverar ainda quem são os responsáveis pelo crime. Dessa maneira, a máxima da qualidade é explorada aqui, porque, percebemos que, embora esta pessoa não apresente qualquer prova para o que afirma, seu objetivo é se posicionar contra

os argumentos do usuário 1 e fazê-lo refletir sobre o episódio de violência. Sua colocação implica que o governo atual tem envolvimento com o crime em questão.

Comentário 5 → reportado ao comentário 4



A fim de contra-argumentar o comentário anterior, o usuário 1 explora a máxima da relação, uma vez que faz uma colocação aparentemente impertinente, pois em lugar de debater sobre o tópico das mortes, desvia o foco para um episódio da escola de samba Mangueira (“*vamos começar pela escola de samba Mangueira, onde o presidente é um miliciano e homenageou a própria Marielle*”), que homenageou a vereadora, no carnaval do Rio de Janeiro em 2019. Ele tenta argumentar por meio de um entimema (tipo de silogismo) cuja interpretação pode se dar da seguinte forma: o presidente da Mangueira é um miliciano; a Mangueira homenageou Marielle; logo, Marielle tem envolvimento com milícia.

Este raciocínio implica que o usuário 1 tenta minimizar o crime cometido contra Marielle Franco, já que procura, implicitamente, justificativas para a morte dela. Todavia, usa argumentos falaciosos que, nas palavras de Amossy (2020, p. 160), é um tipo de argumento “que parece válido na comunicação, possuindo, assim, um poder de persuasão”. Percebemos, pois, que a construção dessa tese está pautada em um boato, com informações falsas sobre a ex-vereadora, que circulou nas redes sociais e em aplicativos de mensagens em meados de março de 2019.

Vimos, nessas três charges analisadas, que há a implicatura de que o governo de Bolsonaro é uma ameaça à democracia. A seguir, analisamos as charges (7, 8 e 9) que provocaram a implicatura 3 e os comentários reportados a elas.

5.3 IMPLICATURA 3: O PRESIDENTE BOLSONARO NÃO TEM O DEVIDO PREPARO PARA O CARGO DE CHEFE DE ESTADO.

Charge 7



Fonte: Instagram (retirada em 15/10/2019)

A charge 7 foi publicada em 19 de março de 2019, data em que o presidente Jair Bolsonaro participou de um almoço de trabalho com Donald Trump, então presidente dos Estados Unidos. Na ocasião em que foi feita a captura da tela, esta postagem registrava mais de mil interações.

Nesse texto, a composição imagética é majoritária. Nela é retratada uma cena de almoço para duas pessoas, contudo não se trata de um almoço qualquer. A legenda “almoço Trump/ Bolsonaro” contextualiza a charge e permite inferir a crítica colocada pela cartunista. Analisando da direita para a esquerda, tem-se, alinhado (de cima para baixo) à cadeira maior, o nome do ex-presidente americano; já o lado que estaria destinado ao presidente brasileiro, está vazio, e um garçom aparece trazendo uma cadeira infantil. O gatilho do humor e da crítica está justamente nessa parte, porque em vez de trazer uma cadeira de adulto, o garçom traz a cadeirinha.

Laerte explora a máxima do modo e a máxima da qualidade para criticar o comportamento imaturo do presidente do Brasil. De forma hiperbólica, sugere que o lugar dele à mesa seria em uma cadeira infantil. Metaforicamente compara-o a uma criança, porém em seu sentido figurado e com carga pejorativa, ou seja, alguém imaturo, ingênuo, inexperiente, despreparado. Deste modo, a quadrinista implica que o chefe do planalto não tem o devido preparo para administrar um país ou que não se comporta como presidente.

Comentário 1 → Reportado à charge 7



O usuário 1 em lugar de contra-argumentar à tese colocada por Laerte, opta por desdenhar da colocação dela (“*Ô dor que não passa! Chora mais*”), indicando que não se importa com o que está sendo reclamado. Percebemos, então, que ele compreendeu a implicatura sugerida pela cartunista, no entanto desvia o foco da discussão recorrendo à provocação e ao deboche.

Em sua intervenção, esta pessoa explora a máxima do modo, porque usa as metáforas “dor que não passa”, para apontar um inconformismo de Laerte com a assunção de Bolsonaro; e “chora mais”, dando anuência para seus opositores reclamarem e se lamentarem à vontade, ou seja, provoca não só a cartunista, mas aqueles que pensam como ela.

Comentário 2 → Reportado ao comentário 1



Em resposta ao comentário anterior, o usuário 2 ratifica a implicatura que Laerte coloca. Dessa vez, a tese defendida por este usuário é a de que o presidente Bolsonaro envergonha os brasileiros quando se manifesta (“...*esse homem é o presidente que nos envergonha quando abre a boca...*”). Nesse trecho, possivelmente o usuário está fazendo referência a uma postagem do presidente, publicada em 03 de março de 2019 no Twitter, em que ele faz uma pergunta de cunho sexual, (“o que é *golden shower*³?”) o que causou polêmica. Além disso, alega que o mandatário governa o país por meio dessa rede social.

Pela forma como foram organizadas as informações dessa postagem, observa-se que o usuário explora a máxima do modo, e com isso implica insatisfação com o comportamento do presidente, sobretudo com o modo como ele tem mantido a comunicação com a população. Isso porque Bolsonaro usa sua conta do Twitter, na qual tem mais de 7 milhões de seguidores, para apresentar as iniciativas do governo e se comunicar com o povo brasileiro. Então, é possível observar que, embora não esteja colocado de forma clara, esta pessoa argumenta por meio de implícitos.

Comentário 3 → Reportado ao comentário 1



O usuário 3 inicia sua contestação por meio de uma pergunta retórica, com o intuito de provocar uma reflexão no seu adversário (“*Chorar mais de que (sic)?*”). Ele continua sua colocação trazendo como argumento uma questão complexa que, de acordo Amossy (2020), é uma pergunta que já presume a resposta (“*De ver esse senhor que se diz presidente ser levado na piada no mundo todo????*”). Neste caso, o comportamento do presidente já seria o motivo suficiente do “choro”. Desse modo, este usuário afirma que Bolsonaro não é levado a sério pelos demais países. Com isso, explora a máxima da qualidade e do modo, pois faz uso da hipérbole, além da metáfora do choro, para se posicionar contrário às atitudes do presidente brasileiro e manifestar-se favorável à tese defendida na charge.

Comentário 4 → Reportado à charge 7



O usuário acima se apropria da ironia para se manifestar, dizendo o contrário daquilo que deseja transmitir (“*Boa foi a época em que financiamos ditadores*”). Ao que parece, aqui é feita uma alusão à era do Partido dos Trabalhadores, quando esta pessoa acusa governos anteriores, tudo indica que Lula e Dilma, pelo fato de eles terem tido boa relação com países como Cuba e Venezuela. Entretanto, não há evidência para se afirmar que havia financiamento para ditadores. Portanto, em sua colocação, este usuário explora a máxima da qualidade, bem como a do modo, para contra-argumentar seu oponente, implicando que esses governos anteriores não gozam da sua aprovação. Então quando ele diz “boa foi a época”, na verdade, quer dizer o oposto, ou seja, está reprovando as gestões anteriores. Com isso, implica conformismo com a gestão atual.

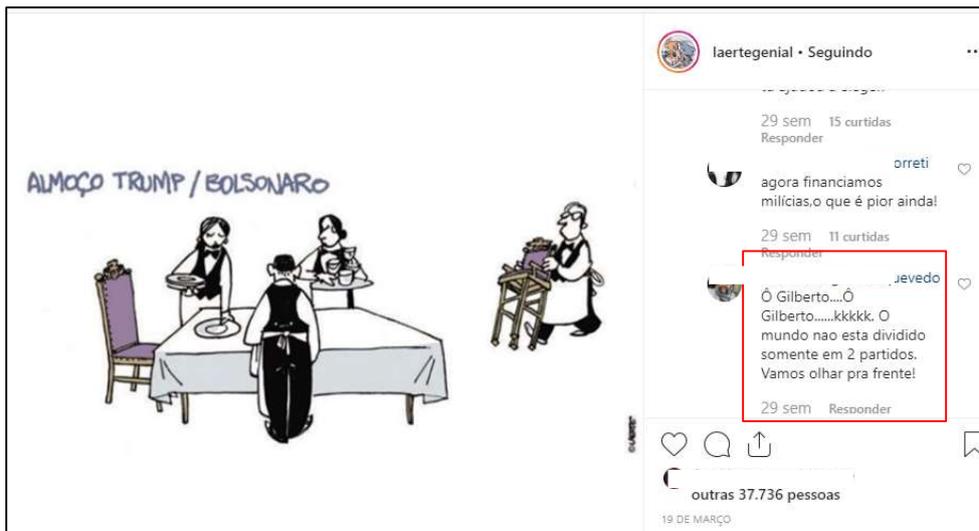
Comentário 5 → Reportado ao comentário 4



Em resposta ao comentário anterior, este usuário 5 também explora as máximas da qualidade e do modo, pois usa a ironia para se manifestar, ao afirmar que “agora tudo vai ficar bom”, quando na realidade deseja comunicar que tudo ficará pior com o governo atual. Isso é evidenciado quando ele alcunha a república brasileira de “República dos Milicianos”, permitindo implicar que o presidente Bolsonaro teria envolvimento com milícia.

Além disso, muda o foco da discussão, direcionando-o para o autor do comentário (*argumentum ad hominem*), a fim de acusá-lo de ter contribuído com a eleição do chefe do executivo (“*pelo visto, tu ajudou (sic) a eleger*”). Este tipo de argumento está baseado no raciocínio do terceiro excluído que Fiorin (2020) nos apresenta, porque parte do princípio de que as únicas posições políticas que prevalecem, ou está associada ao PT ou a Bolsonaro, não havendo, portanto, uma terceira via.

Comentário 6 → Reportado ao comentário 5



O usuário 4 volta a se posicionar. Em tom de deboche, que pode ser percebido pelo vocativo (*Ô Gilberto...*) reticenciado e seguido de risos (*kkkkk*), ele reitera a dicotomia existente entre aqueles que apoiam o atual governo e aqueles que defendem os governos petistas (*“O mundo não está dividido somente em 2 partidos”*), sugerindo, assim, que não se encaixa em nenhum dos lados. Isso quer dizer que, o fato de ele ter criticado os governos passados, fez o usuário 5 implicar seu posicionamento político-ideológico favorável a Bolsonaro, no entanto, essa não é uma condição necessária a quem é antipetista. Além do mais, este seguidor adverte seu oponente quando, metaforicamente, portanto explorando a máxima do modo, convida-o a enxergar outras possibilidades para o futuro político do país (*“Vamos olhar pra frente”*), implicando que ele está preso ao passado.

Charge 8



Fonte: Instagram (retirada em 07/11/2019)

A charge 8, publicada no Instagram em 07 de maio de 2019, gerou muitas interações entre os seguidores do perfil, pois trouxe um assunto que estava em evidência na época: o uso de *snipers* (atiradores de elite) para abater criminosos.

É sabido que o ex-governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, defendia abertamente o uso de atiradores de elite contra criminosos que portassem armamentos de uso restrito, em favelas do Rio. No entanto, a crítica contida na charge não se restringe apenas ao político Witzel. Percebemos que ela se estende também ao presidente Jair Bolsonaro, já que a proposta do ex-governador, e então aliado do presidente, recebeu o apoio do general Augusto Heleno, ministro do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), que à época havia sido anunciado para o Ministério da Defesa. Entender esse contexto é essencial para alcançar a crítica colocada por Laerte.

Na composição do texto chargístico, Laerte traz a bandeira brasileira com o logotipo do atual governo federal, o que estabelece uma relação com quem está criticando. Ademais, faz um trocadilho com o slogan do governo “Brasil acima de tudo” substituindo “Brasil” por “*Snipers*”, sugerindo, portanto, que há uma prioridade de Bolsonaro quando o assunto envolve armas, em detrimento de outros temas importantes.

Isso pode ser percebido na cena desenhada pela quadrinista, na qual, na parte central superior, aparece um helicóptero com possíveis atiradores de elite, alvejando tiros para todos os lados; na parte inferior, uma cena de destruição e pessoas desesperadas fugindo do caos.

Laerte explora a máxima da qualidade, pois se apropria da metáfora com o intuito de avaliar negativamente a atuação do governo federal, indicando que o alvo do “abate” não seria nenhum criminoso, mas sim os serviços essenciais como educação, saúde, trabalho, ciência, aposentadoria. Dito de outro modo, de acordo com a charge, a população que seria atingida com essa política de destruição, simbolizada pelo *sniper*. Em consonância com Koch (2018) e Fiorin (2020), entendemos que a linguagem não é neutra e nem objetiva, assim sendo, pela forma como as informações estão colocadas na charge, está implicado que o governo de Bolsonaro é desastroso, e ele não tem o devido preparo para o cargo que ocupa.

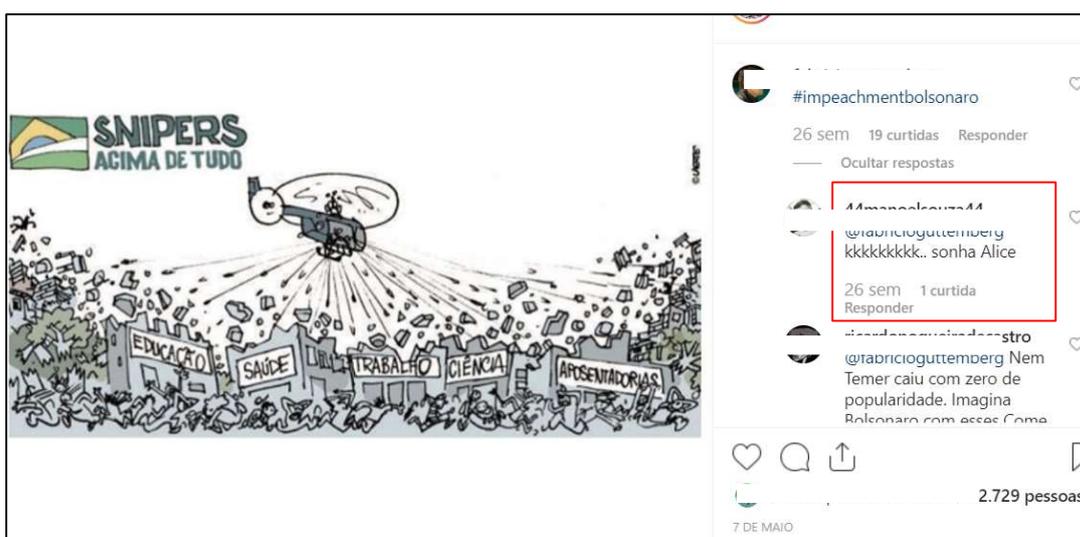
Comentário 1 → Reportado à charge 8



O usuário acima comenta a postagem fazendo uso de uma *hashtag* (“#impeachmentbolsonaro”), sistema que serve como organizador de conteúdos de mesmo assunto na internet. Percebemos que este usuário assimilou a implicatura de Laerte e usa estrategicamente a *hashtag*, primeiro, para se posicionar politicamente contrário ao presidente da república, já que pede seu afastamento do cargo; segundo, porque lança mão de um *hiperlink* que levará seu interlocutor a uma lista de conteúdos

relacionados ao mesmo tema, ou seja, seu comentário permite aos demais usuários navegar por outros conteúdos relacionados ao pedido de *impeachment*. Então, entendemos que ele explora a máxima do modo como estratégia argumentativa. Apesar de não parecer, este enunciado possui uma força argumentativa, porque traz implicitamente vários argumentos, dentro da *hashtag*, que podem justificar o afastamento do presidente.

Comentário 2 → Reportado ao comentário 1



Um segundo usuário comenta a intervenção anterior com risos (“kkkkkkkkk..”), o que indica deboche do adversário, até porque o comentário anterior não é engraçado. Além disso, ele usa o verbo sonhar em seu sentido figurado, conjugado na segunda pessoa do singular do modo imperativo (“sonha”) para desejar, de forma irônica, que seu interlocutor continue rendido à ilusão do *impeachment*. Dessa maneira, explora a máxima do modo.

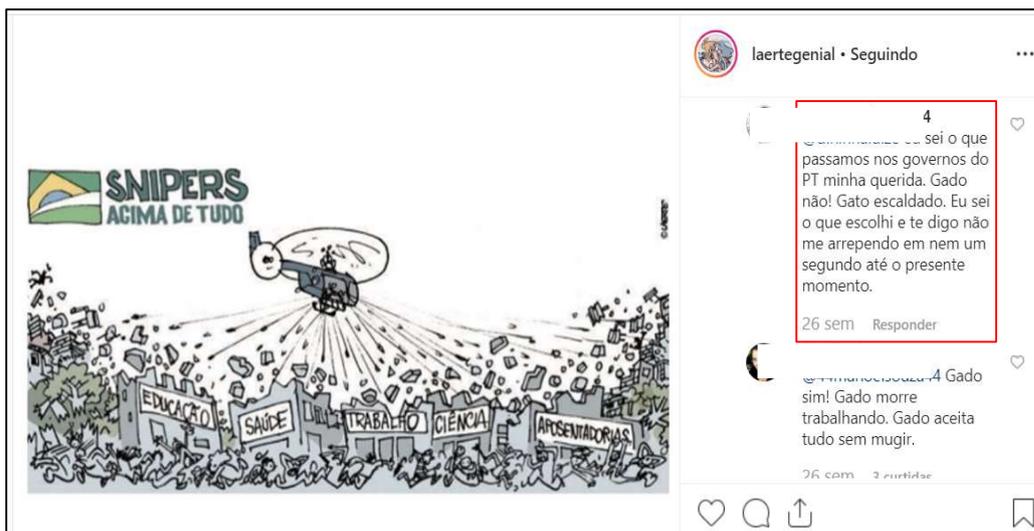
Embora seja um comentário curto, aparentemente sem muita relevância, foi capaz de iniciar uma discussão acalorada, dado que o usuário 2 implicou que é eleitor/defensor de Bolsonaro e, portanto, desfavorável ao afastamento dele, além de indicar que o impedimento seria improvável. Então, ao lançar um comentário assim, esta pessoa não o faz despretensiosamente, pois, como nos coloca Koch (2018), quando interagimos por meio da linguagem pretendemos causar determinados efeitos no outro e, nesse caso, há um intento de provocar o adversário, desqualificando sua tese.

Comentário 3 → Reportado ao comentário 2



Este terceiro usuário responde o comentário anterior atacando de forma ofensiva seu adversário (“*Gado feliz*”), ou seja, não argumenta contra a tese do *impeachment*, mas sim contra aquele que comentou (*argumentum ad hominem*). Sua colocação é aparentemente impertinente, pois a máxima da relação é explorada, com intuito claro de afrontar o oponente, já que “gado” aqui é usado em sentido conotativo para julgar o outro como uma pessoa influenciável, sem capacidade de raciocinar criticamente, em outros termos, massa de manobra. Esse enunciado implica, além do posicionamento político, a forma como essa pessoa vê os eleitores do presidente da república.

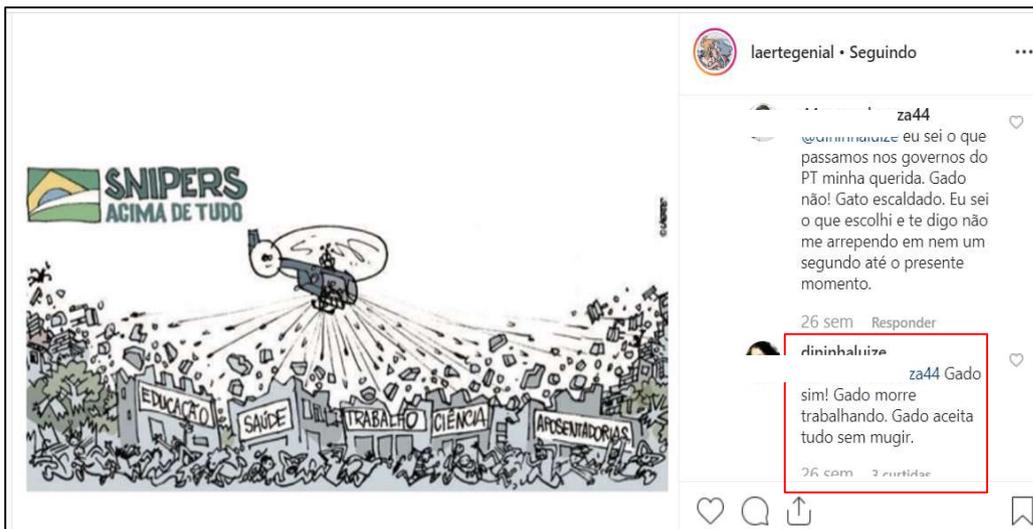
Comentário 4 → Reportado ao comentário 3



O usuário 2 inicia sua manifestação mostrando insatisfação com os governos petistas e implicando que neles os brasileiros passaram por momentos difíceis (“*eu sei o que passamos nos governos do PT*”). Ele explora a máxima do modo, porque não coloca a informação com clareza, aponta muito genericamente e não traz nada de concreto que fortaleça seu argumento. Assim, não há nada evidenciado em seu enunciado que legitime o rechaço ao PT. Possivelmente, ele parte do princípio de que os interlocutores que conservam o mesmo posicionamento político-ideológico que o seu, partilhem das mesmas queixas que as suas.

Ele rebate a ofensa dirigida a ele, pelo usuário 3, fazendo também uma analogia com um animal, dessa vez um gato (“*Gado não! Gato escaldado!*”). Em conformidade com o dicionário *online* dicio.com, a expressão “gato escaldado tem medo de água fria” é usada para exprimir cautela de quem já passou dificuldades ou experimentou dissabores. Então, “gato escaldado” no contexto do enunciado seria uma pessoa que sofreu com a gestão do Partido dos Trabalhadores e, por isso, coloca-se como conhecedora da forma de governar do partido.

Comentário 5 → Reportado ao comentário 4



Mais uma vez o usuário 3 usa o *argumentum ad hominem*, porque coloca no centro da discussão ofensas ao adversário, em lugar de discutir sobre a questão do PT colocada por ele (“*Gado sim!*”). Essa seria uma oportunidade desta pessoa defender seu posicionamento político-ideológico, apontando argumentos contundentes, contudo enfraquece o debate por insistir apenas no ataque pessoal.

Mais uma vez a máxima do modo e da qualidade são exploradas, já que este usuário compara implicitamente seu oponente com gado. A metáfora sugere que, assim como o animal, essa pessoa morrerá trabalhando, referência implícita à reforma do sistema previdenciário, que prevê nova idade de aposentadoria (“*Gado morre trabalhando*”). Ademais, indica que ele aceita toda opressão que lhe é imposta calado, sem reclamar. (“*Gado aceita tudo sem mugir*”).

Charge 9



Fonte: Instagram (retirada em 04/11/2019)

A charge 9 foi publicada no perfil [@laertegenial](#) na ocasião da 74ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), ocorrida em setembro de 2019, em Nova Iorque, na qual o presidente Bolsonaro realizou o discurso de abertura. Essa postagem obteve uma interação com mais de quinhentos comentários.

Na parte não verbal, Laerte desenhou o salão da sede da ONU, simbolizando o acontecimento da sessão, na qual alguém discursa. Isso pode ser evidenciado pela legenda da charge que identifica a “abertura” da assembleia. Como o Brasil é o primeiro país a discursar nesse encontro anual, é possível afirmar que o texto chagístico está tratando do discurso do presidente do Brasil.

O gatilho do texto reside no balão de fala do personagem (“cocô”), pois é possível perceber o humor e inferir a crítica da cartunista. Laerte explora tanto a máxima do modo, quanto a da qualidade, já que usa o referido substantivo em sentido figurado para indicar que a fala do presidente seria impertinente para a seriedade que o evento exige, implicando, portanto, que ele não tem preparo para o cargo que ocupa e que só fala besteira. Em outras palavras, a cartunista argumenta implicitamente que isso é tudo que Bolsonaro conseguiria discursar.

Ademais, a charge se conecta a uma fala dele proferida em agosto de 2019, na qual, se dirigindo a um repórter, sugere como solução para a poluição ambiental “fazer cocô dia sim, dia não”, o que gerou uma repercussão negativa. Em consonância com Koch e Elias (2018, p. 32), entendemos que “a seleção lexical é uma das mais importantes estratégias para uma boa argumentação” e podemos perceber que a escolha da cartunista não foi despretensiosa, pois permite ativar um conhecimento comum, a fala do presidente, que pode servir de fundamento para tese defendida por Laerte.

Comentário 1 → Reportado à charge 9



O usuário 1 rebate a charge defendendo que Bolsonaro fará um discurso melhor do que os proferidos por Lula e Dilma. O uso do “melhor” traz o conteúdo pressuposto de que aqueles não foram bem na ocasião de suas falas.

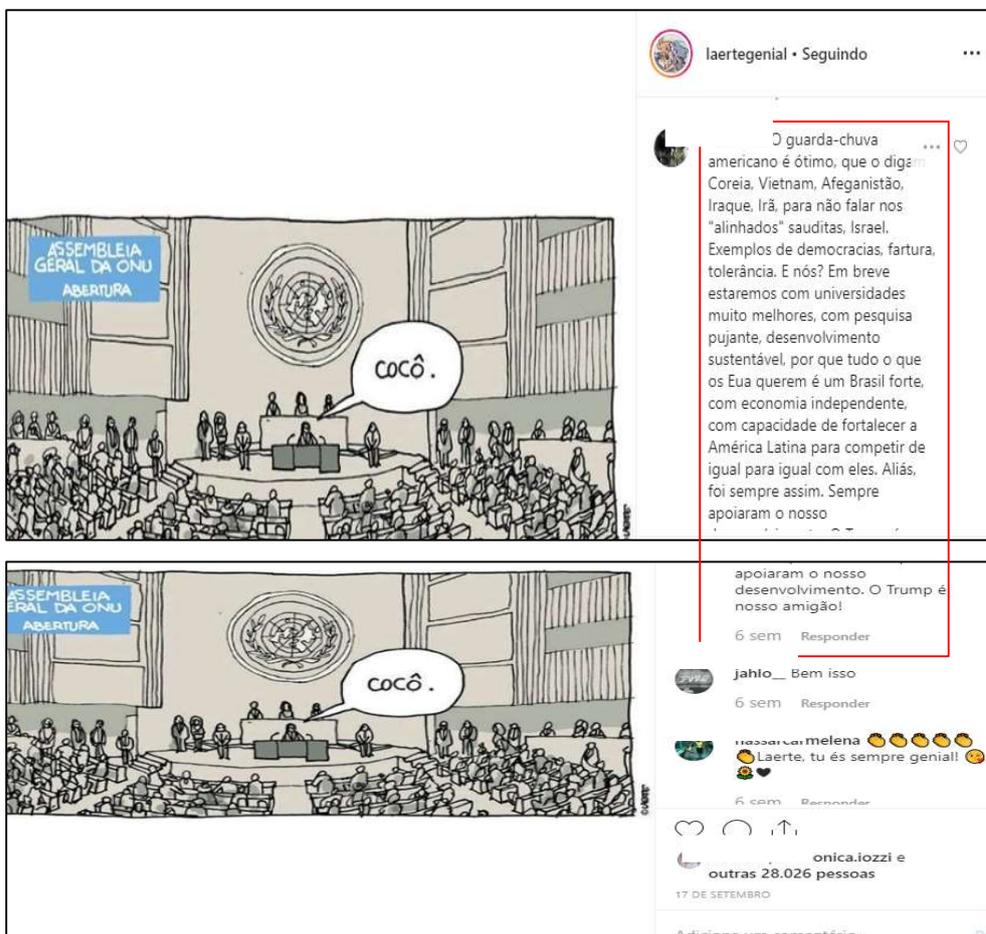
Embora o texto chargístico não tenha feito menção aos governos petistas, este usuário traz o tema para o centro da discussão, a fim de argumentar, por meio da comparação, em favor do governo atual. Para tanto, acusa, implicitamente, os ex-presidentes de terem uma agenda demagógica, isto é, pensada na manipulação das pessoas visando o poder político, o que não acontece, na sua visão, com a gestão do presidente atual.

Além disso, por meio de uma metáfora, que naturalmente viola a máxima da qualidade, o usuário afirma que o Brasil está sob proteção do governo americano

indicando que, por essa razão, estamos bem (“*em quanto (sic) o Brasil estiver embaixo do guarda-chuva (sic) americano estamos bem*”). Isso permite implicar que esta pessoa tem simpatia pelo governo dos Estados Unidos da América.

O conector “enquanto” corrobora com a força argumentativa, pois, conforme Koch e Elias (2018, p. 64), os operadores argumentativos são “responsáveis pela orientação argumentativa dos enunciados que introduzem”, que nesse caso sugere que a relação entre ambos os países é benéfica para o Brasil.

Comentário 2 → Reportado ao comentário 1



O usuário 2 também explora a máxima da qualidade, já que se apropria, além da metáfora, da ironia para contrariar o posicionamento do usuário 1, querendo dizer o contrário do que colocou, insinuando, assim, que ser protegido pelo governo americano é péssimo (“*O guarda-chuva americano é ótimo!*”). Dessa maneira, está implicado que ele não aprova essa relação de subordinação entre aquele governo e o

Brasil. Para defender sua tese, argumenta por meio de exemplos trazendo países como Afeganistão, Vietnã, Coreia, Irã, Iraque que, na sua visão, estão (ou estiveram) sob proteção dos EUA, no entanto não são bons exemplos de democracia e tolerância, já que flertam com totalitarismos de extrema-direita. Há também, nesse enunciado, a implicatura de que os Estados Unidos financiam golpes.

Esta pessoa implica que o Brasil está bem, independentemente da relação com o país americano. Para argumentar, traz como exemplo o progresso brasileiro no que diz respeito às universidades, à pesquisa, ao desenvolvimento sustentável. Em tom irônico, sugere que os EUA querem, na verdade, o nosso enfraquecimento econômico para tirar proveito disso. Aliás, não só do Brasil, como de toda América Latina (*“tudo o que os EUA querem é um Brasil forte, com economia independente, com capacidade de fortalecer a América Latina para competir de igual para igual com eles”*).

Percebemos, então, que o recurso da ironia foi utilizado com intuito de desestabilizar o usuário 1 e desqualificar a tese colocada por ele, isto é, para contra-argumentar que manter uma relação de dependência com o governo americano seja algo vantajoso para o povo brasileiro.

Comentário 3 → Reportado ao comentário 1

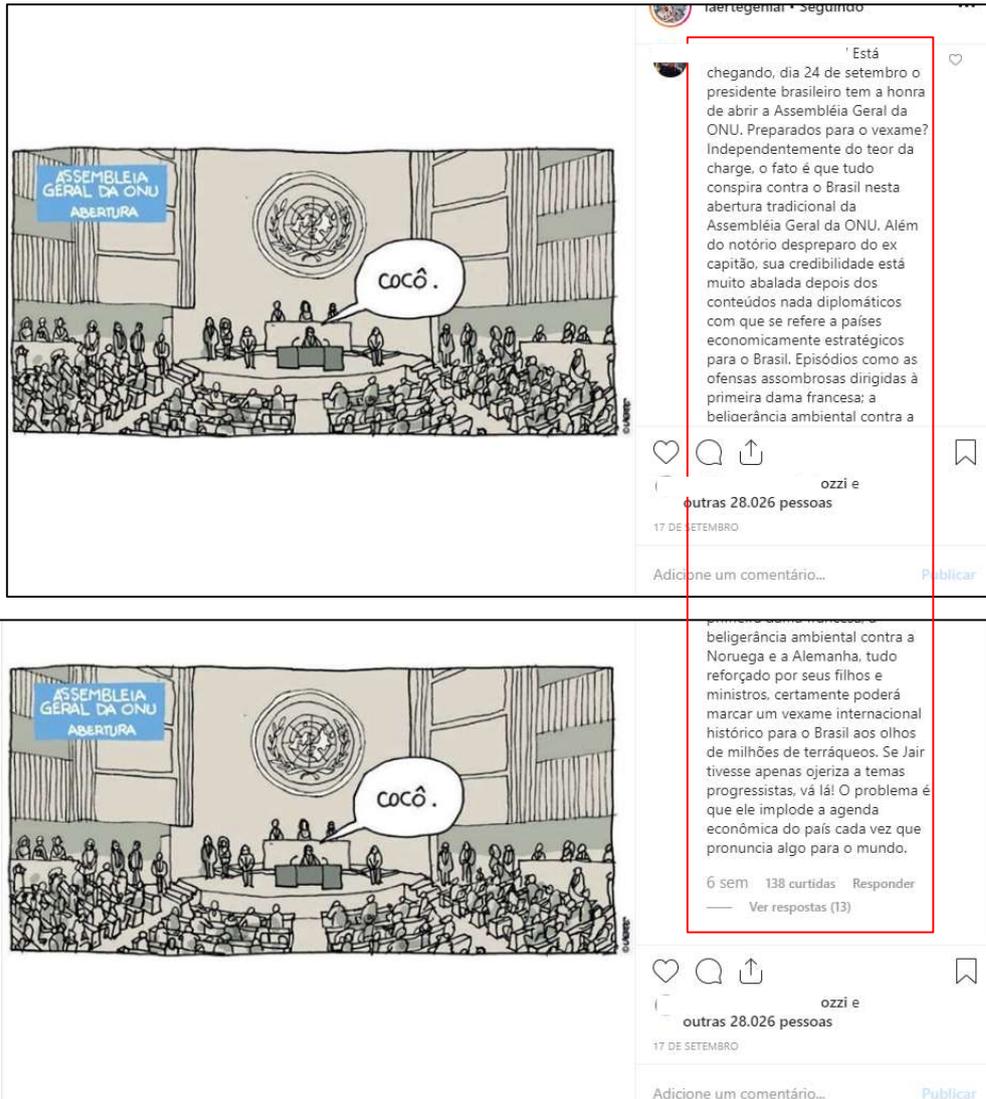


Assim como no comentário anterior, este terceiro usuário também traz o exemplo como contra-argumento. Dessa vez, o país mencionado é o Chile (“o mesmo guarda-chuva que protege(ia) o Chile, né?”). Sua intervenção é feita por meio de uma pergunta retórica, ou seja, é uma indagação que não objetiva uma resposta, mas sim provocar o oponente. Então, a máxima do modo é explorada.

No contexto do enunciado, o Chile atravessava uma crise político-social que resultou em uma onda de protestos contra o presidente Sebastian Piñera e as políticas neoliberais amparadas pela constituição em vigor, implantada desde a ditadura de Augusto Pinochet. É importante pontuar que os Estados Unidos apoiaram o golpe contra o país sul-americano, por isso, a associação feita pelo usuário.

Como nos coloca Koch (2018), na atividade de produção de sentido existem sempre elementos que não estão explícitos no texto e que precisam ser recuperados pelo leitor. Desse modo, pelo que foi colocado no comentário, é possível recuperar aquelas informações que não foram ditas explicitamente, mas que podem ser resgatadas pelos interlocutores, o que fortalece a defesa da tese do usuário 3. Assim sendo, por meio de um raciocínio dedutivo, esta pessoa implica que como a relação entre os Estados Unidos e o país chileno não foi positivo para este último, não será também para o Brasil.

Comentário 4 → Reportado à charge 9



O usuário 4 traz colocações, em sua intervenção, que reitera a tese implicada pela charge, sobre o despreparo do presidente. Para tanto, explora a máxima da quantidade, pois parece dar mais informações do que a situação exige. No entanto, percebemos que foi uma estratégia pensada a fim de argumentar de forma progressiva no texto, iniciado com uma espécie de introdução que aparenta ser favorável ao discurso do mandatário, visto que a escolha do léxico “honra” denota respeito, privilégio, destaque. (“o presidente brasileiro tem a honra de abrir a Assembleia Geral da ONU”).

No entanto, o excerto seguinte quebra a expectativa do leitor, porque dá lugar à crítica, sugerindo que nós, brasileiros, seríamos humilhados perante o mundo (“Preparados

para o vexame?). Ademais, este seguidor indica que o despreparo do mandatário prejudica a agenda econômica brasileira, já que compromete sua credibilidade diante de países economicamente importantes como França, Alemanha e Noruega.

Para defender seu posicionamento, o usuário 4 menciona dois acontecimentos, considerados anti-diplomáticos, protagonizados por Bolsonaro no mês anterior à reunião geral. Primeiro, a ofensa dirigida à primeira-dama francesa, Brigitte Macron, em que o presidente brasileiro julga sua aparência física, o que teve uma repercussão muito negativa; segundo, o desentendimento com a Alemanha e a Noruega por conta do bloqueio do repasse para o Fundo Amazônia, programa de prevenção ao desmatamento. Como pode ser observado, há muitas informações importantes, ditas implicitamente, que fundamentam a tese desse seguidor e, portanto, precisam ser recuperadas pelo leitor.

Comentário 5 → Reportado ao comentário 4



O usuário 1 volta a participar da discussão, no entanto em lugar de rebater as colocações feitas pelo seguidor 4, torna a comparar Bolsonaro com Lula / Dilma. Essa postura argumentativa denota fragilidade, porque não traz nada novo que fortaleça ou enfraqueça os argumentos do adversário. Assim, entendemos que a máxima da quantidade é explorada, dado que carece de informações que indiquem por que aqueles mandatários não foram bem em seus discursos. Com isso, esta pessoa implica, além do apoio ao presidente atual, uma despreocupação com

questionamentos direcionados ao chefe do planalto. O *emoji* colocado ao final da sua resposta corrobora com esta implicatura, pois indica uma exaltação ao presidente, já que, segundo Oliveira (2019, p.162), esse *emoji* faz referência ao meme de mito que consagrou Bolsonaro. 😎

Como pode ser observado ao longo das análises, as máximas de Grice (1982 [1975]) são exploradas frequentemente com propósitos argumentativos. Com isso, muitas implicaturas aparecem. O quadro que segue resume as ocorrências das máximas, que foram exploradas tanto nas charges quanto nos comentários, as implicaturas resultantes delas, os argumentos usados pelos interlocutores das interações.

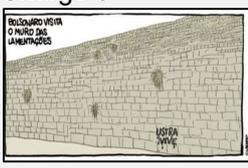
Quadro 2- Resumo das análises (continua)

	Máxima	Implicatura	Argumento	Tipo de argumento
Charge 1 	Relação Modo	A violência política incita a violência. Moradores de rua e indígenas são atacados costumeiramente.	O ódio aos direitos humanos é legitimado. Naturalização das mortes de indígenas e pessoas em situação de rua.	Raciocínio quase lógico Implícitos Metáfora
Comentário 1 Desfavorável	Relação Modo	Laerte não se importou com a morte do policial.	A vida do policial não importa.	Pergunta Implícitos
Comentário 2 Desfavorável	Qualidade Modo	Não concorda com o posicionamento do adversário.	“Já que está reclamando, faz uma entãõ?” (provocação)	Ironia Ad hominem
Comentário 3 Desfavorável	Qualidade Modo	O usuário não compartilha do mesmo pensamento que o locutor. Insatisfação com o tratamento recebido.	O adversário não compreendeu a crítica. (acusação) O policial também é vítima do discurso de ódio.	<i>Argumentum ad hominem</i> Exemplo
Comentário 4 Desfavorável	Relação Qualidade Quantidade	Que o usuário tem aversão a Lula e sua família. Postura antilulista.	Lula é mafioso. Filho do Lula é multimilionário.	Argumento do espantinho Definição
Comentário 5 Desfavorável	Relação	Lulinha enriqueceu de forma ilícita.	Lulinha enriqueceu de forma ilícita.	Intertextualidade Reportagem
Comentário 6 Desfavorável	Qualidade Modo	Quem é milionário não usa hospital de classe média. Milionário não vende ovos de páscoa. Simpatiza com a família de Lula.	O neto de Lula usufruiu de hospital de classe média. A filha de Lula vendeu ovos de páscoa.	Pergunta Implícitos Ironia

Quadro 2- Resumo das análises (continuação)

	Máxima	Implicatura	Argumento	Tipo de argumento
Comentário 7 Desfavorável	Qualidade Modo	Postura antibolsonarista.	A família de Bolsonaro é corrupta.	Ironia Dados reais Comparação
Charge 2 	Modo	Os conservadores extremos dizem uma coisa, mas fazem outra. O ódio está sendo disseminado.	Esse mesmo discurso já foi fracassado em outro momento histórico.	Intertextualidade <i>Slogan</i> Implícitos Ironia Exemplo histórico
Comentário 1 Desfavorável	Relação	Não compartilha do mesmo posicionamento que o presidente e seguidores. Pode ser adepto à tatuagem. Não tem preconceito com tatuagens.	Há uma generalização de que todas as pessoas que tatuam caveiras são bolsominions.	Pergunta Conectores Implícitos
Comentário 2 Desfavorável	Qualidade	Quem é de direita não é bem recebido no perfil. Pessoas de direita não compreendem a charge de Laerte.	As pessoas estão polarizadas e intolerantes.	Pergunta <i>Argumentum ad populum</i>
Comentário 3 Favorável	Modo	A cor da camisa sugere a vermelha que alude ao PT/comunismo. É perigoso ser petista.	Os ânimos estão inflamados em nosso país.	Implícitos Exemplo
Comentário 4 Desfavorável	Qualidade Relação	Laerte é preconceituosa. O locutor pode ser adepto a tatuagens.	Direciona o foco da tese para acusar Laerte.	<i>Argumentum ad hominem</i>
Comentário 5 Desfavorável	Qualidade Modo	Não compartilha do mesmo posicionamento do presidente.	Alusão ao nazismo.	Analogia
Charge 3 	Qualidade Modo	O atual presidente fomenta o ódio e a violência.	O presidente espalha ódio e mortes.	Metáfora Implícitos Ambiguidade Comparação
Comentário 1 Desfavorável	Qualidade Relação Modo	A comissão da verdade não merece crédito.	A comissão da verdade é uma mentira.	Ironia <i>Ad hominem</i>
Comentário 2 Desfavorável	Qualidade Modo	A comissão da verdade merece respeito. Compactua com o posicionamento de Ustra.	A comissão da verdade é verídica.	Exemplo <i>Ad hominem</i>
Comentário 3 Favorável	Qualidade	Não houve facada.	Bolsonaro é desprezível.	Metáfora

Quadro 2- Resumo das análises (continuação)

	Máxima	Implicatura	Argumento	Tipo de argumento
Comentário 4 Desfavorável	Qualidade Quantidade	Posicionamento político-ideológico oposto ao do interlocutor. A esquerda é intolerante.	Houve facada. O acusado não agiu sozinho.	Implícito Silogismo
Comentário 5 Desfavorável	Qualidade	A facada foi um jogo político. Bolsonaro é intolerante.	A facada não existiu.	Perguntas capciosas Implícitos
Comentário 6 Desfavorável	Qualidade	Os esquerdistas são intolerantes. Adélio não é maluco. A oposição tem envolvimento com o atentado.	Esquerdistas são intolerantes. Lula também faltou aos debates. Adélio tinha álibi. Adélio não é maluco.	<i>Tu quore</i> Analogia Implícito
Charge 4 	Modo Qualidade	Bolsonaro é uma ameaça à democracia. Os apoiadores de Bolsonaro são alienados.	Não há diálogo no governo atual.	Intertextualidade Argumento da divisão Implícitos Hipérbole
Comentário 1 Desfavorável	Modo	Posicionamento político-ideológico divergente do posicionamento da cartunista.	Crítica aos governos do PT.	Ironia Intertextualidade Comparação
Comentário 2 Desfavorável	Modo Qualidade	O usuário é antibolsonarista	Incapacidade do interlocutor de pensar criticamente	Comparação Ironia <i>Argumentum ad hominem</i>
Comentário 3 Favorável	Quantidade	Tentativa de cancelar a implicatura	Não foi compreendido	Argumento da não pertinência
Comentário 4 Desfavorável	Modo	Posicionamento político-ideológico de esquerda.	O adversário é defensor de Bolsonaro	Autofagia <i>Argumentum ad hominem</i>
Comentário 5 Desfavorável	Qualidade	Irritabilidade por não ser compreendido.	Não foi compreendido.	<i>Argumentum ad hominem</i>
Comentário 6 Desfavorável	Modo	Os antiesquerdistas reproduzem frases de efeito.	Não tem programa de governo na agenda de Bolsonaro.	Intertextualidade Ironia Implícitos
Charge 5 	Qualidade Modo	Bolsonaro é uma ameaça à democracia.	Incoerência no comportamento do presidente. Bolsonaro simpatiza com o regime ditatorial.	Metáfora Intertextualidade Raciocínio dedutivo
Comentário 1 Desfavorável	Modo	Consente com o posicionamento de Bolsonaro. É antidemocrático.	Defende Ustra.	Metáfora Ironia
Comentário 2 Desfavorável	Modo Qualidade	Prefere fazer oposição a ser eleitor de Bolsonaro.	Bolsonaro foi eleito pelo Whatsapp.	Ironia Implícitos

Quadro 2- Resumo das análises (continuação)

	Máxima	Implicatura	Argumento	Tipo de argumento
Comentário 3 Desfavorável	Modo	Polarização política. Rechaço ao PT.	Julgamento de Haddad.	Questão complexa Fato
Comentário 4 Desfavorável	Modo Qualidade	Alienação política do adversário.	Não tem pensamento crítico	<i>Argumentum ad hominem</i> Metáfora
Comentário 5 Desfavorável	Qualidade	O oponente não respeita a democracia.	O adversário é antidemocrático	<i>Argumentum ad hominem</i> Implícitos
Comentário 6 Desfavorável	Modo	O adversário é conivente com a tortura.	O adversário é incoerente.	<i>Argumentum ad hominem</i>
Comentário 7 Desfavorável	Qualidade	Apoio a torturador. Não considera Bolsonaro antidemocrático.	O PT se caracteriza como ditadura.	Pressuposto
Comentário 8 Desfavorável	Modo	Existe outra via além de Bolsonaro versus esquerda. Não é petista.	Fixação pela esquerda.	Perguntas
Charge 6 	Modo Qualidade	Bolsonaro é uma ameaça à democracia. Um governo antidemocrático legitimado.	O governo do atual presidente apresenta risco iminente aos direitos humanos.	Implícitos
Comentário 1 Desfavorável	Modo	Não existe/existirá tortura no governo de Bolsonaro.	A tortura de que todos falavam não se concretizou.	Ironia
Comentário 2 Desfavorável	Modo	Ignora os riscos que Bolsonaro oferece.	O adversário está alienado.	Provérbio Analogia Intertextualidade <i>Argumentum ad hominem</i>
Comentário 3 Desfavorável	Qualidade Modo	O oponente está alienado.	O adversário não consegue pensar criticamente.	<i>Argumentum ad hominem</i> Metáfora Silogismo
Comentário 4 Desfavorável	Qualidade	O presidente tem envolvimento com crimes de tortura.	Marielle foi vítima de violência política.	Exemplo Implícitos
Comentário 5 Desfavorável	Relação	Não se importa com a morte da vereadora.	Acusa Marielle de ter envolvimento com milícia.	Etimema Implícitos
Charge 7 	Modo Qualidade	Bolsonaro não tem preparo para ser presidente.	Bolsonaro é despreparado.	Hipérbole Metáfora Comparação
Comentário 1 Desfavorável	Modo	Não se importa com o incômodo de Laerte.	A cartunista está inconformada com a assunção de Bolsonaro.	Metáfora

Quadro 2- Resumo das análises (continuação)

	Máxima	Implicatura	Argumento	Tipo de argumento
Comentário 2 Desfavorável	Modo	Bolsonaro é despreparado. Insatisfação com o presidente.	Bolsonaro governa por rede social.	Implícitos
Comentário 3 Desfavorável	Qualidade Modo	Posicionamento político-ideológico convergente com o da cartunista.	Bolsonaro não é levado a sério pelos demais países.	Pergunta Hipérbole Metáfora
Comentário 4 Desfavorável	Qualidade Modo	Conformismo com o governo atual.	Associa o PT a ditadores.	Ironia Alusão
Comentário 5 Desfavorável	Modo Qualidade	O presidente tem envolvimento com milícias. Não votou em Bolsonaro.	Acusa o presidente de ter envolvimento com milícias.	Ironia <i>Argumentum ad hominem</i>
Comentário 6 Desfavorável	Modo	Não apoia nem o PT nem Bolsonaro.	Há outras vias na política.	Implícito <i>Argumentum ad hominem</i>
Charge 8 	Qualidade	Descaso do governo com pautas importantes.	Prioridade do governo com uso de armas.	Metáfora Implícitos
Comentário 1 Favorável	Modo	Reprova o governo de Bolsonaro.	Bolsonaro deve ser afastado.	Implícito (<i>hiperlink</i>)
Comentário 2 Desfavorável	Modo	Defende o governo de Bolsonaro.	Não concorda com o afastamento	Ironia
Comentário 3 Desfavorável	Relação	Os defensores de Bolsonaro são massa de manobra.	O seguidor é influenciável.	<i>Argumentum ad hominem</i>
Comentário 4 Desfavorável	Modo	O seguidor reprova o governo do PT.	O governo do PT causa dissabores.	Analogia
Comentário 5 Desfavorável	Modo Qualidade	Rechaço ao bolsonarismo.	Seu adversário aceita ser oprimido.	<i>Argumentum ad hominem</i> Comparação Metáfora Implícitos
Charge 9 	Modo Qualidade	Bolsonaro é despreparado.	O presidente não discursará com seriedade.	Implícitos Seleção lexical.
Comentário 1 Desfavorável	Qualidade	Simpatiza com o governo americano.	A agenda de Lula e Dilma era demagógica.	Comparação Metáfora Conectores
Comentário 2 Desfavorável	Qualidade	Não aprova a relação entre EUA e Brasil.	A relação entre o governo americano e o brasileiro não é bom para o Brasil.	Ironia Exemplo
Comentário 3 Desfavorável	Modo	A proteção dos Estados Unidos não é confiável.	A relação do Chile com o governo americano não foi boa.	Exemplo Pergunta Implícitos Raciocínio dedutivo
Comentário 4 Desfavorável	Quantidade	Despreparo do presidente.	A agenda econômica do Brasil está prejudicada.	Exemplos Implícitos Fatos

Quadro 2- Resumo das análises (conclusão)

	Máxima	Implicatura	Argumento	Tipo de argumento
Comentário 5 Desfavorável	Quantidade	Despreocupação com os questionamentos que envolvem o presidente.	Lula e Dilma não foram bem nos seus discursos.	Comparação

Fonte: elaborado pela autora

Após identificar as implicaturas que apareceram nas análises, consideramos importante representar o percentual de ocorrência de violação das máximas. Para isso, apresentamos dois gráficos: o primeiro, representa a ocorrência da violação das máximas nas charges; já o segundo, mostra como ocorreu nos comentários.

Representação das ocorrências de violação das máximas em gráfico:

Gráfico 1 – Exploração das máximas nas charges

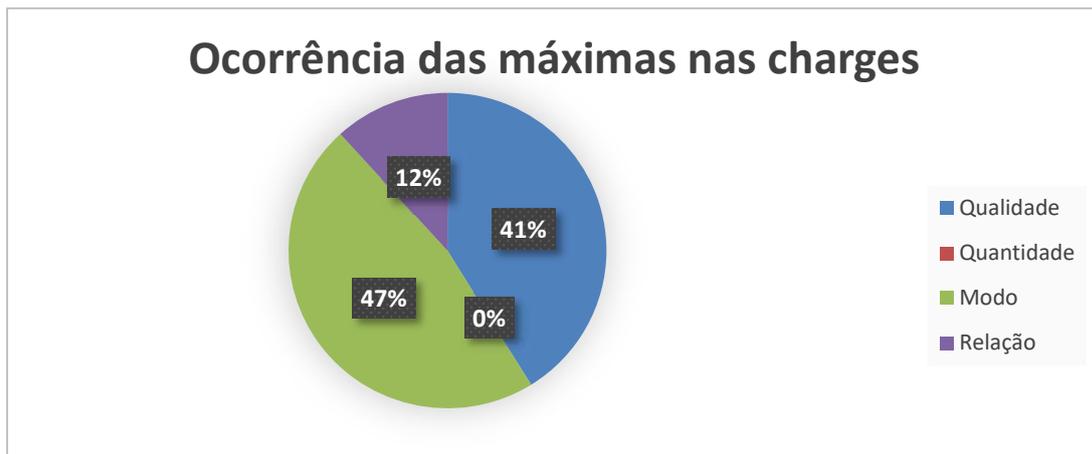
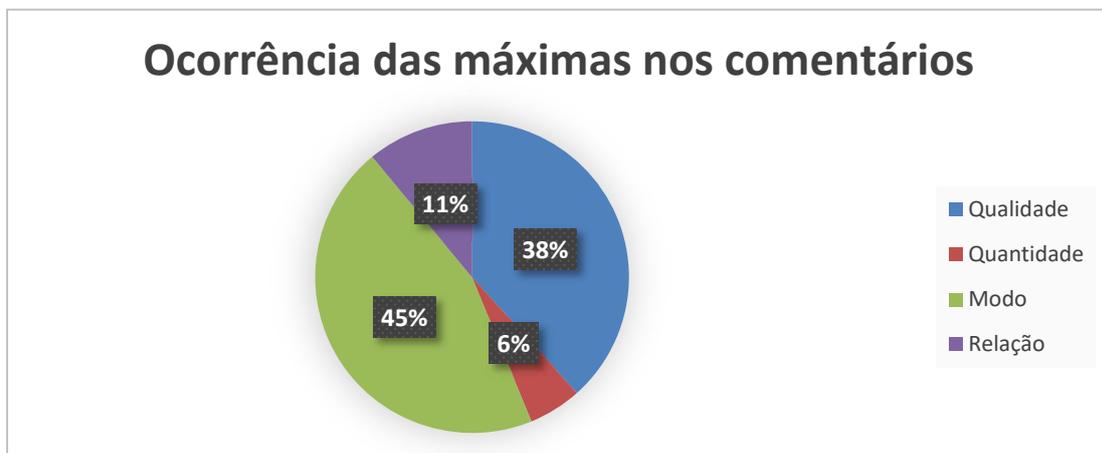


Gráfico 2 - Exploração das máximas nos comentários



Como é possível observar, tanto nas charges quanto nos comentários, houve mais ocorrência de violação da máxima do modo, que, diferentemente das demais máximas, não está relacionada ao conteúdo da informação, mas sim a como ela é dita. Isso ratifica que o modo como organizamos nossos enunciados orienta para determinada conclusão, como nos colocou Koch e Elias (2018), e que “é na espessura da língua que se forma e se transmite a argumentação” (Amossy, 2011, p. 132-133).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando nos comunicamos, fazemos muito mais que proferir enunciados, pois a linguagem nos permite realizar ações, ou seja, como nos explica Austin (1990), “todo dizer é um fazer”. Desse modo, considerando o gênero charge e seu papel social, percebemos que Laerte se posiciona criticamente, muitas vezes, com um humor ácido, para reclamar, denunciar, provocar reflexão e, conseqüentemente, argumentar.

Muito do que é argumentado em suas charges é resultado da combinação entre informações explícitas e implícitas. As inferências são, portanto, essenciais para a compreensão textual, pois por meio delas Laerte indica pistas que levarão o leitor a acionar seus conhecimentos prévios e chegar aos sentidos do texto. Como nos ratifica Koch e Elias (2018, p. 32, grifo nosso), “o uso da linguagem pressupõe **sempre** implícitos”. Nesse sentido, quando argumentamos pela linguagem, também argumentamos por implícitos, que são insinuados na superfície do texto. Além disso, em se tratando do texto chargístico, concordamos com (Flôres, 2002, p. 10, grifo nosso) que “o componente linguístico é corresponsável, juntamente com os componentes gráfico e imagético, pelo grau de informatividade e **poder argumentativo**, persuasivo da mensagem”. Ou seja, nesse gênero há um conjunto de elementos que precisa ser levado em conta na produção e, principalmente na compreensão do texto.

Pelo exposto, observamos nas análises das charges que os leitores precisaram fazer esforços e mobilizar seu conhecimento de mundo, pois as informações que não estavam ditas explicitamente tinham de ser recuperadas para que os sentidos fossem construídos, ou seja, precisaram ser cooperativos. Essas informações não ditas possuem uma orientação argumentativa muito forte.

Observamos que nesse processo argumentativo, as máximas de Grice foram exploradas com muita frequência. Contudo, é importante ressaltar, conforme Fiorin (2020), que as máximas griceanas não são regras que pautam a comunicação, elas são condições gerais de uso da linguagem. São princípios interpretativos. São essas condições gerais que nos permitem realizar as implicaturas. Dito de outro modo, os

usuários da língua não têm consciência “desses raciocínios pragmáticos”, mas fazem uso deles inconscientemente, como pode ser visto nas análises.

Quando alguma máxima é explorada, as implicaturas surgem, ou seja, falamos por implicaturas. No caso das charges que compõem nosso *corpus*, várias implicaturas foram disparadas pela exploração das máximas. Aliás, houve charges diferentes que implicaram a mesma tese. É importante salientar que se pode violar qualquer uma das máximas com o intuito de produzir certo efeito de sentido, no caso do nosso *corpus*, para argumentar.

Como a atividade argumentativa presume tanto intencionalidade, do locutor, como aceitabilidade, do alocutário, nas interações no perfil *@laertegenial* nem sempre o debate é moderado, pois por se tratar de cartunista de grande reconhecimento nacional e de posições político-ideológicas bem demarcadas, é natural que sua tese seja aceita ou refutada pelos seguidores do perfil, já que nem todos têm ideias convergentes com as suas. Por isso, enxerga-se, na charge, um posicionamento claro, marcado por um discurso argumentativo implícito que revela os valores, as ideologias, as crenças, as posições de Laerte. Cabe ao leitor, guiado pelo princípio cooperativo, identificar esses argumentos e compreender o que ela quer significar com isso.

No caso do *Instagram*, a leitura das charges provoca manifestações das mais variadas formas no espaço dos comentários. É nesse espaço que percebemos as interações reais. Por isso o interesse em observar como os princípios conversacionais de Grice funcionam nas interações reais, ainda que virtuais. Quando há concordância ou discordância daquilo que está posto, o espaço dos comentários é o lugar de argumentar e contra-argumentar.

Assim como nas charges, nos comentários argumentativos os usuários também exploram as máximas griceanas de forma estratégica. Naquele gênero, a argumentatividade aparece com mais consistência, já que Laerte une suas ideias com elementos fortes que fortalecem o argumento e o faz mais coerente. Já nos comentários, percebemos pouca consistência na argumentação, porque muitos

seguidores, no lugar de discutir as teses ali colocadas, demonstram intolerância à opinião do outro, conduzindo o debate para o ataque pessoal e até a violência verbal. Então, notamos que muitos dos argumentos explorados nos comentários são falaciosos.

Observamos também que quando um usuário ou outro capta a implicatura de Laerte de outra forma ou quando a distorce, seja por não concordar ou até mesmo pela não mobilização do conhecimento prévio, abre-se nesse espaço uma interação à parte, em que os usuários discutem entre si. Com isso, outras implicaturas vão aparecendo gradativamente. No caso das nossas análises, a grande maioria desses comentários foi desfavorável a algum argumento anterior.

Nesse sentido, a exploração das máximas conversacionais teve uma função argumentativa nas interações analisadas, visto que a transgressão aconteceu de forma intencional, a fim de causar um efeito em seu interlocutor por meio de implicaturas, seja criticar, contestar, provocar, persuadir, denunciar. Por isso, mesmo violando essas máximas, Laerte, assim como os demais usuários, ainda estão sendo cooperativos na negociação de sentidos.

A partir do exposto, compreendemos que nas interações do *Instagram* de *@laertegenial* há muita convivência de pontos de vista antagônicos e, por isso, os usuários estão sempre em confronto para refutar as ideias que divergem ou validar aquelas que convergem, ou seja, estão em interação, o que viabilizou nossa proposta de observar a comunicação nessa rede social e perceber como os seus usuários se comportam em termos de linguagem, respondendo, portanto, nossas hipóteses. Desse modo, este espaço virtual é interessante para observar interações reais e fazer análises pragmáticas.

Embora a teoria da conversação seja capaz de explicar as nossas interações, como já sinalizava Koch (2018, p.28), a teoria de Grice “não dá conta de toda a ‘malícia’ e manipulação tão presentes na interação verbal humana”, sobretudo no ambiente virtual dada sua complexidade do uso da linguagem neste espaço. Portanto, este

trabalho é uma contribuição para as pesquisas nesta área, mas não se esgota nesse texto.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. A. **A argumentação no discurso**; Coordenação de tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio- Ferreira; tradução de Angela M. S. Corrêa... [et al]. São Paulo: Contexto, 2020.

_____ (2011). **Argumentação e Análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares**. *Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação*, (1), 129-144. Recuperado de <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/389>

ANSCOMBRE, J. C.; DUCROT, O. **La argumentación en la lengua**. Versión española de Julia Sevilla y Marta Tordesillas. Editorial Gredos, S.A., Sánchez Pacheco, 81, Madrid, 1994.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras em ação**. Tradução: Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. (tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira / revisão da tradução Marina Appenzellerl. – 2ª ed. – São Paulo Martins Fontes, 1997.

BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. Tradução: Milton Camargo Mota. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BOLSONARO: "tortura", "golpe", "guerra civil", "matar 30 mil". [s. l.; s.n.] 1999, 1 vídeo (2:10 min). Publicado pelo canal Subv ertase. Disponível em: [Bolsonaro: "Tortura", "Golpe", "Guerra civil", "Matar 30 mil" - YouTube](#). Acesso em 20 de agosto de 2021.

CABRAL, A. L. T.; LIMA, N. V. de. **Argumentação e Polêmica nas Redes Sociais: O Papel de Violência Verbal**. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 73, jan. 2017. ISSN1982-2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/8004>>. Acesso em: _____. doi: <http://dx.doi.org/10.17058/signo.v42i73.8004>.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

CAVALCANTI, M. C. C. **Multimodalidade e argumentação na charge**. 2008. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

COSTA, S.R. **Dicionário de gêneros Textuais**. 3. ed. Rev. Ampl. 2. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

DIONÍSIO, A. P. **Gêneros multimodais e multiletramento**. In: Gêneros textuais: reflexões e ensino. Acir Mário Karwoski, Beatriz Gaydeczka, Karim Siebeneicher Brito (organizadores). – Palmas e União Vitória, PR: Kaygangue, 2005.

FIORIN, L. J. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2020.

FLÔRES, O. **A leitura da charge**. Canoas: Ed. ULBRA, 2002.

GATO. In: DICIO: Dicionário Online de Português. Disponível em <https://www.dicio.com.br/gato>. Acesso em 08 de julho de 2019.

GERHARDART, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa** / [organizado por] e coordenado pela Universidade Aberta Brasil – UAB / UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica- Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD / UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GRICE, H. P. **Lógica e conversação**. In: DASCAL, Marcelo. (org.) Fundamentos metodológicos da Linguística. Pragmática. V. 4. Campinas, 1982 [1975], p. 81-103.

INSTAGRAM: @laertegenial. Disponível em [Laerte @laertegenial](https://www.instagram.com/laertegenial) • Fotos e vídeos do Instagram. Acesso em 05 de março de 2019.

KOCH, I. V. **A inter-ação pela linguagem**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto: 2018.

KOCH, I. V.; BENTES, A. C; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

LACRADOR. In: DICIO: Dicionário Online de Português. Disponível em <https://www.dicio.com.br/lacrador>. Acesso em 08 de julho de 2019.

LAERTE. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa24989/laerte>. Acesso em: 20 de julho de 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

LEVINSON, S. C. **Pragmática**. Tradução: Luís Carlos Borges e Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LINS, M. P. P. **Explicando o humor pela pragmática**. Vitória: PPGEL-UFES, 2016.

_____. **A pragmática e a análise de textos** In: Revista contextos linguísticos. Vitória: PPGEL-UFES, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MONNERAT, A.; SARTORI, C. Boato sobre Marielle mistura Siciliano, Mangueira e assessora da vereadora. **Estadão**, 22 de março de 2019. Disponível em: [Boato sobre Marielle mistura Siciliano, Mangueira e assessora da vereadora \(estadao.com.br\)](http://estadao.com.br). Acesso em 20 de agosto de 2021.

OLIVEIRA, M. L. S. **Construção tópica e mecanismo de (im)polidez em interações do Facebook: uma análise pragmática dos recursos imagéticos digitais**. 2019. 404 f. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.

OLIVEIRA, R. P.; BASSO, R. M. **Arquitetura da conversação: teoria das implicaturas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2014.

PERELMAN, C.; **Tratado da argumentação**. [prefácio Fábio Ulhôa Coelho; tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira]. – São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PICHAR. *In*: DICIO: Dicionário Online de Português. Disponível em <https://www.dicio.com.br/pichar>. Acesso em 08 de julho de 2019.

PLATIN, C. **A argumentação**. Tradução: Marcos Marcionillo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RAMOS, P. **Tiras e piadas: duas leituras, um efeito de humor**. 2007. 224f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

REYES, G. **El abecé de la pragmática**. Cuadernos de lengua española 23. Arco libros, S.L. 2007. 7ed. Madrid.

THEODORO, H. G. S. **Transgeneridade, mídia e consumo: um estudo de caso das visibilidades midiáticas de Laerte Coutinho**. 2016. 156f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo) - Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2016. Disponível em:< <https://tede2.espm.br/handle/tede/78>> acesso em 08/08/2019.

ANEXO I

CHARGE DE RENATO AROEIRA

CRIME CONTINUADO

